



UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPGP
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO - MPEDU

VERIDIANE ROSA DA SILVA

HISTÓRIAS ORAIS TEMÁTICAS E REAVIVAMENTO DA IDENTIDADE
SOCIOCULTURAL NA VILA COMPRA FIADO EM BREJO SANTO - CE

CRATO - CEARÁ 2022

VERIDIANE ROSA DA SILVA

**HISTÓRIAS ORAIS TEMÁTICAS E REAVIVAMENTO DA IDENTIDADE
SOCIOCULTURAL NA VILA COMPRA FIADO EM BREJO SANTO - CE**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Educação do Centro de Educação, da Universidade Regional do Cariri, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Educação.
Área de Concentração: Formação de Professores, Currículo e Ensino.
Orientador: prof. Dr. Claudio Rejane Dantas

Ficha Catalográfica elaborada pelo autor através do sistema
de geração automático da Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri - URCA

Silva, Veridiane Rosa da

S586h Histórias Orais Temáticas e Reavivamento da Identidade Sociocultural na Vila Compra Fiado em Brejo Santo - CE / Veridiane Rosa da Silva. Crato-Ce, 2022. 122p. il.

Dissertação. Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri - URCA.

Orientador(a): Prof. Dr. Cláudio Rejane da Silva Dantas

1.História oral temática, 2.Reavivamento cultural, 3.Narrativas literárias, 4. Memória social coletiva, 5.Educação comunitária; I.Título.

CDD: 370.71



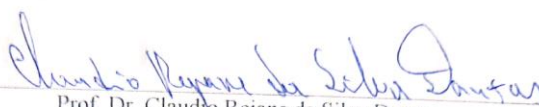
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PRPGP
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO -
MPEDU

FOLHA DE APROVAÇÃO

Assinaturas dos/as membros/as da comissão examinadora que avaliou e aprovou a defesa de Dissertação de Mestrado da da candidata Verdiane Rosa da Silva, realizada em 22 de dezembro de 2022.

Aprovada em: 22 Dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Claudio Rejane da Silva Dantas
Orientador(a) do MEPDU/URCA



Profa. Dra. Cicera Sineide Dantas Rodrigues
Membro Interno do Programa/URCA



Profa. Dra. Elzanir dos Santos
Membro Externo do Programa/UFPB/DME



Profa. Dra. Francione Charapa Alves
Membro Interno do Programa/URCA

DEDICATÓRIA

A mamãe, *in memoriam*, a papai, aos meus filhos e ao meu esposo.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai que sempre me incentivou a estudar, a acreditar nos sonhos.

A minha mãe, *in memoriam*, pelo seu amor incondicional, pelo exemplo de força.

Aos meus irmãos, que trabalharam junto com meus pais enquanto eu estudava, por sempre festejar cada conquista minha e me encorajar quando o cansaço chegava.

Ao meu companheiro, Alessandro Moura, pelo exemplo, por todo apoio e, principalmente, por me fazer acreditar que eu posso mais.

Aos meus filhos, Alan e Viviane, por serem tão compreensivos, amorosos e especialmente dedicados aos estudos, desafiando-me a também querer desbravar o mundo do conhecimento. Vocês me fazem ser uma pessoa melhor a cada dia.

A minha primeira professora, Ilza Maria de Jesus (madrinha Ilza).

A professora Socorro Inácio que me apresentou o ato de ler como algo prazeroso.

Aos meus amigos, Sandra Sousa, Tamara Bezerra, Artur Andrade e Rebeca Baía, pelas dicas de leitura, por todos os momentos de escuta e partilhas amorosas.

A todos os moradores da Vila Compra Fiado, por serem inspiração para essa pesquisa, em nome de Silvaneide Rosa e Sonia Sousa.

Aos meus professores do Mestrado: Dra. Sineide, Dr. Magérbio, Dr. Glauberto, Dr. Hemerson Ribeiro, Dra. Francione Charapa, Dra. Cicera Nunes, Dr. Josiê e ao meu professor e orientador Dr. Claudio Rejane.

Um agradecimento especial aos meus ancestrais, o meu bisavô Canuto, a minha bisavó Ana, os meus avós paternos Manoel Canuto e Marcionília Alexandrina pela sua luta incansável para deixar as terras do Compra Fiado como herança aos que vieram depois deles.

Enfim, agradeço a essa força suprema que chamamos de Deus.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Capa de “A Cartilha da Ana e do Zé”.....	12
Figura 2: Aula de artes com alunos do 2º ano em 2013	19
Figura 3: Releitura de obras de arte	20
Figura 4: Momento de visita e leitura na biblioteca municipal de Brejo Santo, em 2013.	20
Figura 5: Crianças acessando a casinha de livros	22
Figura 6: Criança com versão infantil de ‘Iracema’	24
Figura 7: Roda de histórias	65
Figura 8: Capa do livro História de Família.....	68
Figura 9: Biografia de Alan Silva.....	68
Figura 10: Dona Marcionília e Manoel Canuto	69
Figura 11: Roda de leitura.....	71
Figura 12: Acervo de livros do projeto.....	71
Figura 13: Festa junina organizada pela comunidade no dia 25 de junho 2022	72
Figura 14: Os pés de jatobá em 2021- primeiro encontro com a comunidade.....	75
Figura 15: Os pés de jatobá nos anos 1980.....	76
Figura 16: Os pés de jatobá nos anos 1980 - Missa da Primeira Eucaristia das crianças da época.....	76
Figura 17: Os pés de jatobá em 2022 - após o início das atividades do comunitário	77
Figura 18: Alunos do Centro de Educação Infantil Vovó Ducarmo.....	78
Figura 19: Sonia Sousa	81
Figura 20: Silvaneide Rosa	81
Figura 21: Veridiane Rosa	82
Figura 22: Roda de histórias com visitantes	89
Figura 23: Festa das crianças (ano 2021) organizada pela comunidade	89
Figura 24: Moradores da comunidade lendo embaixo dos pés de jatobá.....	90

LISTA DE QUADRO

Quadro 1: Descritivo das atividades realizadas	58
--	----

Sumário

PRIMEIRAS PALAVRAS	9
1 APRESENTANDO O LUGAR, AS PESSOAS E SUAS HISTÓRIAS: UMA INTRODUÇÃO	26
2 MEMÓRIA SOCIAL, HISTÓRIA ORAL E LEITURA LITERÁRIA	30
2.1 Memória Coletiva e fortalecimento da identidade cultural comunitária	30
2.2 História oral temática: a preservação do sentimento de pertença.....	34
2.3 Leitura literária como recurso para o desenvolvimento social e cultural	41
3 HISTÓRIA ORAL E FORTALECIMENTO DA PERTENÇA CULTURAL COMUNITÁRIA À LUZ DA PEDAGOGIA FREIREANA	46
4 COMUNIDADE: UM TERRITÓRIO EDUCATIVO	51
5 CAMINHOS METODOLÓGICOS E RESULTADOS DA PESQUISA	56
5.1 A pesquisa-ação e a história oral temática.....	64
5.2 O contexto da pesquisa: a comunidade da Vila Compra Fiado e os pés de jatobá	66
5.3 O processo de recolha e transcrição das histórias	72
5.4 A pesquisa e suas contribuições para a comunidade	74
6 AS PESSOAS POR TRÁS DAS NARRATIVAS	84
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
8 REFERÊNCIAS	93
9 WEBLIOGRAFIA	99
10 APÊNDICES	101
APÊNDICE A: O que há por trás de um rodopio?.....	101
APÊNDICE B: No sertão, a criança pesca com a mão.....	103
APÊNDICE C: O sonho de voar	104
APÊNDICE D: Ficha de autorização01	107
APÊNDICE E: Ficha de autorização02.....	108
11 ANEXOS	109
ANEXO A - Procuração que nomeia o Padre Álvaro Lustosa Teixeira de Freitas como representante da Congregação Salesiana do Norte do Brasil na cidade de Juazeiro do Norte-CE	109
ANEXO C - Livro onde consta a escritura original das terras da comunidade...	111
ANEXO D - Escritura Pública da Vila Compra Fiado - Página 157.....	112
ANEXO E - Verso da página 157.....	113
ANEXO F - Escritura Pública da Vila Compra Fiado Página 158.....	114
ANEXO G - Escritura original, verso da página 158.....	115
ANEXO H - Escritura original página 159.....	116

ANEXO I - Verso da página 159.....	117
ANEXO J - Escritura pública de compra e venda - documento transcrito para a forma digital/impresso	118
ANEXO L - Segunda página da Escritura Pública de compra e venda das terras da Vila Compra Fiado	119
ANEXO M - Terceira e última página da Escritura Pública de compra e venda das terras da Vila Compra Fiado.....	120

RESUMO

O presente trabalho versa sobre os entrelaçamentos existentes entre as histórias orais temáticas e o reavivamento da identidade sociocultural da comunidade da Vila Compra Fiado, no município de Brejo Santo-Ceará. O objetivo geral da pesquisa foi identificar/mapear as memórias da comunidade da Vila Compra Fiado, visando fortalecer a identidade sociocultural através das rodas de conversa e da leitura literária. Nessa perspectiva, as pessoas da comunidade da Vila Compra Fiado, envolvidas na pesquisa, puderam, simultaneamente, reavivar a experiência de conhecer as histórias uns dos outros e conhecer a si mesmos, possibilitando o fortalecimento da identidade sociocultural da comunidade como um todo. A análise teórica baseou-se em alguns autores, tais como Freire (2011, 2021), Halbwachs (1990), Thompson (1992), Bosi (1994), dentre outros. Metodologicamente, a pesquisa apresenta caráter participativo e de pesquisa ação, sendo integralizada através das narrativas partilhadas em rodas de histórias, em que se entrelaçaram leituras literárias e partilhas de histórias orais temáticas. Nesse contexto, a pesquisa teve como foco as histórias orais temáticas de moradores da Vila Compra Fiado, que retratam memórias da infância. A grosso modo, o trabalho aqui apontado se inicia com a narrativa pessoal da pesquisadora, no tópico “Primeiras Palavras”, justificando a identificação pessoal da mesma com a temática e a comunidade pesquisada; segue-se abordando tópicos relevantes tais como a apresentação dessa comunidade e os conceitos de leitura literária, memória social e história oral. Em continuidade, apresenta-se a etapa empírica da pesquisa participativa, revelando o processo de recolha, análise e interpretação de dados. A análise das narrativas dos participantes possibilitou identificar a leitura literária como instrumento de desenvolvimento social conjunto e a valorização da memória coletiva como fator de fortalecimento da identidade cultural. Por fim, foram escolhidas algumas das narrativas pesquisadas/coletadas e, através do processo de transcrição, essas narrativas foram transformadas no produto final deste trabalho: livros literários capazes de salvaguardar as narrativas para a posteridade.

Palavras-chave: história oral temática; reavivamento cultural; narrativas literárias; memória social coletiva; educação comunitária.

ABSTRACT

This work verses about the knots existent between the thematic oral stories and the revival of social-cultural identity in the community of Vila Compra Fiado, situated in Brejo Santo- Ceará. The main goal of this research was to identify/map the memories of Compra Fiado's community, aiming to reinforce the socio-cultural identity through the circles of conversation and literary reading. In this sense, people from the community, evolved within the research, could simultaneously revive the experience of acknowledging each other's stories and to know themselves, making it possible to reinforce the whole sense of socio-cultural identity of the place. The theoretical analysis was based on some authors, such as Freire (2011, 2021), Halbwachs (1990), Thompson (1992), Bosi (1994), among others. Methodologically, the study has a participative nature, being integralized via the narratives shared in story circles, in which there were merged literary readings and the sharing of thematic oral stories. In such context, the research had as its focus the thematic oral stories of the habitants of Vila Comprar Fiado, which portray childhood memories. Mainly, the work here pointed begins with the researcher's own personal track, on the topic named "First Words" ("Primeiras Palavras"), justifying her personal identification with the theme and the community studied; it follows by addressing the relevant topics, such as the presentation of this community and the concepts of literary reading, social memory and oral story. Forwarding, it presents the empirical part of participative research, casting the process of collection, analysis and data interpretation. The observation of the participants' narratives made it possible to identify literary reading as a tool for joint social development and the valuation of community memory as a factor of reinforcement of cultural identity. Finally, some of the collected/studied narratives were chosen and, over the process of transcreation, were transformed into the final product of this piece: literary books capable of safeguarding the narratives for posterity.

Keywords: thematic oral story; cultural revival; literary narratives; collective social memory; communitary education.

PRIMEIRAS PALAVRAS

Trabalhar as questões da identidade, expressões de nossa existencialidade, através da análise e da interpretação das histórias de vida escritas, permite colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida.

Marie-Christine Josso

Por meio desse texto, venho fazer uma narrativa, um retorno às passagens da minha própria história¹, a fim de refletir, a partir dela, sobre as memórias que permeiam o meu lugar, o meu povo. Tal qual Paulo Freire em “A Importância do Ato de Ler”, proponho-me a usar a minha trajetória educacional e cultural como ponto de partida para um debate mais abrangente sobre o meio que me construiu como ente socialmente ativo. Com base em minhas memórias, engajadas com as da minha família, ergo um debate sobre História Orais Temáticas dos moradores da Vila Compra Fiado-CE.

Meu nome é Veridiane Rosa da Silva, moro em uma comunidade rural chamada Vila Compra Fiado, no município de Brejo Santo-CE, na região do Cariri-CE. Sou filha de dona Valdeci Rosa da Silva e do senhor Francisco Canuto da Silva, mais conhecido como seu “Pingo”. Sou mãe de Alan e Viviane Silva. Tenho nove irmãos: sete mulheres e dois homens.

Assim como Freire (2011) precisou rememorar a sua prática, revisitar suas lembranças da infância e da adolescência para poder escrever sobre a importância do ato de ler, eu necessito fazer esse retorno no tempo para escrever a minha narrativa autobiográfica. Preciso retornar, especialmente, à casa onde nasci e vivi até quase o final da minha adolescência. Só realizando esse percurso eu posso falar sobre a minha escolha profissional, sobre as experiências que marcaram a minha trajetória pessoal, acadêmica e, por conseguinte, sobre os projetos futuros nos variados campos da minha vida.

Como se pode perceber através da breve apresentação que realizo no início desse texto, eu sou parte de uma família bem numerosa. Os meus pais eram agricultores e eu sou a filha caçula do casal. Minha mãe costumava contar que foram três longos dias sentindo as dores do parto para eu poder nascer. Ela também relatava que quando eu tinha apenas um mês de vida,

¹ Abre-se um parêntese para salientar que o uso da primeira pessoa do singular no texto de abertura justifica-se por se tratar de um relato de experiências vividas pela autora da pesquisa. Inclusive, de certa forma, explica a escolha da temática da pesquisa. No restante do texto da pesquisa, usa-se a forma impessoal, forma esta mais comum em textos acadêmicos/científicos.

quase fui a óbito; por conta da saúde tão delicada, eu me tornei uma criança bem trabalhosa. Sempre que eu escutava essa história ao meu respeito, sentia um aperto no peito e um sentimento de dívida com aquela mulher e com o meu pai. A vida para eles nunca foi fácil. Quando eu nasci, a minha mãe já tinha 44 anos, já havia dado à luz a dez filhos, todos nascidos de parto normal. Uma filha havia falecido dois anos antes do meu nascimento.

Eu crescia e, à medida que o tempo passava, aumentava em mim a vontade de ajudar os meus pais, de cuidar deles assim como eles cuidavam de mim. Nos anos 90, as crianças só podiam se matricular na escola aos sete anos de idade, essa era a nossa realidade. Não tínhamos creches e nem acesso à pré-escola para as crianças, o que, todavia, não me impediu de começar a ler cedo. Por volta dos cinco anos, eu conseguia ler algumas palavras, frases, já adentrava nesse mundo onírico que é a leitura. Como os meus irmãos frequentavam a escola, eu podia acessar aquele portal mágico que se apresentava diante de mim, através dos seus livros e cadernos. Lembro-me de ficar perguntando sobre as letras, sobre os sons que elas formavam quando estavam juntas e, mesmo entrando na escola um pouco tarde, ao comparar com a realidade atual, eu consegui desenvolver algumas das habilidades necessárias na faixa etária infantil.

Com as minhas primas, realizei muitas atividades lúdicas que contribuíram para o refinamento da parte motora e demais áreas essenciais da aprendizagem. Costumávamos brincar de fazer bonecos, panelas, animais e outros objetos utilizando a argila que nós mesmas recolhíamos no quintal de casa. As salas de aula imaginárias também faziam parte das nossas brincadeiras e eu sempre assumia o papel de professora da turma. Produzíamos, também, belas bonecas de sabugo de milho e para cada uma delas, uma roupinha. O mundo de fantasias e faz de conta estava sempre presente em nossas brincadeiras, ascendiam conosco das areias esbranquiçadas perto das várzeas até a copa das árvores em que subíamos. Brincávamos de tudo um pouco. A gente jogava castanha, bola, bila, peteca, pião, futebol... Na verdade, o futebol era a paixão da maioria das crianças da minha idade, independentemente de ser menino ou menina, todos jogavam.

Eu vivenciei muitas situações que, a meu ver, encorajaram-me a não desistir dos desafios que a vida apresentava. Montar cavalo e ir pastorear o gado enquanto comiam capim na parede do rio que cortava a terra do meu pai, foi uma das atividades que mais gostei de praticar durante toda a infância. Além disso, costumava cruzar a mata fechada para levar o almoço aos meus irmãos que estavam na roça. Aquele era um trajeto que me remetia às famosas “Histórias da Caipora” contadas pelos caçadores da comunidade.

Nesse mesmo trajeto, muitas vezes vi cobras cruzarem o meu caminho, escutava o barulho da raposa embrenhada na mata... Dessa fase da minha vida também vem as lembranças das músicas que eu gostava de ouvir no rádio à pilha da minha casa. Entre as preferidas, no topo da lista, está “Lua e Flor”, de Osvaldo Montenegro. Sem saber, eu apreciava poesia em forma de música. Tudo isso tem uma forte relação com o meu fazer pedagógico, pois eu gosto de alunos que são dinâmicos em sala, acredito que é em movimento que o ser humano aprende mais e melhor.

Em 1988, aos 7 anos de idade, tive a oportunidade de ir para a escola, foi uma grande festa. A Escola Manoel Reginaldo Bezerra ficava localizada numa comunidade vizinha à Vila Compra Fiado, atendia as crianças de várias comunidades e de diferentes faixas etária, era um lugar onde todos se conheciam, partilhavam das mesmas vivências e dificuldades. O prédio não era rodeado por muros, contava com sala única, cercada por um enorme terreiro, onde costumávamos brincar à sombra de um juazeiro na hora do recreio.

A distância entre a escola e a minha casa, de mais ou menos 2 km, era percorrido diariamente a pé por mim e por minhas irmãs e era extremamente divertido, pois aproveitávamos a caminhada para ir brincando e conversando com os primos e amigos. Guardo muitas memórias boas dessas andanças pelo caminho da escola, das idas e vindas jogando pega-pega naquela estrada de chão. No primeiro dia de aula, ganhei um caderno de escrita cuja contracapa tinha o hino nacional e onde, ironicamente, escrever era um desafio, por causa de suas folhas amareladas e frágeis, que pareciam jornais. Porém, teve a cartilha da Ana e do Zé! Ela foi a primeira porta que se abriu para o mundo de possibilidades que a leitura pode proporcionar. Apesar de ser algo que já chegava pronto nas escolas, de alguma forma ela apresentava um pouco da realidade que circundava as crianças do campo. A capa da cartilha trazia a imagem de duas crianças que precisavam ajudar os pais nas atividades do dia a dia, mostrando as dificuldades que a maior parte das crianças do campo precisavam enfrentar para poderem estudar. Conforme podemos ver na figura 01 logo abaixo:

Figura 1: Capa de “A Cartilha da Ana e do Zé”



Fonte: <http://www.aratubaonline.com.br/2019/03/nossos-sinceros-agrdecimentos-aos.html>

Ainda me recordo das imagens que ilustravam a cartilha, já que essas eram as que melhor se aproximavam do dia a dia das crianças do campo. Todavia, faltava engajamento entre texto verbal e não verbal, de modo a se articular diretamente ao contexto vivido por aquelas crianças e adolescentes de idade tão variada que estavam ali. Hoje em dia, enquanto pedagoga, reconheço a superficialidade do conteúdo que o material trazia, com suas palavras e frases padronizadas que não refletiam nossa realidade cultural.

As atividades contidas na cartilha da Ana e do Zé eram, na maioria das vezes, realizadas de forma mecânica e pouco reflexiva, baseando-se na repetição e no ato de decorar. Eu, leitora voraz desde as primeiras oportunidades que me foram concedidas, “devorei” esse material beirando a avidez repetidas vezes, já que frases como “Eva viu a uva, “A ave é do Ivo” eram a única coisa que tinha para ler. Apesar de tamanha simplicidade, era prazeroso observar as letras se juntarem formando palavras, depois as frases e depois o texto, fazendo o livro falar comigo.

Como pedagoga, reconheço que Luiza Teodora, autora da cartilha, contemplou os aspectos gramaticais da linguagem ao escrever a cartilha, mas acabou desviando-se de uma escolha lexical que se integrasse à realidade vivenciada pelos alunos. Paulo Freire, em seu livro *Educação e Mudança*, afirma que “não pode haver reflexão e ação fora da relação homem-realidade” (FREIRE, 2018, p. 20). Em outras palavras, o indivíduo só pode agir criticamente quando seu pensamento é instigado a partir da inserção da educação conjugada com seu meio sociocultural, o que definitivamente não era proporcionado pela Cartilha da Ana e do Zé.

Acredito que o meu apreço pela leitura foi despertado pelo hábito de ouvir as histórias contadas nas rodas de conversas, nos terreiros da comunidade, ao cair da noite, à luz de uma fogueira ou da chama de um candeeiro. O fato também explica a escolha das histórias orais temáticas como objeto de pesquisa: acredito que, assim como eu, outras pessoas (sejam elas crianças, jovens, adultos, idosos...) podem igualmente se apaixonar pelas histórias, pela leitura, pela tradição de seu lugar. Eu me apaixonei pelos enredos ao escutar os causos, os contos de tradição oral e as histórias de vida que nos foram compartilhados pelos mais velhos, enredos esses que, mais tarde, eu descobri que foram passíveis de ser eternizados pelo papel. Até porque é na forma impressa e/ou digital através dos livros, que as histórias seguem como instrumentos de paixão a serem repassados e oferecidos a outrem, tornando-nos “Promotores de Leitura”:

Para oferecer ao outro a leitura como acesso a muitos caminhos, há que se ter refletido, se debruçado, se apaixonado por muitos, muitos livros. Há que se ter chorado e sorrido, sofrido e se alegrado, amado e odiado. Há que se ter sentido tudo. (...) E com tanta emoção por dentro, cedo ou tarde extravasamos, porque não há como refrear o desejo de contar para todo mundo sobre um livro que nos envolveu. Queremos partilhá-lo com quem amamos, revivê-lo em nossa própria narrativa, ampliando-o na conquista de um possível novo leitor. É justamente neste momento que nos tornamos Promotores de Leitura. (FERREIRA E SILVA, 2012, p. 14)

Continuando a narrativa, não tínhamos energia elétrica até o final da década de 80, por isso era comum acender uma fogueira e se juntar para ouvir e contar histórias, um entretenimento para as pessoas do lugar, especialmente para as crianças. Apesar de não ser um material totalmente adequado, a cartilha da Ana e do Zé foi o primeiro acesso às histórias enquanto inseridas no papel, mas posso dizer que elas sempre permearam o meu caminho, graças ao canal da oralidade. Era como se o papel falasse comigo, mas eu também lia o mundo em minha volta através das vivências e partilhas feitas de forma amorosa e instigante pelos anciãos do meu lugar.

Em fevereiro de 1991, fui estudar em Brejo Santo, na escola José Matias Sampaio, um lugar cercado de muros altos e localizado bem no centro da cidade, um espaço no qual eu não me sentia pertencente, por ser “a menina gorda, mal arrumada e do sítio”. Muitas vezes, senti-me parecida com a personagem principal do conto “Felicidade Clandestina”, da escritora Clarice Lispector, a qual deseja um livro que a sua colega lhe prometera emprestar. A colega usa de meios sórdidos e passa dias sem emprestar o livro, fazendo com que a menina (Clarice) voltasse dia após dia, sem sucesso. Até que a mãe da colega percebe a situação vexatória que a filha impôs e faz com que a mesma emprestasse o livro pelo tempo que Clarice quisesse. Quanto a mim, o que eu sonhava não podia ser conseguido através de empréstimos: eu queria uma mochila para

colocar o meu material escolar, queria ter material escolar como a maior parte dos meus colegas. Sonhava ter o chinelo da Kenner, de cor vermelha e o tênis Redley que todo mundo tinha (os quais eu só consegui comprar depois de receber meu segundo salário, aos 17 anos).

A hora do lanche era uma tortura para mim, já que os pãezinhos cheirosos recheados com carne moída que uma senhora passava na sala vendendo era algo que eu realmente não podia comprar. Eu costumava levar seriguela, castanha torrada e acerola para vender na escola, mas o pouco dinheiro que conseguia com a venda, usava para comprar alguma coisa para ajudar em casa. Saía muito cedo para a escola, na maioria das vezes o café da manhã era a sobra do cuscuz do jantar do dia anterior. Ao término da aula, a fome ganhava forma de pontos coloridos através da minha visão embaçada e eu só chegava em casa após meio dia. Mas, como já dizia Euclides da Cunha (1984), o sertanejo é, antes de tudo, um forte.

A mudança de escola no final da década de 80, quando fui cursar a 2ª série (aos 9 anos de idade), foi uma quebra enorme no meu ritmo de vida, pois senti falta do canto dos pássaros que se misturavam com a voz da professora, do contato com a terra na hora de brincar quando era recreio, dos rostos familiares que eu estava acostumada a encontrar todos os dias. Além disso, os conteúdos se apresentavam totalmente desconectados das minhas experiências de vida. No entanto, aquele era um espaço educacional que me apontava caminhos e continha as possibilidades de um futuro promissor e isso me mantinha forte para retornar diariamente e cumprir com todos os rituais de estudante.

Na situação socioeconômica em que eu me encontrava, o leque de possibilidades de futuro profissional era extremamente limitado, eu não tinha recursos para montar um negócio, não conhecia ninguém que me concedesse um cargo público ou que me contratasse para um emprego digno. Com isso, eu reconheci, desde cedo, que o único meio de mudança que eu poderia acessar seria a educação, o que é vivido até a atualidade por inúmeras pessoas. Uma vez que, segundo um relatório² divulgado em 2019 pela ONU, o Brasil é o segundo país com maior concentração de renda - e, por extensão, de direitos - o único privilégio inalienável que pode permitir alguma mobilidade social é a educação.

O primeiro contato com a leitura literária só aconteceu em 1997, quando já estava cursando a oitava série, nono ano na nomenclatura de hoje. Até então, não tinha tido contato com nenhum livro de literatura e/ou biblioteca, na verdade nem ouvia falar de leitura literária. Essa

² EPSJV/Fiocruz - relatório de monitoramento da Agenda 2030 da ONU. Link disponível na Webgrafia

era uma situação comum aos estudantes de escolas públicas, especialmente, os estudantes das escolas localizadas na zona rural do interior nordestino, pela falta de interesse do Poder Público em oferecer a ferramenta da leitura para essa população. Tal realidade ainda persiste em muitos lugares distantes dos grandes centros, embora tenha sido reduzida a partir das políticas públicas criadas para democratizar o acesso ao livro e implantar bibliotecas em todas as escolas do país.

Como consequência, eu mesma lido com certa dificuldade de comunicação escrita formal, o alheamento a conteúdos de conhecimento de mundo mais intrincados, bem como uma limitação vocabular mais evidenciada. Todas essas habilidades, as quais eu teria melhores condições de aprimorar com o hábito da leitura literária constante, foram-me negadas pela escassez ou, ainda, a completa ausência de livros de que eu pudesse desfrutar. Creio intensamente que essa é uma condição inerente à maior parte das pessoas que residem em regiões distantes das ações governamentais, lugares como a Vila Compra Fiado, em que a população e as suas histórias estão sujeitas à fugacidade do tempo.

Acredito que as leituras obrigatórias a que eu fui exposta durante aquele ano fizeram-me provar um pouco do privilégio que a literatura é, embora algumas delas quase me tenham feito acreditar que eu não gostava de ler. Enquanto “O Guarani” e “Iracema”, do escritor cearense José de Alencar, provocaram uma exaustão profunda, Miguel de Cervantes me levou a viajar por La Mancha junto a Dom Quixote e o seu fiel escudeiro Sancho Pança. Teve também “A árvore que dava dinheiro”, de Domingos Pellegrini... Sonhei tanto com uma árvore dessas em minha comunidade.

Sempre fui muito próxima do meu pai e, nas nossas conversas, ele me falava sobre a importância da educação, dizia que se eu estudasse, poderia mudar a realidade da minha vida. Foi da fala do meu pai que escutei a primeira vez a palavra “Universidade”. Ele não sabe qual série cursou, acredita que conseguiu concluir apenas o primeiro ciclo do Ensino Fundamental, que vai até o quinto ano hoje, mas não se lembra de ter recebido nenhum documento que comprove o fato com exatidão. Ainda assim, tínhamos e temos até hoje longas conversas envolvendo temas relacionados à educação.

Lembro-me que, um dia, estávamos plantando covas de bananas e papai perguntou se eu sabia o significado da sigla URCA. Respondi que não sabia. Ele pacientemente me explicou o que significava Universidade Regional do Cariri, um lugar onde as pessoas estudavam para serem professores. Um turbilhão de pensamentos passou em minha mente naquele momento, mal sabia eu que mais tarde seria aluna daquela instituição e mais que isso, que eu me tornaria

professora e mais tarde iria contribuir com o processo de formação continuada de outros professores do município de Brejo Santo.

Fui catequista ainda na adolescência e essa experiência me ajudou a perder o medo de falar em público. Recebia as formações com as freiras (irmãs sacramentinas) que atuavam na catequese da paróquia da cidade. Ser catequista foi uma experiência incrível e, sem dúvidas, foi um processo que contribuiu de forma significativa com a minha escolha profissional, pois queria seguir a área da docência. Nessa fase eu também era levada pelo meu pai para participar de movimentos sindicais, cheguei até a possuir carteira de trabalhadora rural e sindicalista.

Por causa dessas oportunidades, tive contato com pessoas que possuíam uma visão de mundo mais ampla do que as que estavam no meu contexto comunitário. Entendia que o mundo era vasto e eu queria adentrar mais profundamente em todas as possibilidades que ele pudesse me oferecer. Percebia a beleza que havia em minha comunidade, mas existia um mundo bem grande lá fora e eu precisava desbravá-lo. Assim como no mito da caverna³, eu enxergava a luz e não apenas reflexos dela. Estudar me aproximava daquela luz e me fazia enxergar outros caminhos, outras alternativas. Para tanto, não precisava me afastar das minhas raízes, como alguns primos que acabaram indo para o sudeste do país à procura de trabalho.

As rodas de histórias, as participações nas reuniões do grupo de jovens, nos movimentos sindicais e na catequese ofereceram-me novas expectativas de vida e me apontaram que a brincadeira de ser professora na infância era, na verdade, um sinal daquilo que seria a minha profissão. Eu cresci afastada dos livros, com poucas oportunidades de realizar a leitura literária, mas lia o mundo em minha volta através das vivências, das partilhas feitas de forma amorosa e instigante pelos mais velhos do meu lugar. E como se não bastasse, os meus pais sempre estiveram me encorajando a enfrentar barreiras que surgiram ao longo da caminhada.

Desde os primeiros anos estudando na cidade até a adolescência, já cursando o segundo ano do Ensino Médio, a escola era um espaço pouco convidativo. Por sorte, em 1998, fui aluna de uma professora de Língua Portuguesa e Literatura que era apaixonada por leitura. Essa professora, assim como eu, via magia nas palavras. Ela me fez voltar lá na infância, voltar aos tempos da Cartilha da Ana e do Zé, quando eu estava fazendo as primeiras descobertas no mundo

³ Mito da Caverna ou Alegoria da Caverna é um diálogo platônico que alude à preponderância do conhecimento racional sobre o conhecimento vulgar. O Mito da Caverna, ou Alegoria da Caverna, é uma história metafórica narrada por Platão por meio de um diálogo em seu livro “A República”.

Fonte: <https://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/mito-caverna.htm>

da leitura. Essa professora me devolveu o prazer da curiosidade, da fantasia por trás das palavras e é um modelo de professora que eu procuro ser até hoje.

Foi também em 1998 que tive a primeira experiência oficial como docente em uma turma de EJA (Educação de Jovens e Adultos). Eu estudava pela manhã na Escola de Ensino Médio Balbina Viana Arrais e a noite me juntava a alguns adultos da comunidade para juntos desbravarmos o mundo da leitura que para muitos, até aquele momento, era desconhecido. As aulas aconteciam em um prédio construído ali pela Associação de Jovens do então sítio Compra Fiado. Através das formações ofertadas pela Secretaria Municipal de Educação de Brejo Santo ao longo do ano, eu já ouvia falar do educador brasileiro Paulo Freire.

A experiência como professora foi bastante significativa, mas, só durou um ano, pois, após o término do ensino médio, inspirada por uma prima e grande amiga, resolvi prestar vestibular e concorrer a uma vaga no curso de Pedagogia da URCA e o resultado foi positivo. Durante os quatro anos da graduação, morei na casa de uma das minhas irmãs mais velhas e trabalhei em um supermercado localizado no centro de Brejo Santo. Passava o dia inteiro no trabalho e de lá seguia para a cidade do Crato-CE, no ônibus contratado pelos estudantes que iam e voltavam da faculdade todos os dias.

A conclusão da graduação veio carregada de emoção, havia acabado de me tornar mãe e realizava o sonho de ser a primeira filha dos 10 filhos dos meus pais e a segunda pessoa da Vila Compra Fiado a concluir o nível superior. Aquele “canudo” recebido na quadra do Ginásio Poliesportivo da cidade de Juazeiro do Norte, em Agosto de 2005, representava a minha carta de alforria. Eram as portas do mundo intelectual se abrindo, não para uma vida fácil como nos contos de fadas, mas para a chance única de poder transformar a qualidade da minha vida e das pessoas ao meu redor, e isso sim era carregado de magia. Não tive condições financeiras de levar os meus pais para assistirem a solenidade de colação de grau, mas eles estiveram comigo através dos meus pensamentos e do amor que recebi deles.

A partir dali foram surgindo oportunidades que só a educação pode oferecer aos que não nascem “filhos de patrão”. Tive a oportunidade de atuar como professora numa escola particular na Zona Urbana de Brejo Santo-CE, chamada Paulo Freire que, naquela época, atendia alunos do Ensino Infantil ao 5º Ano do Fundamental. Ela era e até hoje é uma referência para a educação da cidade, e é mantida através de uma sociedade administrada por 10 mulheres que se organizam entre as funções do núcleo gestor e de professoras.

Na Escola Paulo Freire, atuei como professora polivalente e até hoje, penso que aquela

foi a experiência mais desafiadora que eu já vivenciei profissionalmente. Ela colocou-me diante da necessidade de aprofundar os conhecimentos teóricos que haviam sido apresentados ao longo da Graduação em Pedagogia. Nos momentos de estudos organizados pela equipe pedagógica, as ideias freiriana estavam sempre presentes e aqueles conteúdos foram me ajudando a consolidar conhecimentos cada vez mais específicos e fortalecendo a minha convicção de ter feito a melhor escolha profissional que eu poderia.

Ao longo da experiência na Paulo Freire, fui lendo algumas das obras do educador que deu nome àquela instituição. Entre as quais, destaco: Educação como prática da liberdade (2019); Pedagogia do oprimido (2019); Educação e mudança (1981), A importância do ato de ler em três artigos que se completam (1982) e Pedagogia da autonomia (1997). Em cada uma delas, vejo-me de alguma forma.

Agora, realizando esta pesquisa em minha comunidade, olhando mais profundamente a minha trajetória enquanto ser social, entendo os motivos que me levam a admirar tanto o legado que Paulo Freire nos deixou enquanto educador e agente de transformação. Em cada uma dessas obras, vejo também o meu lugar, a Vila Compra Fiado, a luta do grupo de jovens nas décadas de 80 e 90, vejo meu pai e a luta do meu povo através da associação comunitária, das reuniões do sindicato dos trabalhadores rurais e me orgulho de ser parte disso tudo.

No final de 2006, fui aprovada no primeiro concurso público da Secretaria Municipal de Educação do município de Brejo Santo-CE, com dedicação de 20 horas semanais. Assumi o concurso em março de 2008, no turno da manhã em um Centro de Educação Infantil, onde atuei por quatro anos, foi uma experiência maravilhosa trabalhar com crianças de dois a cinco anos. Naquele contexto, não havia biblioteca e nem livros para trabalhar a leitura com os alunos, uma realidade ainda comum em muitas escolas brasileiras, inclusive naquelas que atendem aos alunos da Vila Compra Fiado e comunidades vizinhas.

De acordo com Ferreira e Silva (2012) se, em qualquer idade, ler é bom, na infância é MÁGICO. Pensando nisso, não queria que os meus alunos fossem privados do contato com esse mundo encantado. Sempre tentei criar possibilidades de fruição literária para aquelas crianças: fosse levando os livros dos meus filhos para a sala de aula ou pedindo doações, de alguma forma acabava acontecendo os momentos de leitura. Acredito que era tão prazeroso para mim quanto era para os discentes, pois os livros serviam como uma ponte que ligava os mundos do núcleo gestor, das famílias, dos alunos e o meu.

Em 2012, fui transferida da Educação Infantil para atuar como professora do 2º ano, na

Escola de Ensino Fundamental Padre Pedro Inácio Ribeiro; logo em seguida, passei no segundo concurso, com mais 20 horas semanais. O trabalho com a leitura se tornou ainda mais presente em minha atuação profissional, na oportunidade, elaborei um projeto de leitura chamado “Leitores e Escritores do Futuro”. Uma das ações do projeto era levar os alunos para uma visita à biblioteca pública municipal da cidade com o intuito de aproximá-los daquele ambiente, que para a maioria, era desconhecido.

Outra ação interessante idealizada para o projeto foram as palestras. Estas eram realizadas com leitores e escritores, narração de histórias ao ar livre, mesclando cinema, pintura, rodas de conversas envolvendo os livros lidos de forma livre pelos alunos, produção de livretos escritos e ilustrados pelos próprios alunos. Inclusive uma dessas palestras foi ministrada pelo meu próprio filho, Alan Silva. Ele sempre demonstrou interesse pela leitura e escrita literária. Por volta dos sete anos de idade, já havia lido variados livros de literatura infanto-juvenil e escrito suas próprias primeiras histórias que, um pouco mais tarde, transformar-se-iam em livro. Foi uma forma de demonstrar para meus alunos que ler e escrever não era algo tão distante, totalmente fora da realidade deles. Alan tinha a mesma idade da maioria e isso provava que a incursão pela leitura literária era totalmente possível. Todos participavam das ações de forma espontânea, como pode ser visto nas figuras 02, 03 e 04 abaixo:

Figura 2: Aula de artes com alunos do 2º ano em 2013



Fonte: acervo pessoal

Figura 3: Releitura de obras de arte



Fonte: acervo pessoal

Figura 4: Momento de visita e leitura na biblioteca municipal de Brejo Santo, em 2013.





Fonte: acervo pessoal

Com o objetivo de ter a família e a escola como aliadas, elaborei um segundo projeto intitulado “Escola e Família: uma parceria que dá certo”. As famílias eram ligadas ao projeto de leitura e colaboravam com as atividades diretamente, fazendo a leitura dos livros que os filhos pegavam na biblioteca da escola e levavam para casa. Os pais também participavam das atividades extra sala, tanto marcando presença, quanto contribuindo financeiramente, quando era necessário e tinham a oportunidade de compartilhar os próprios talentos.

Havia pais artesãos, pais que tocavam instrumentos musicais, os que cantavam, os que faziam as maiores delícias para os lanches dos eventos, os que contavam histórias. Enfim, cada aluno percebia que o pai e a mãe eram talentosos do seu jeito. Os laços fortaleceram-se e eu tive a oportunidade de viver e aprender coisas fantásticas com cada uma daquelas famílias. Outro ponto importante é que eu passei a conhecer melhor a realidade de cada uma daquelas crianças que eu convivia diariamente e seus responsáveis podiam me conhecer de perto, construindo uma relação de muita reciprocidade ao longo do ano.

Rubens Alves, em um vídeo intitulado: A Escola Ideal - o papel do professor, diz que a escola ideal é a escola dos espantos e que o papel do professor é causar curiosidade no aluno. Também acredito nisso, não consigo imaginar dentro de uma sala de aula com alunos parados, sentados, enfileirados e em silêncio. Sou inquieta, gosto de movimento, é por isso que estou em constante busca de novos conhecimentos, quero viver me espantando para assim poder causar espanto em meus alunos. Quero permanecer me conhecendo, conhecendo a minha história e ampliando a minha visão de mundo.

Faço parte da Rede de Contadores de Histórias do Estado do Ceará e venho participando de formações continuadas desde 2019 através da Escola de Narradores. As formações acontecem

sempre na perspectiva de promover um autoconhecimento, de entender a ligação entre a nossa própria história de vida com as histórias dos nossos ancestrais, ou seja, são conhecimentos que vão além do ato de aprender a contar histórias, é entender o motivo que nos leva ao desejo de querer mergulhar nesse mar intenso que é o ato de contar. A Escola de Narradores oferece formação de contadores de histórias no Brasil, Portugal e Espanha, envolvendo alunos e professores desses países.

Fazer parte do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri-URCA veio a calhar em relação ao desejo que eu já vinha alimentando desde as primeiras aulas do curso de contadores: pesquisar e salvaguardar as histórias do meu lugar. Por esse motivo (dentre outras questões), minha pesquisa tem como foco as histórias orais temáticas de moradores da Vila Compra Fiado, que retratam memórias da infância. O objetivo é trazer para esses moradores da Vila Compra as histórias orais temáticas que retratam memórias da infância: reavivar os costumes, as crenças, as brincadeiras e as paisagens que compõem as vivências da comunidade de outrora, oportunizando assim, uma experiência intergeracional.

Em março de 2021, logo após o início da pesquisa, percebi que poderiam ser realizadas diversas atividades dentro do processo de valorização da memória e do patrimônio material e imaterial da comunidade. Dentro dele, são realizadas diversas atividades culturais, tais como palestras, exibição de filmes, eventos comemorativos, rodas de narração oral de histórias e, como não deveria faltar, leitura e promoção do acesso a livros literários. Para esse fim, a comunidade conta com a parceria do Projeto Casinha de Livros, idealizado por Clara Beatriz, uma jovem da cidade de Irecê-BA, que ama e acredita no poder transformador que a leitura possui (ver figura 05).

Figura 5: Crianças acessando a casinha de livros



Fonte: Lino Fly Fotografia, 2022

Consciente de que sozinha não daria conta de planejar as ações que pudessem chegar de forma mais direta em cada morador do lugar, procurei a professora Sandra Sousa, que também faz parte da comunidade para, juntas, desenvolvermos um projeto intitulado Memórias do Compra Fiado. Com a participação da maior parte dos moradores da Vila Compra Fiado, de todas as faixas etárias, o projeto tem realizado atividades de cunho cultural e social, não periodicamente, desde a criação do projeto dois anos atrás. A agenda varia em função das datas comemorativas, das sugestões apresentadas pelos próprios moradores e da aprovação de verbas de instituições parceiras, como o Centro Cultural do Banco do Nordeste (CCBNB).

Já que todas as atividades proporcionadas pelo projeto Memórias do Compra Fiado são voltadas ao senso ideológico e sentimental da comunidade, esse não poderia ser promovido unicamente por mim e por Sandra, ou por um número reduzido de amigos e familiares. Pela sua própria natureza coletiva, o “Memórias” requer um forte engajamento coletivo, o que constituiu um sistema de retroalimentação das metas às quais ele se propõe. As atividades levam acesso à leitura e valorização das memórias para a população; essa se sente representada, colabora com os próximos eventos, atingindo ainda mais pessoas, além de ampliar as noções de iniciativa sociocultural daqueles que se engajaram na sua realização.

A participação é o caminho natural para o homem exprimir sua tendência inata de realizar, fazer coisas, afirmar-se a si mesmo e dominar a natureza e o mundo. Além disso, sua prática envolve a satisfação de outras necessidades não menos básicas, tais como a interação com os demais homens, a auto-expressão, o desenvolvimento do pensamento reflexivo, o prazer de criar e recriar coisas, e, ainda, a valorização de si mesmo pelos outros. (BORDENAVE, 1994 p.16)

Creio que uma das melhores provas da amplitude dessa rede de engajamento em torno do projeto é a própria Casinha de Livros, um dos itens que é mais valorizado e zelado pela comunidade, e sequer teve iniciativa vinda estritamente de mim. Clara Beatriz, desenvolvedora original do Projeto Casinha de Livros, não possui uma relação direta com a Vila Compra Fiado. Na verdade, o projeto chegou ao meu conhecimento através das redes sociais e foi por lá que conversamos e nos conhecemos. Em seguida, foi confeccionada uma casinha de madeira que foi instalada embaixo dos pés de jatobás, árvores tão representativas da comunidade. Foram disponibilizados alguns livros dentro da mesma; semanalmente é feita a reposição e/ou troca para que sempre haja a circulação de novos títulos.

Vale ressaltar que os livros ficam disponíveis diariamente, sem restrições, tanto para as pessoas do lugar, quanto para crianças e jovens estudantes de outras comunidades. Recebemos doações de livros novos e seminovos de colaboradores de vários lugares do país e constantemente estamos realizando ações de promoção da leitura. A Casinha de Livros e as ações de promoção da leitura estão diretamente ligadas ao meu produto do mestrado, tendo em vista que se trata de um livro com as histórias recolhidas na comunidade através da pesquisa realizada (ver figura 06).

Figura 6: Criança com versão infantil de ‘Iracema’



Fonte: Lino Fly Fotografia, 2022

Desejo que as histórias recolhidas e transcritas para o produto desta dissertação cheguem ao maior número de pessoas e não há como fazer isso sem antes despertar o gosto e a curiosidade de todos que visitam a Casinha de Livros. Dessa forma, ela será abrigo e também mediadora entre o livro e os leitores das histórias recolhidas.

Ler e ouvir histórias são hoje, para mim, ações que me trazem conhecimento e autoconhecimento. Desejo que os profissionais da educação e, principalmente, os alunos, também tenham a alegria de conceber as histórias (lidas e/ou contadas), da forma que eu concebo e que cresçam como pessoas repletas de humanidade. Josso (2017) enfatiza a importância de estar presente para si mesmo no tempo do que se vive, essa postura diante da vida, leva o indivíduo a aprender e ao mesmo tempo construir referências que podem ser revisitadas sempre que necessário.

Temos andado constantemente apressados e nessa correria frenética que a vida tem sido, é necessário parar, respirar, reconectar-se com a nossa verdadeira essência, com a nossa ancestralidade e as histórias possuem esse poder. As histórias também nos conectam aos que estão à nossa volta e é sobre isso que discuto através dessa pesquisa: sobre conexão, entrelaçamentos,

comunidade, pertencimento, histórias interligadas através das memórias individuais que também são coletivas. Ademais, quero⁴ deixar registradas algumas das muitas histórias vividas por alguns moradores da Vila Compra Fiado. A seguir, inicio de fato o estudo realizado junto à minha família, aos meus amigos, às memórias que me construíram, e, sobretudo, junto ao meu lugar.

⁴ É preciso ressaltar que, a partir da introdução, a escrita será feita em linguagem impessoal, linguagem esta mais comum à estrutura do texto científico/ acadêmico.

1 APRESENTANDO O LUGAR, AS PESSOAS E SUAS HISTÓRIAS: UMA INTRODUÇÃO

Às vezes, precisamos involuir para evoluir, quer dizer, ir ao passado para entender o presente e poder criar o futuro. (ABREU, 2013, p. 15)

A cultura está diretamente ligada à construção do conhecimento e ao exercício do pensamento, que são valores essenciais para o desenvolvimento da sociedade, e é um constante evoluir, como aponta Abreu (2013), na epígrafe que encabeça este texto. Assim, a cultura é importante na formação pessoal, moral e intelectual do indivíduo e no desenvolvimento da sua capacidade de se relacionar com o próximo. Daí a importância de realizar pesquisas que possam corroborar no fortalecimento da identidade de pessoas residentes em comunidades de forte caráter coletivo, ao possibilitar, simultaneamente, o fomento à partilha cultural e à leitura literária.

Pensando nisso, aqui elaborou-se uma pesquisa com objetivo de promover o reavivamento sociocultural dos moradores da Vila Compra Fiado, tomando como ponto de partida as memórias orais temáticas dos próprios participantes do estudo. Para tal fim, a coleta dos relatos junto a pessoas de diversas faixas etárias, e posterior seleção, tratamento e partilha dos textos finais foi de crucial relevância para a salvaguarda das lembranças tão significativas dos indivíduos que, em conjunto, deram forma e voz ao lugar.

Além disso, ao tratar dos sujeitos como entes que compõem o próprio meio cultural, buscou-se ampliar as possibilidades de debate sobre leitura, história, preservação material, bem como, criar novas memórias a serem reverberadas na posteridade. Primeiramente, a pesquisa encontrou na congregação intergeracional uma forte aliada que, em primeiro plano, favoreceu as etapas de conservação e tratamento do relato oral. Em segundo lugar, o engajamento direto da própria comunidade com o estudo e com os projetos secundários dele advindos deu uma visão amplificada dessas histórias para o senso de coletividade e favoreceu, mais uma vez, o perfil cultural do lugar. Assim, por meio de diferentes focos de ação, que convergiram no viés do reavivamento do senso identitário de comunidade, também foi democratizado o acesso à leitura literária, a salvaguarda da memória de diversos membros foi garantida, e a Vila experienciou mudanças estruturais em locais de memória comunitária.

O corpo da pesquisa trata-se de uma investigação que tem como objeto de estudo as relações estabelecidas entre os moradores da vila, através de um projeto intitulado de Memórias do Compra Fiado, realizado de forma coletiva no espaço comunitário rural. O principal objetivo,

ou seja, o objetivo geral da pesquisa foi identificar/mapear as memórias da comunidade da Vila Compra Fiado. É importante ressaltar que essa iniciativa - idealizada pela própria autora, em parceria direta com a professora Francisca Sandra de Sousa - foi tomada concomitantemente à pesquisa, e teve um papel significativo no seu proceder. A partir das ações realizadas pelo projeto, foi possível realizar a escuta, recolha, organização, tratamento e socialização das histórias orais temáticas, presentes na memória dos moradores.

A pesquisa participativa, nos traços, procurou compreender a recolha de histórias orais temáticas e a leitura literária como favoráveis ao fortalecimento da identidade sociocultural das crianças e os demais sujeitos participantes. Por envolver a escrita de histórias inerentes à oralidade, através da escuta e da partilha de narrativas dos próprios moradores, a arte dos livros é parte integrante deste trabalho e está identificada como apêndice.

O estudo foi realizado através da observação participante, um tipo de coleta de dados tipicamente usado em pesquisa qualitativa, associada à questões éticas, políticas e epistemológicas. Fundamentada a partir de teóricos, tais como Freire (2011, 2021), Halbwachs (1990), Thompson (1992), Bosi (1994), dentre outros, que consubstanciam um trabalho de educação para a cidadania e a coletividade, a partir da intenção pedagógica de contribuir com discussões sobre memória, identidade cultural, histórias orais temáticas, educação comunitária, sentimento de pertença, leitura e outros aspectos da multiculturalidade. Nos dizeres de Paulo Freire (2011), aprender a ler o mundo implica conhecer valores, descobrir referências, atingir a profundidade da ideia. Assim, o presente trabalho faz-se necessário por facilitar um meio no qual os moradores da Vila Compra Fiado poderão reiterar seus primeiros valores, suas referências iniciais de mundo, através da leitura e da escuta de histórias orais temáticas. O intuito é trazer, através das narrativas recolhidas e salvaguardadas, um arcabouço de informações sobre o contexto sociocultural que serviu como base para a construção da comunidade atual. Essa literatura mostra-se como um caminho possível para o fortalecimento da identidade cultural de todos os envolvidos. Vale dizer que o conceito de identidade cultural aqui explorado baseia-se no que propõe Rodrigues⁵:

[...] o conceito de identidade cultural faz alusão à construção identitária de cada indivíduo em seu contexto cultural. Em outras palavras, a identidade cultural está relacionada com a forma como vemos o mundo exterior e como nos posicionamos em relação a ele. Esse processo é contínuo e perpétuo, o que significa que a identidade de um sujeito está sempre sujeita a mudanças. Nesse sentido, a identidade cultural preenche os espaços de mediação entre o mundo “interior” e o mundo “exterior”, entre

⁵ RODRIGUES, Lucas de Oliveira. "Identidade cultural"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/identidade-cultural.htm>. Acesso em 10 de outubro de 2022

o mundo pessoal e o mundo público. Nesse processo, ao mesmo tempo que projetamos nossas particularidades sobre o mundo exterior (ações individuais de vontade ou desejo particular), também internalizamos o mundo exterior (normas, valores, língua...). É nessa relação que construímos nossas identidades.

No caso desta pesquisa, o desejo inicial de trabalhar o contexto das histórias orais temáticas emergiu da interação vivenciada pela autora em um curso de narradores de histórias ministrado pela Escola de Narradores do Cariri, em parceria com a Organização Não Governamental Beatos, localizada na cidade do Crato-CE. Como já se deixou entrever no tópico “Primeiras Palavras”, as narrativas, as histórias orais temáticas despertam o interesse da pesquisadora desde muito cedo. As temáticas tratadas através das aulas da Escola de Narradores do Cariri igualmente despertaram os sentidos da pesquisadora para as riquezas culturais do povo do seu lugar.

Dessa forma, pensou-se em construir caminhos que pudessem proporcionar aos moradores do lugar, desde os primeiros anos de vida, trocas de experiências capazes de incentivar a curiosidade e o desejo de cada um conhecer melhor a si mesmo e ao outro, por meio das histórias, possibilitando fortalecer o sentimento de pertencimento e o despertar para a manutenção e perpetuação das narrativas que compõem as histórias de sua localidade. Assim, será proporcionado, entre outras coisas, uma educação transformadora: os conhecimentos servirão para a vida como um todo.

A investigação aqui apresentada enfatiza o processo de reavivamento da identidade sociocultural e a salvaguarda de histórias orais temáticas recolhidas através das partilhas comunitárias, seja por meio da escuta e observação das rodas de histórias, compartilhamento de memórias nas redes sociais atuais, coleta de conversas informais e coleta escrita das histórias compartilhadas. Vale destacar que o trabalho investigativo apresenta, como se pôde ver inicialmente, um texto intitulado pela autora da pesquisa como “Primeiras Palavras”, onde a mesma faz uma breve visita a sua história de vida, na perspectiva da Educação formal e informal. Além deste atual capítulo, que faz as vezes de Introdução, o texto do presente trabalho organiza-se dentre os capítulos 2 a 7 (acrescidos dos elementos pós-textuais), conforme descrição abaixo:

2. Memória social, história oral e leitura literária;
3. História oral como fonte histórica para o fortalecimento do pertencimento cultural e comunitário, à luz da pedagogia freireana;
4. Comunidade: um território educativo;
5. Caminhos metodológicos e resultados da pesquisa;
6. Análise das narrativas;

7. Considerações finais.

Em cada um dos capítulos citados, há discussões específicas. No caso dos capítulos 2, 3 e 4 foram analisados os conceitos concernentes aos títulos dos mesmos. Sendo assim, memória social, história oral, leitura literária, pertencimento cultural, comunidade, dentre outros, são conceitos caros a este trabalho e foram necessários trazê-los à baila para discussão e embasamento das ações aqui propostas. Para enriquecer o diálogo acerca da importância da leitura, da memória social, da identidade cultural, das histórias orais, dentre outros conceitos, utilizou-se como suporte teórico os seguintes autores: Thompson (1992); Halbwachs (1990), Ecléa Bosi (1994); Meihy & Holanda (2020); Meihy & Seawright (2020); Cosson (2012); Frantz (2011). A partir das concepções apresentadas pelos autores citados, foi possível fomentar a discussão sobre os conceitos de memória e história oral, articulando-os com reflexões acerca da leitura como instrumento de valorização social e cultural, ao longo do texto.

A preocupação básica do capítulo 5 foi traçar ao leitor os caminhos metodológicos assumidos por esta pesquisa, bem como explicitar as justificativas e autores que embasam tais decisões. O capítulo apresenta os caminhos metodológicos percorridos para chegar aos resultados alcançados e divide-se em cinco subtópicos, os quais discutem os caminhos metodológicos percorridos para alcançar os resultados. Fala-se sobre a relevância do tema, apresenta o contexto da pesquisa, discute o processo de coleta, a transcrição dos textos recolhidos, traz a análise dos dados e, por último, apresenta o contexto do lócus pesquisado, bem como as contribuições da pesquisa para a comunidade pesquisada. Essa parte do texto é iluminada pelos teóricos: Godoy, Matos & Castro, Benjamin, Albertini, dentre outros que foram fundamentais para as questões discutidas nesta parte do texto.

No capítulo 6, buscou-se trazer as falas dos colaboradores que contribuíram de forma mais direta para a pesquisa, com suas histórias orais temáticas em foco. Esta parte do trabalho dedica-se também a apresentar as autoras e as histórias que serão publicadas em forma de livros literários. Como já foi salientado anteriormente, registrar essas histórias orais em forma de livro escrito é uma maneira de perpetuar a cultura do povo e do lugar. Trata-se de salvaguardar e valorizar a gente da Vila Compra Fiado, com seus costumes, crenças, valores e hábitos para a posteridade.

Por fim, e não menos importante, aparece o capítulo das Considerações finais, onde buscou-se registrar as contribuições e questionamentos gerados pela pesquisa, tanto na/para a pesquisadora, como na/para a comunidade.

2 MEMÓRIA SOCIAL, HISTÓRIA ORAL E LEITURA LITERÁRIA

Para enriquecer o diálogo acerca da importância da memória social; da identidade cultural; das histórias orais; da leitura literária, dentre outros conceitos, este trabalho utiliza como principal suporte teórico os seguintes autores: Freire 2021; Lajolo 2005, Thompson 1992; Halbwachs 1990, Bosi 1994; Meihy & Holanda 2020; Meihy & Seawright 2020; Cosson 2012; Frantz 2011.

A partir das concepções apresentadas por esses autores, foi possível fomentar a discussão sobre os conceitos de memória e história oral, articulando-os com reflexões acerca da leitura literária como recurso de valorização social e cultural, bem como, a salvaguarda das histórias cotidianas, aspectos que compõem este trabalho.

2.1 Memória Coletiva e fortalecimento da identidade cultural comunitária

Especialmente no Brasil, o conceito de memória já foi amplamente pesquisado e discutido em diversos espaços, tais como: Organizações Não Governamentais, projetos com comunidades de povos tradicionais, museus diversos e no meio acadêmico. Estudiosos como Sigmund Freud, Henri Bergson, Maurice Halbwachs e Ecléa Bosi procuraram entender o processo de construção e a forma como a memória se manifesta na vida dos indivíduos. Ela pode ser definida, dentro de alguns campos do conhecimento, sobre diferentes abordagens.

Gondar & Dodebei (2005) apresentam o conceito de memória social de forma a ressaltar que este não pode ser formulado em moldes clássicos, sob uma forma simples, imóvel, unívoca e seguem afirmando que os atravessamentos, entendidos aqui como intersecções dos diversos campos do saber, são os componentes primordiais do conceito de memória. Sendo assim, a memória busca, em diversas fontes, o seu cabedal de conhecimento: filosofia, psicologia, neurociências, entre outras.

Como se pode perceber, os autores citados pensam justamente na amplitude do conceito de memória. Para eles, o conceito de memória social é bastante complexo, inacabado e em constante processo de construção. Ao se debruçar sobre o estudo da memória social dentro do campo da política, por exemplo, pode-se entrever que um ponto da história tende a se sobressair do outro dependendo do grupo político que esteja no poder. Sendo assim, o que vai ficar em evidência tem a ver com as crenças e as visões ideológicas do grupo dominante.

De acordo com Gondar & Dodebei (2005), a memória no contexto político pode ser

inserida dentro de um campo de lutas e de relações de poder, configurando-se assim como um processo permanente entre lembranças e esquecimentos. Ainda é possível encará-la como um fenômeno social de expressão, tanto individual quanto coletiva. Trata-se de uma escolha. Segundo os autores, acrescenta-se ainda que:

Há sempre uma concepção de memória social implicada na escolha do que conservar e do que interrogar. Há nessa escolha uma aposta, um penhor, uma intencionalidade quanto ao porvir. Tanto quanto o ato de recordar, nossa perspectiva conceitual põe em jogo um futuro: ela desenha um mundo possível, a vida que se quer viver e aquilo que se quer lembrar. O conceito de memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja. Seja qual for a escolha teórica que se quer nos situamos, estaremos comprometidos ética e politicamente. (GONDAR & DODEBEI, 2005, p. 17)

Na perspectiva adotada neste trabalho, a memória é concebida como fenômeno social que se constrói dentro da coletividade. O pensador francês Maurice Halbwachs (1990), foi o primeiro a empregar o conceito de memória coletiva. Para o autor, a memória coletiva refere-se a todos os aspectos que fazem parte do legado de uma comunidade, o mesmo afirma que:

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 1990, p. 27)

Halbwachs (1990), no início do século XX, rompe com o pensamento de que se tinha até então sobre o conceito de memória. Tal visão entendia a memória como um fenômeno regido exclusivamente por leis biológicas. O autor trouxe a ideia de que o indivíduo não é o único responsável pela revisita de seu próprio passado. Os trabalhos dele são considerados pioneiros, pois trazem o fator social aliado ao estudo da memória, apresentando a existência de uma relação íntima entre o individual e o coletivo. A partir do autor, compreende-se que a memória de si passou a ser, também, a memória do e com o outro. Nesse ponto, Gondar & Dodebei (2005) convergem para o que afirma Halbwachs (1990), em relação ao conceito coletivo de memória, os mesmo afirmam:

Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio. (GONDAR & DODEBEI, 2005, p. 13)

A partir dos autores, compreende-se que, de alguma forma, os acontecimentos registrados na memória individual relacionam-se com as memórias coletivas. Entende-se que a

memória é uma das capacidades inerentes ao ser humano, e por meio dela, torna-se possível o registro de acontecimentos e o armazenamento de informações, as quais podem ser acessadas posteriormente. É sob a perspectiva social que a memória será aqui discutida, a partir do entendimento de que esta faculdade humana pode ser compreendida como a capacidade de conservar informações, fatos complexos ou coisas simples ligadas ao nosso dia-dia, sejam eles bons ou maus, úteis ou não. Esse aspecto coaduna diretamente com o conceito de leitura de mundo preconizado na pedagogia freireana.

Já não existe a casa em que nasci, mas esse facto é-me indiferente porque não guardo qualquer lembrança de ter vivido nela. Também desapareceu num montão de escombros a outra, aquela que durante dez ou doze anos foi o lar supremo, o mais íntimo e profundo, a pobríssima morada dos meus avós maternos, Josefa e Jerónimo se chamavam, esse mágico casulo onde sei que se geraram as metamorfoses decisivas da criança e do adolescente. Essa perda, porém, há muito tempo que deixou de me causar sofrimento porque, pelo poder reconstrutor da memória, posso levantar em cada instante as suas paredes brancas, plantar a oliveira que dava sombra à entrada, abrir e fechar o postigo da porta e a cancela do quintal onde um dia vi uma pequena cobra enroscada entrar nas pocilgas para ver mamar os bácoros, ir à cozinha e deitar do cântaro para o púcaro de esmalte esborcelado a água que pela milésima vez me matará a sede daquele Verão. (SARAMAGO, 2006, p.18)

O trecho do livro *Pequenas Memórias* do autor português, dialoga profundamente com o argumento dos demais autores e com este trabalho. Compreende-se que cheiros, sons e sabores marcam as experiências de vida, as imagens das coisas vividas e até os conhecimentos mais comuns, como fechar os botões de uma camisa, ficam guardados na memória, esperando o momento certo de serem acessados. Isso também acontece em relação à percepção que cada ser humano constrói de si mesmo, logo, se faz importante fortalecer o entendimento de que sua história tem valor.

Nesse sentido, o trabalho com histórias orais temáticas envolvendo o contexto em que as pessoas estão inseridas pode ser um importante contributo para o fortalecimento da identidade cultural dos indivíduos. A pessoa que conta sua própria história poderá também reconhecer-se como alguém importante dentro do contexto da história de vida, tanto dela mesma, quanto da sociedade como um todo, a memória coletiva torna-se legado, podendo também ser considerada como um potente recurso de formação. Esta percepção é fortalecida por (MEIHY & HOLANDA, 2020, p. 57) ao afirmarem:

Uma das características interessantes das narrativas de memória individual é que ela acaba por ser identificada com o relevo das pessoas na sociedade. Quase sempre, é comum encontrar pessoas que não se acham importantes ou que delegam a outros a capacidade de narrar. Isso se deve a uma característica da nossa sociedade sempre aberta a celebrar pessoas e diminuir o papel das pessoas comuns.

O trabalho com memórias pode mostrar que as histórias de toda pessoa têm valor, possui importância dentro da história dita oficial. Desde os primeiros contatos com o outro, o ser humano inicia o seu processo de construção das memórias. Essa construção é contínua e se dá ao longo da vida através das relações familiares, escolares, comunitárias e na sociedade como um todo.

As aprendizagens e as experiências individuais estão sempre se entrelaçando com as aprendizagens e as experiências do coletivo. Logo, a construção da memória de cada indivíduo acaba tendo uma relação direta com os falares, com as crenças e com o modo de pensar de todos que compõem a sociedade. E, na maioria das vezes, as lembranças mais intensas registradas na memória são justamente aquelas vividas em grupo, tal como argumenta Bosi (1994, p. 415):

Mudança de casa ou de lugar, morte de um parente, formatura, casamento, empregos, festas. As festas que toda a família participa, como o Natal, são mais recordadas do que as que têm importância mais individual: formaturas e aniversários...

Dessa forma, compreende-se que a memória registra com mais intensidade os eventos que são vivenciados coletivamente. Bosi (1994), amparada em Halbwachs (1990), entende que cada indivíduo carrega suas lembranças. No entanto, essas lembranças são construídas dentro de determinadas circunstâncias sociais e culturais. Sendo assim, a memória é uma construção eminentemente coletiva, conseqüentemente, exerce influência sobre a história da sociedade e de cada indivíduo.

A memória perpassa os campos da política, da linguagem, da cultura e exerce uma enorme influência no processo de fortalecimento da identidade dos indivíduos, sejam eles pertencentes a espaços urbanos ou rurais. Ao recordar determinado acontecimento, o indivíduo faz uso da própria memória, traz para perto de si aquelas lembranças que aparentemente são apenas individuais, mas que, na verdade, são construídas a partir da convivência diária com os pares, como afirma (HALBWACHS, 1990, p. 45) na citação abaixo:

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer de sua própria vida, quer de suas relações com os grupos mais próximos, mais frequentemente em contato com ele.

Sendo assim, entende-se que a memória pode ser a representação do passado, a presença do ausente, a conservação e a atualização de informações, constitui-se a afirmação de uma lembrança. É importante destacar que existem lugares de memórias como museus, memoriais,

centros culturais e outros. Esses espaços são de reflexões, já que o passado se faz presente na memória, e apresenta um caráter educativo, oportunizando aprendizados. A memória é uma das principais características que distingue os seres humanos dos outros animais. Ela é a capacidade de lembrar e associar os fatos e as informações que vão sendo adquiridas ao longo da vida. Dentro do âmbito social, a memória relaciona-se diretamente a outro conceito relevante, o fortalecimento da identidade cultural da pessoa e dos agrupamentos humanos.

A partir das reflexões proporcionadas pelos autores até aqui citados, identificou-se que a família em torno da qual se construiu a Vila Compra Fiado guarda na memória não só as histórias dos que os antecederam, mas também muitas das tradições, costumes e crenças. O desejo de poder manter essa conexão entre passado, presente e futuro, objetivando manter viva a memória e a história de cada um daqueles que trabalharam duramente para que a comunidade se tornasse o que ela é na atualidade, é um sentimento vigoroso e que transmite força, que impressiona aos que visitam o lugar. A partir dessas reflexões, a construção deste trabalho busca ampliar a discussão sobre o processo de fortalecimento do sentimento de pertença no território do estudo, fazendo uso das histórias orais temáticas e estabelecendo relação com o conceito de memória e reavivamento da identidade sociocultural desse lugar repleto de lembranças.

2.2 História oral temática: a preservação do sentimento de pertença

Afinal de contas, o que é história oral? Talvez essa seja a pergunta mais corrente para os pesquisadores envolvidos com trabalhos que abordam oralidade e comunidade. É possível dizer que história oral é um processo de trabalho que privilegia o diálogo e a colaboração de vários sujeitos, considerando suas experiências, memórias, identidades e subjetividades, em prol da produção de um conhecimento. Neste processo de intervenção e mediação se dá a construção de narrativas e de estudos referentes às experiências de pessoas e de grupos. Isso se dá de maneira consonante à perspectiva Delgado (2006), para o qual a história oral é um procedimento metodológico que busca documentar e registrar as múltiplas dimensões da História através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre os seus ocorridos.

Histórias orais e memórias estão intrinsecamente ligadas, sendo as duas importantes ferramentas no processo de fortalecimento da identidade social do ser humano. A história oral, tal como é vista hoje, é um recurso moderno, inaugurado principalmente depois da segunda guerra mundial, com os avanços da tecnologia, dos gravadores, das máquinas em geral, ampliando os recursos da antropologia, em especial o campo etnográfico. De acordo com Meihy

& Holanda (2020), após a segunda guerra mundial, a história oral se armou de critérios diferentes das formas de entrevistas que até então eram realizadas.

Portanto, a partir de então, passa a ser um tipo de narrativa, na qual a entrevista, particularmente aquela gravada ou filmada, apresenta um fundamento de registro em cima de uma matéria ou de um suporte material, que permite uma reflexão em que, na maioria das vezes, variam as possibilidades da documentação escrita, conforme é ressaltado nessa citação desses autores:

Em certo sentido, é válido creditar à história oral um caráter revolucionário, pois ela se tornou razão de ser de fatos locais de interesses coletivos. A descaracterização da “grande história”, dos sistemas externos e determinantes dos microcosmos, contrastou os critérios de leitura do mundo. A valorização do indivíduo e o seu reenquadramento em contextos capazes de distingui-los significaram outra forma de viver socialmente. Um impacto imediato disso foi notado na melhoria da autoestima de comunidades que passaram a se ver também como parte da história oral, essa conclusão dependeu de um longo processo de maturação. (MEIHY & HOLANDA, 2020, p.105)

Quando se fala em histórias orais, atreladas a esse tópico, comumente surgem debates secundários a respeito das memórias, da oralidade e do fortalecimento da identidade cultural de um povo. A narração oral de histórias que recorrem às memórias envolvendo o processo de reavivamento da identidade sociocultural de uma determinada comunidade também proporciona a seus participantes ricas trocas intergeracionais. Neste sentido, a relevância das histórias orais, enquanto recurso de formação e de conhecimento cultural coletivo, é basilar para o enriquecimento da memória coletiva e sentimento de pertença. As histórias orais possibilitam intercessões entre passado, presente e futuro, proporcionando aos indivíduos envolvidos um entendimento mais claro com relação ao mundo que o cercam. É a força da palavra conectando um ser humano ao outro e, ao mesmo tempo, colocando-os diante de suas próprias histórias de vida. Como propõe Machado (2015, p.16):

A arte da palavra, oral e escrita, permite a transformação de um mundo de pensamentos, percepções, perguntas, e intuições e afetos em comunicação. É manifestação expressiva que uma pessoa dirige a si mesma e ao outro, que estabelece contatos. A arte da palavra requer o exercício da capacidade de transmutar imagens internas em configurações de linguagem, ordenadas poeticamente. Tal ordenação é fruto de um longo processo de descoberta de palavras que podem ser encadeadas para fazer sentido para conferir significação à experiência de vida de uma pessoa. **Por isso a arte da palavra e a educação da escuta têm importância fundamental para crianças que estão aprendendo a se expressar e a se comunicar, a se compreender e a compreender o mundo**, encorajadas no contato com imagens internas e com imagens configuradas em histórias orais ou escritas que trazem experiências valorosas para percursos de **aprendizagens**. (MACHADO, 2015, p. 16, grifo nosso)

Acredita-se que as memórias e as histórias orais sejam fontes de fruição, e também de

conhecimento. Elas fazem parte do cotidiano humano, desde o amanhecer até o momento de dormir. Na maioria das vezes, o fato de contar não é programado, trata-se de uma ação natural, pois é algo inerente ao ser humano, conforme percebe-se em Thompson (1998, p. 337), “A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas”.

Sendo assim, compreende-se que é necessário apresentar reflexões sobre este tipo de conhecimento e propor práticas que possam consubstanciar a ação dos professores em sala de aula, especialmente os professores da Educação Infantil, período escolar destacado neste trabalho e que pode ser estendido a inúmeras ações educativas, inclusive com grupos e comunidades. De acordo com Meihy & Holanda (2020), existem alguns gêneros de história oral. São as chamadas história oral de vida, história oral temática, história oral testemunhal e a tradição oral.

Sobre a história oral de vida, os autores afirmam que é aquela que rearranja a narrativa a partir da trajetória existencial de uma pessoa. Para eles, a história oral temática é aquela em que se tem um tema central e as entrevistas se endereçam ao desenvolvimento desse tema. A história oral testemunhal vem a ser aquela que mistura traços da biografia pessoal com a existência de um trauma, de um problema nodal, de um problema trágico mais evidente.

Existem várias questões em torno da história oral. Perguntas como: quem faz a história oral? A história oral é de quem? A tendência geral é que haja uma apropriação dos recursos das histórias orais, seja por famílias, por clubes diversos, por instituições de trabalho e/ou por sindicatos. Há um forte desejo de realizar a produção de autoconhecimento, este conjunto possibilita o enquadramento da história oral dentro de um espaço mais amplo. Trata-se de uma história que transita por diferentes segmentos, inclusive acadêmicos e que tenha uma acolhida por plateias diversificadas. Dessa forma, a história oral pode ser compreendida como ponte entre passado e presente, contribuindo assim com as relações intergeracionais e o fortalecimento da identidade cultural. É possível ainda, realizar ações que vão desde entrevistas simples até entrevistas mais elaboradas. Sobre a temática, Meihy & Holanda (2020, p.14) afirmam:

Entrevistas em história oral é a manifestação do que se convencionou chamar de documentação oral, ou seja, suporte material derivado de linguagem verbal expressa para esse fim. A documentação oral quando apreendida por meio de gravações eletrônicas feitas com o propósito de registro torna-se *fonte oral*. A história oral é uma parte do conjunto de fontes orais e sua manifestação mais conhecida é a entrevista.

Quanto à tradição oral, ela é uma prática que deriva dos contatos com grupos onde as tradições superam o espaço biográfico, como as tradições míticas, as receitas culinárias, as receitas medicinais e outras, que acabam por carregar uma memória que tem certa antiguidade.

Cada uma dessas variações de história oral tem um procedimento correlato. Em algumas são usadas as chamadas entrevistas abertas, em outras são usadas as chamadas entrevistas programadas, as quais fazem uso de roteiros. Em outros casos, são usadas a combinação das duas anteriores. Sendo assim, é importante não perder de vista a diferença fortemente demarcada entre história oral de vida e biografia, a esse respeito Meihy & Seawright (2020, p. 65) afirmam:

História oral de vida, portanto, não é biografia no mesmo sentido dos textos produzidos segundo a expressão escrita, fundamentada em pesquisas gerais e com resultado passível de várias modificações feitas por terceiros. A biografia é essencialmente marcada por fatos notáveis ou notabilizados da vida do entrevistado e, sempre, apoiada em outros suportes que não a memória de expressão oral.

É importante salientar que, para esta pesquisa, a opção que melhor se identifica com os propósitos aqui traçados é a história oral temática, uma vez que as histórias recolhidas apresentam um tema central: “Memórias da infância, reverberando nas paisagens, nos costumes, nas tradições e em outros elementos do lugar/comunidade, ‘garimpados’ nas narrativas dos participantes”.

Há um provérbio filipino que afirma que “Quem não sabe de onde veio, nunca vai encontrar o seu destino”. A construção da memória identitária e cultural de cada indivíduo acontece no tempo presente e contribui com os projetos do futuro. Nesse âmbito, através das histórias orais é possível conhecer a gênese da pessoa, suas origens culturais, sociais, geográficas, dentre outros traços. Nos locais onde a cultura oral permanece como um traço forte, pode-se perceber mais facilmente a ligação existente entre identidade cultural, histórias orais e memória. A respeito do assunto, Matos & Sorsy (2009, p. 3) afirmam:

Nas culturas orais, o conhecimento adquirido por várias gerações ao longo dos tempos é armazenado na memória. Nessas culturas, os anciãos têm um lugar privilegiado porque representam uma memória viva de seus antepassados. Referindo-se a eles, os povos africanos, que guardam muito dos valores e das tradições da cultura oral, costumam dizer: "Na África, cada velho que morre é uma biblioteca que se queima". Isso porque, nesse modelo de cultura, em que as mudanças de uma geração a outra são mínimas, são eles que melhor poderão transmitir às novas gerações a riqueza cultural de seu povo.

O processo de globalização e os avanços tecnológicos trouxeram grandes ganhos, mas também muitas perdas por conta da busca excessiva pelo “ter” em detrimento do “ser”, gerada pelo capitalismo. A pressa, a ausência de tempo tem causado mudanças nas formas de relacionamentos familiares, um distanciamento entre as gerações assim como também os indivíduos têm encontrado dificuldades de se perceberem enquanto agentes da sua própria história. As pessoas acostumaram-se a receber diariamente uma enxurrada de informações soltas

que rapidamente são esquecidas para logo darem espaço para outras mais e assim, a capacidade de ouvir e contar uma boa história vai se perdendo a cada dia. Walter Benjamin (1994, p. 203) amplia essa reflexão ao afirmar que:

Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio. Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação.

A partir das argumentações dos autores, é possível reconhecer que as rodas de histórias de tempos atrás são cada vez menos comuns, quase inexistentes. Há uma escassez de tempo para ouvir e contar, o interessante é a novidade. Com isso percebe-se, de forma extremamente acentuada, grandes prejuízos nas relações comunitárias. Percebe-se um egoísmo exacerbado, na maioria das situações cada um pensa em si, o que prevalece é a vitória individual. É a configuração comum, mais facilmente vista na vida moderna atual, dentro de um sistema socioeconômico que impulsiona as pessoas ao individualismo. Benjamin (1994, p. 206) diz que “já passou o tempo em que o tempo não contava. O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado”. O autor afirma ainda:

A narrativa que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão - no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIM, 1994, p. 205)

A reflexão do autor impulsiona a compreensão de que a arte de narrar necessita de tempo e sensibilidade, de forma que o narrador possa acolher a história dentro de si e depois deixá-la emanar, através da boca e da alma, as palavras dos enredos que ouviu. As pessoas muitas vezes estão acompanhadas em casa, na rua e no trabalho, no entanto sentem-se sozinhas, é a configuração social comum, ou, mais facilmente vista na vida moderna atual, a qual impulsiona as pessoas ao individualismo. Esse novo modelo de sociedade impede que os conhecimentos adquiridos através da oralidade, de geração em geração, sejam repassados. Assim, tais conhecimentos acabam se perdendo no tempo e no espaço, morrem junto com os mais velhos, os chamados Griôs⁶ em parte da tradição do grande continente africano.

⁶ Os griots são contadores de história, cantores, poetas e musicistas da África Ocidental. São muito importantes para a transmissão dos conhecimentos dentro das culturas de diferentes países africanos, sendo também referidos como jali (em mandês), gwel (em wolof), iggawen (em hassania) ou arokin (ASSOCIAÇÃO MAWON, 2020)

Griôs podem ser identificados como pessoas importantes na socialização de saberes e de fazeres da cultura tradicional. São homens e mulheres que aprendem e ensinam através das vivências, das experiências de ouvir e contar histórias, aprendizagens cotidianas ao longo da vida. Saberes esses transmitidos oralmente, através das tradicionais rodas de histórias e outros ambientes narrativos. Nessa perspectiva, o objeto de estudo deste trabalho, as histórias orais temáticas, têm como foco as memórias da infância, dessa forma, relacionam-se diretamente com essa prática. Paulo Freire (2011), em sua obra “A Importância do Ato de Ler”, percebe a salvaguarda e documentação de histórias orais com pessoas mais velhas, como um importante meio de preservar a tradição cultural de um lugar:

Um excelente trabalho, numa área popular, sobretudo camponesa, que poderia ser desenvolvido por bibliotecárias, documentalistas, educadoras, historiadoras seria, por exemplo, o do levantamento da história da área através de entrevistas gravadas, em que as mais velhas e os mais velhos habitantes da área, como testemunhos presentes, fossem fixando os momentos fundamentais da sua história comum. Dentro de algum tempo se teria um acervo de estórias que, no fundo, fariam parte viva da História da área. (FREIRE, 2011, p. 46)

De acordo com Freitas (2002), a história oral tem como principal finalidade criar fontes históricas. Dessa forma, torna-se um importante recurso que pode e deve ser usado para salvaguardar as memórias de um lugar, de uma comunidade, de um grupo de pessoas, de uma associação de moradores, entre outros, sendo este, um dos propósitos justificados neste trabalho de dissertação. A história oral é um instrumento hodierno usado para elaboração de registros, documentos, arquivamento e estudos referentes às experiências sociais de pessoas e grupos.

Neste trabalho o uso das histórias orais temáticas foi considerado como instrumento que reaviva a profundidade do passado coletivo das pessoas, em seus diferentes aspectos (sociais, festivos, religiosos, econômicos, políticos). As histórias orais configuram-se ferramenta capaz de salvaguardar as memórias das pessoas que conviveram e convivem na Vila Compra Fiado, percepção iluminada pelos argumentos de Freire (2021, p.42), quando o autor ressalta que:

Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo o amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos.

Ainda para Freire (2011), é importante que o povo tenha consciência de sua própria história e, dessa forma, possa assumir uma posição de protagonista e não de mero receptor de uma história construída de fora para dentro. O autor também ressalta a necessidade da tomada de consciência que cada cidadão deve ter com relação aos seus direitos, assim como, em relação

aos seus deveres. Ele continua sua defesa afirmando que quanto mais o homem possui consciência de sua própria história, mas adquire capacidade para perceber as dificuldades econômicas, sociais e culturais que atravessam o processo contínuo de sua libertação. Nesse sentido, o autor segue afirmando que:

[...] é absolutamente indispensável que o povo todo assuma, em níveis diferentes, mas todos importantes, a tarefa de refazer a sua sociedade, refazendo-se a si mesmo também. Sem esta a função da tarefa maior - e de si mesmo na assunção da tarefa -, o povo abandonará pouco a pouco a sua participação na feitura da História. Deixará, assim, de estar presente nela e passará a ser simplesmente nela representado. (FREIRE, 2011, p. 54)

Sabe-se que a história oral nasce a partir da memória, e que esta última se vale da oralidade para ir ao encontro de pessoas interessadas em ouvir e compartilhar essas narrativas. Meihy e Holanda (2020) afirmam que dar voz a setores desprezados por outros documentos, faz com que a história oral ganhe significado ao filtrar as experiências do passado através da existência de narradores no presente. As histórias orais podem ser salvaguardadas através de livros, e-books, cordéis, revistas, assim como também através de museus virtuais como por exemplo o Museu da Pessoa⁷.

De acordo com os autores Meihy e Seawright, (2020, p. 22), “em história oral não se busca exatidões, verdades históricas, dados incontáveis. Pelo contrário, interessa a versão dada pela relação da fala no enunciado narrativo”. É o que se conta e se reconta ao longo dos tempos e assim vai repassando dos mais velhos aos mais jovens, sem que obrigatoriamente haja uma explicação lógica para o desenrolar dos fatos narrados.

A partir de argumentos estruturantes da pedagogia de Paulo Freire, é possível concluir que há uma relação estreita entre memória, história oral e o processo de fortalecimento da identidade cultural dos indivíduos que fazem parte de um grupo social, de uma comunidade, e das diferentes organizações sociais. A ênfase no trabalho aqui apresentado serão as histórias orais resguardadas na memória individual de moradores da Vila Compra Fiado, contexto de vida da própria pesquisadora.

A presente pesquisa trabalhou em prol da salvaguarda de histórias orais temáticas, especificamente as memórias da infância, na perspectiva de partilhá-las com todos os seus moradores.

⁷ Museu virtual e colaborativo de histórias de vida, fundado em São Paulo, em 1991. Desde sua origem tem como objetivo registrar, preservar e transformar em informação, histórias de vida de toda e qualquer pessoa da sociedade.

2.3 Leitura literária como recurso para o desenvolvimento social e cultural

Muito se tem discutido a respeito do conceito de leitura, entretanto, este debate parece estar longe do fim, principalmente, quando se associa a leitura à uma formação humanista. Ler faz parte da história do homem em sociedade, pois quase todas as manifestações vinculadas à comunicação e expressão humanas são decodificadas pela leitura, seja de palavras, desenhos, gestos, dentre tantas outras formas. Sendo assim, a leitura aqui é inicialmente percebida como um processo de interpretação e de implementação de sentidos amplos, nos moldes como se percebe em Silva (2011, p. 48):

Leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento e mais essencial ainda à própria vida do Ser Humano (O patrimônio simbólico do homem contém uma herança cultural registrada pela escrita. Estar com e no mundo pressupõe, então, atos de criação e recriação direcionados a essa herança. A leitura, por ser uma via de acesso a essa herança, é uma das formas do Homem se situar com o mundo e de forma a dinamizá-lo.)

O autor deixa claro como a leitura é um processo amplo e muito presente nas atividades desenvolvidas pela maioria dos seres humanos, principalmente, como preservação de seu patrimônio cultural. Para a atual pesquisa, faz-se importante associar o conceito de leitura com o conceito de herança cultural, pois é através da primeira que a segunda também se perpetua. A partir do argumento, compreende-se que o fortalecimento cultural de uma comunidade também conta, desta feita, com práticas de leitura. Vale ressaltar que a leitura institucionalizada, principalmente feita na escola, é vista como fonte de conhecimento e de ascensão socioeconômica. Tal fato é evidenciado por Terra (2014, p. 52):

Antes da sociedade industrial, na Europa no século XIX, a leitura era vista como um ócio das camadas privilegiadas. Com as mudanças sociais decorrentes da industrialização, a leitura passou a ser considerada forma de ascensão social, de sorte que não saber ler ficou vinculado ao fracasso social.

A ausência da habilidade da leitura, conforme o autor, é uma fragilidade social, porém, ainda é uma situação facilmente encontrada no Brasil. O analfabetismo de jovens e adultos vem sendo reduzido no país, passando de 11,5% em 2004 para 8,7% em 2012, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD)⁸. Essa redução é ainda mais intensa nas regiões Norte e Nordeste, onde estão identificados os maiores índices de analfabetismo do país. Na faixa de 15 a 19 anos, a PNAD de 2012 registra taxa de analfabetismo de 1,2%. Considerando o indicador, percebe-se que nem todos os brasileiros têm acesso a uma educação de qualidade ou

⁸ Fonte: Disponível em <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32962>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

a uma escola com estrutura física e pedagógica adequadas.

Mesmo estando presente em variados campos da vida humana, é na escola que a maioria dos brasileiros conhece a leitura, no caso deste trabalho, destaca-se a leitura literária. É a escola o principal local da práxis leitora, ou seja, é nesse espaço onde a leitura é “ensinada”. Todavia, fazendo-se um adendo ao debate: infelizmente, ainda há professores de Língua Portuguesa que norteiam seu trabalho com ênfase muito acentuada na gramática normativa e nas práticas de leitura mecanicistas.

As famosas “fichas de leitura”, perguntas elaboradas em forma de avaliação da leitura realizada pelos alunos e outros meios aferitivos são práticas que existem/persistem até os dias atuais. Isto explica a necessidade, ainda premente, de refinar a ação docente em relação à leitura literária, principalmente nas escolas públicas brasileiras. São muitos os fatores que dificultam o desenvolvimento e a implementação de atividades que possam romper com o equívoco, tais como a falta ou precariedade de estruturas, bibliotecas e outros espaços de leitura; além de outros fatores. Os entraves persistem através dos anos. Esse argumento é fortalecido por muitos estudiosos, tal como Martins (2012, p. 23):

Apesar de séculos de civilização, as coisas hoje não são muito diferentes. Muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista e mecânica, enquanto para a maioria dos educadores aprender a ler se resume à decoreba de signos linguísticos, por mais que se doure a pílula com métodos sofisticados e supostamente desalienantes. Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e para quê, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade.

Dar sentido ao processo de ensino aprendizagem é essencial para que o mesmo tenha sucesso e para que se cumpra o papel da educação, como sugere o autor. A leitura, como parte integrante desse processo maior necessita ser carregada de “sentido” para que o aluno possa ser atraído de maneira positiva. Mas, além dessa produção de sentidos, há outros fatores para que o sucesso desejado seja alcançado, como afirma Frantz (2011, p. 11-12):

Sabemos que é impossível desenvolver um trabalho de incentivo à leitura nas escolas se não houver um acervo atualizado nas bibliotecas. [...] Que tenha competência para propor ações, orientar, dinamizar e cativar os alunos para vivenciarem a experiência da leitura. O professor em sala de aula só poderá fazer bem a sua parte se esta outra também estiver funcionando a contento.

Evidencia-se, assim, a importância do acesso ao livro literário, tanto em sala de aula, como em outros espaços sociais. A exemplo do Projeto Casinha de Livros, adotado por esta pesquisa como recurso potente para esse acesso ao leitor, o qual visa tornar a leitura acessível ao maior número de pessoas possível, sendo que qualquer um pode ser usuário ou doador. Trata-se de ampliar as possibilidades de

encontro da comunidade com o mundo dos livros. O diálogo estabelecido entre o Projeto e esta pesquisa tratou de evidenciar a importância de que práticas de leitura sejam dotadas de sentido para se tornarem um processo relevante.

Nessa perspectiva, uma das formas de atribuição de sentidos ao ato de ler pode ser a democratização do acesso às histórias dos sujeitos que compõem uma comunidade. Além de contribuir com a significação do ato de ler, tais histórias ajudam a fortalecer o sentimento de pertença a esta mesma comunidade, alcançando a escola e outros equipamentos sociais. Sobre a oportunidade de produção de sentidos (MOURA, 2015, p. 42) afirma o que se segue:

Assim, para o professor se faz urgente perceber que a leitura, sobretudo a literária, deve ser vista como uma oportunidade de produção de sentidos vários, até mesmo sentidos não tão esperados. Aproveitar a visão compreensiva do aluno, com a carga de conhecimento que ele traz de sua época, é propor uma aula dinâmica e interessante. É abrir espaços para que o aluno seja protagonista do processo de leitura. Conceber a aula de leitura dessa forma é proceder a uma leitura inteligente.

A partir da experiência de leitura realizada pela comunidade, ao adotar o Projeto Casinha de Livros, onde cada morador pôde ter acesso livre às obras literárias, para manuseio e leitura, as pessoas passaram a se sentirem encorajadas a contarem as suas próprias histórias e ao mesmo tempo ouvir a leitura de obras literárias que tinham conexão com as histórias orais ali apresentadas, compreende-se que o protagonismo destacado pelo autor ultrapassa o espaço escolar. Assim, a realização das rodas de histórias, em que obras literárias foram partilhadas oralmente, aponta que a vivência leitora, quando coberta de sentidos, pode favorecer indivíduos em diversos âmbitos de uma ação educativa. Faz-se relevante levantar tais reflexões, bem como, traçar mecanismos cognitivos e metodológicos adequados à mediação da leitura literária, na escola e para além desta, no caso deste trabalho, alcançar toda uma comunidade.

Vale acrescentar que a Educação Comunitária, através da perspectiva aqui apontada, configura-se como um espaço ímpar para descobertas literárias, para o desenvolvimento do sentimento de pertença e para o fortalecimento da identidade social/cultural. O contato com o texto literário, oral ou escrito, é o instante da fantasia, a realização do desejo promovida pelas histórias e pela vivência em comunidade. Este contato inicial pode ser maravilhoso, dependendo, em especial, do compromisso e da postura assumidos pelo promotor de leitura, que tem papel preponderante nesse processo.

Dalvi (2013) afirma que na Educação Infantil, pelo fato de não ser um segmento indicado para iniciação à leitura, o trabalho com a oralidade e com as representações ditas populares é imprescindível, além de propiciar a iniciação do primeiro contato das crianças com

os produtos literários. Segundo o autor, o trabalho com o texto literário nesse período, faz com que as crianças percebam as características sonoras das palavras através dos textos, o uso de figuras de linguagem e faz com que conheçam também a estrutura básica das narrativas, a identificação de traços comuns dos personagens, além de outros aspectos. Todo esse campo de identificação inerente às crianças, como afirma o autor, favoreceu com que os encontros literários se tornassem, paulatinamente, um espaço para que outras gerações também “entrassem na roda”. Sendo assim, faz igualmente importante destacar que todas as pessoas da comunidade tiveram oportunidade de participar e colaborar com a realização das rodas de histórias orais e leitura literária.

É importante ressaltar que antes mesmo de chegar à escola e realizar a primeira interação com os gêneros textuais, o ser humano já tem contato com a oralidade. Dessa forma, desde que nasce, a criança usa variadas formas de se comunicar, expressar-se e se relacionar com o mundo, porém já ouve o seu entorno afetivo desde sua gestação. Tal fato está desvinculado das práticas institucionalizadas da escola, estão presentes no uso da linguagem oral cotidiana.

Assim, é possível dizer que antes da leitura das palavras, a leitura em si já está desenvolvida e implantada. A criança já lê imagens, expressões faciais, gestos, cores, também já escuta as histórias do cotidiano das pessoas que estão à sua volta e, dependendo do território ao qual faz parte, é provável que também escute as histórias que permeiam o imaginário do seu povo. Cabe ao entorno de convivência dessa criança, seja ele familiar, escolar ou comunitário, fortalecer sua capacidade leitora, proporcionar situações variadas, favorecer a ampliação do conhecimento que já possui. A leitura, literária ou não, merece ser apresentada para além das práticas escolares, ou seja, nas mais amplas situações da vida humana.

Ouvir, apreciar, recolher e tratar as histórias orais temáticas presentes na memória as pessoas mais velhas de um determinado território torna-se uma importante possibilidade de aproximar outras gerações das suas raízes culturais e, ao mesmo tempo, da leitura literária. Organizar textos orais de histórias cotidianas, tratá-los a partir dos aspectos de literariedade, e transpor essas narrativas da oralidade para o texto escrito, são formas de salvaguardar o patrimônio de um grupo ou da comunidade. Essas iniciativas são capazes de favorecer com que os mais jovens tenham acesso a essas narrativas, podendo se configurar como um instrumento de salvaguarda das histórias do povo de um lugar. Transpor os textos orais para a escrita pode tornar-se uma forma de valorizar o patrimônio comunitário, democratizar o seu acesso e se tornar um instrumento intergeracional de educação e reavivamento da identidade sociocultural.

A oportunidade de escutar as histórias que compõem a memórias daqueles que nos

antecedem fortalece o sentimento de pertença, principalmente as que são recolhidas através dos que fazem parte do nosso contexto social e familiar, ou seja, daqueles que estão na zona afetiva que envolve qualquer ser humano.

Considerando a importância do ato de ler, bem como da valorização da sua identidade como recurso para o desenvolvimento humano, a perspectiva de valorizar as histórias da comunidade, por meio da leitura, caminha em direção à importância da leitura do mundo através de si. Vale salientar que as ações deste trabalho consideram como extremamente importante que os moradores se percebam nas histórias, sejam as que foram ouvidas, lidas nos livros ou nos textos tratados. A perspectiva é que essas narrativas também façam sentido enquanto instrumento para as questões identitárias.

3 HISTÓRIA ORAL E FORTALECIMENTO DA PERTENÇA CULTURAL COMUNITÁRIA À LUZ DA PEDAGOGIA FREIREANA

Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. A “dodiscência” - docência-discência - e a pesquisa, indicotomizáveis, são assim práticas requeridas por esses momentos do ciclo gnosiológico. (FREIRE, 2021, p. 30)

Para o referencial teórico inicial e basilar desta pesquisa, o pensamento de Paulo Freire é central. O autor traz valiosas contribuições no campo da Educação e outras ciências, nos mais diferentes contextos sociais. Para a pesquisa desenvolvida, foram utilizadas diversas obras do autor, que consubstanciam a forma de pensar a leitura, principalmente como um recurso para o fortalecimento do sentimento de pertença. Sua vasta obra favorece o entendimento da força que a Educação exerce sobre a vida de cada ser humano, sendo algumas: A Importância do Ato de Ler, Educação e Mudança, Educação Como Prática da Liberdade e Pedagogia do Oprimido. O autor enfatiza a necessidade de reconhecer que a pesquisa faz parte do ciclo do conhecimento, tornando-se "indicotomizável" os polos teoria e prática.

Paulo Freire é considerado um dos educadores mais importantes do século XX, um dos brasileiros mais conhecidos no mundo todo, com obras traduzidas em mais de 30 idiomas. Vale ressaltar que a obra do autor está entre as mais lidas e referendadas por inúmeras universidades pelo mundo, tal como o trecho a seguir:

Encantado com a beleza que mora na palavra, o menino Paulo ganhou intimidade com a leitura conduzido pela voz amorosa de sua mãe. Suas primeiras palavras foram escritas na areia, com gravetos das mangueiras frondosas que habitavam o quintal da casa onde nasceu, ali também nasceram palavras com aroma de manga madura. O princípio de uma vasta obra escrita para e pela educação brasileira foi à sombra de uma mangueira, certamente, dela brotaram o “gosto pela alegria” e o “gosto pela vida” que acompanharam todo o seu longo caminhar.⁹

Paulo Freire é um educador, brasileiro, nordestino, que ganhou projeção mundial, mantendo-se ligado às suas raízes, e sem jamais esquecer sua própria história, enquanto caminhava e projetava-se como um dos maiores educadores do mundo, enfatizava suas raízes culturais como basilares em sua formação. Na perspectiva de manter-se ligado à raiz da vida, visitar as memórias do lugar através das narrativas das pessoas mais velhas da comunidade Vila

⁹ Trecho da história “Um menino chamado Paulo”, parte integrante da Agenda dos Professores - 2022, publicada pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará, em comemoração ao centenário do educador Paulo Freire.

Compra Fiado, trouxe a possibilidade das novas gerações entenderem melhor o processo de construção do lugar, conhecerem e valorizarem suas raízes. Identifica-se na obra de Paulo Freire o reconhecimento da Educação como recurso de autonomia, construção de um pensamento crítico e, conseqüentemente, de libertação. Em todo o seu escopo argumentativo, o autor valoriza as narrativas que compõem a história e a memória, tanto individual, como comunitária, como afirma:

Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo o amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos. (FREIRE, 2021, p.42)

O pensamento freireano nos esclarece que os indivíduos são reflexo daquilo que aprendem e vivenciam ao longo do percurso que os constroem enquanto ser social. Percebe-se que a vida e as obras de Paulo Freire sempre estiveram intimamente ligadas, sua trajetória foi fortemente consubstanciada pela reflexão a respeito da própria prática, pensar de forma crítica sobre sua ação educativa e, a partir de uma concepção claramente humanista, configura-se como o seu objetivo principal, sempre tomando como base sua própria história de vida.

A partir do autor, percebe-se que o contexto familiar, social e de sala de aula do educando são realidades indissociáveis. Essa simbiose ou retrospectiva, sempre da prática para a teoria e vice-versa, é um dos temas centrais que Freire apresenta em sua obra. De acordo com o educador, a prática de sala de aula precisa ser pensada numa relação de horizontalidade e de reciprocidade, considerando não só o que o educando sabe, como também a sua história de vida. O autor defende também a importância do sujeito aprender a escrever a sua vida como autor e como testemunha de sua história. Recolher e salvaguardar as histórias orais vivenciadas pelas pessoas da comunidade, foi capaz de aproximar os moradores de suas raízes ancestrais, tornar-se um mecanismo importante para que educadores sintam-se desafiados a conhecerem melhor a história que cada indivíduo traz das suas experiências, seja no contexto escolar ou em qualquer experiência de formação. Trata-se de uma ação educativa capaz de contribuir para que valorizem sua própria história.

Freire também defende que o educador deve não só respeitar os saberes que os educandos trazem consigo, sobretudo os das classes populares, sua perspectiva é discutir a relação desses saberes com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 2018, p.31). Desse modo, as histórias orais temáticas são aqui reconhecidas como um instrumento de potência para a formação, na perspectiva de valorização da própria história e da história do outro. A esse respeito,

Coelho (2020, p.36) enfatiza:

O contato com narrativas oriundas de diversas culturas, principalmente por meio de projetos educativos, reforça os pressupostos de uma educação humanista, de cidadania e de democracia, amplia a capacidade do sujeito de colocar-se no lugar de outra pessoa, ou seja, de compreender de forma mais empática seu contexto de vida e sentimentos expressados.

Dentro das temáticas tratadas por Paulo Freire, considera-se importante destacar ainda o compromisso do profissional com a mudança social. No livro “Educação e Mudança”, o autor aborda a temática do compromisso profissional com a sociedade, deixando bem claro que o ser comprometido é aquele que atua e reflete. Essa é a capacidade do verdadeiro profissional comprometido, atuar e refletir sobre a realidade e, a partir de então, transformá-la. Tal perspectiva dialoga com o que é objetivado por esta pesquisa, a partir do momento em que o ser humano conhece a história de si e sua cultura ancestral, passa a refletir e agir, o que leva à consequentes mudanças. Paulo Freire defende que o compromisso é um ato corajoso e que somente os corajosos são comprometidos. Quando se está comprometido não há temor, visto que gera medo, ou é coercitivo ou é irreal, sendo que esse temor é quase sempre motivado por interesses egoístas, e não, engajados com a coletividade. Quando tal circunstância acontece, a neutralidade é gerada e um ser neutro não é comprometido com a sociedade.

O autor também aponta que o profissional tem uma história cultural e social de vida, e que esses são fatores que têm total relevância para atuação. Tardif (2005) amplia a argumentação do autor e discute sobre o processo de formação profissional do indivíduo, no caso específico, dos professores:

Pode-se constatar que os diversos saberes dos professores estão longe de serem todos produzidos diretamente por eles, que vários deles são de um certo modo "exteriores" ao ofício de ensinar, pois provêm de lugares sociais anteriores à carreira propriamente dita ou situados fora do trabalho cotidiano. Por exemplo, alguns provêm da família do professor, da escola que o formou e de sua cultura pessoal; outros processos universitários outros são oriundos das instituições ou do estabelecimento de ensino (programas, regras, princípios pedagógicos, objetivos, finalidades, etc.); outros, ainda, provêm dos pares, dos cursos de reciclagem, etc. Nesse sentido, o saber profissional está, de um certo modo, na confluência entre várias fontes de saberes provenientes da história de vida individual, da sociedade, da instituição escolar, dos outros atores educativos, dos lugares de formação, etc. (TARDIF, 2005, p. 64)

Compreende-se, portanto, que a constituição do “ser professor” é uma confluência entre a formação teórica e a sua trajetória particular, entre o social e o individual. Com tal reflexão, o autor amplia a reflexão de Freire - para saber quem se é, antes se faz necessário saber quem foi

- isto é, valoriza as narrativas e experiências que constituem o indivíduo como ser social único, inserido em um contexto sociocultural.

No livro *Educação e Mudança*, Freire (2021, p.18) traz um capítulo dedicado à discussão sobre “O compromisso do profissional com a sociedade”. De acordo com o autor “a primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir”. À luz de todo esse campo argumentativo que iluminou a realização deste trabalho, foi possível reconhecer que conhecer as próprias raízes, principalmente através das histórias orais contadas por aqueles que vieram antes, configurou-se como um recurso potente para os processos de autoconhecimento de cada morador da comunidade. O engajamento com as vivências e experiências realizadas atualmente no espaço comunitário, são processos consideravelmente importantes para que os indivíduos possam agir e refletir sobre a própria realidade.

Paulo Freire foi um educador que se preocupou com o educando e a realidade que o circundava. Seus discursos são marcados pelo cuidado que se deve ter com a relação de horizontalidade entre aluno e professor, para o educador “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo” (Freire, 2021, p. 95). A partir dessa reflexão, é possível referendar que o educador não é o detentor do conhecimento, aquele que é inalcançável, em verdade ele é um mediador entre o conhecimento e o educando. Nesse processo, tanto ensinar quanto aprender, “não há o que sabe mais e o que sabe menos, o que existe são saberes diferentes”. O método de alfabetização criado pelo educador traz a perspectiva de uma educação emancipadora, libertadora, voltada para a dimensão humana.

De acordo com o que escreveu em “Educação como prática da liberdade”, trata-se de uma ação educativa afastada de qualquer possibilidade de um regime de dominação. Para o autor, o processo de alfabetização precisa contribuir com o desenvolvimento da capacidade de refletir sobre a própria história e a partir disso, recriar o mundo à sua volta, de forma crítica e consciente do seu papel de agente transformador. Nesse sentido, a educação deve manter-se distante de uma prática que condiciona e domina o pensamento do educando. Por esse motivo, enxerga-se a força que o trabalho com a leitura e a narração oral de histórias possuem diante de um contexto comunitário. Partilhar uma narrativa na qual as paisagens e os protagonistas presentes no enredo fazem parte do convívio social dos leitores/ouvintes, permite que estes possam se perceber como parte da história.

Paulo Freire viveu e produziu suas obras circunstanciado/contextualizado pelos acontecimentos brasileiros da época, depois vieram os acontecimentos latino-americanos, europeus e assim por diante. Nesses diferentes contextos, construiu-se e projetou-se como um

dos educadores mais importantes para o Brasil e para o mundo, deixando importantes reflexões, especialmente para os profissionais da educação.

Mediante o exposto, pode-se afirmar que, para educadores que atuam em contextos comunitários, de significativa efervescência cultural, é importante levar em consideração as histórias e a memória coletiva. Este é o caso da Vila Compra Fiado, em que as narrativas, as paisagens, as questões pertinentes ao contexto comunitário, passaram a ser pensadas a partir da realidade da própria comunidade e de suas histórias. Toda essa trajetória foi percorrida com o objetivo de favorecer a salvaguarda de histórias orais temáticas, em uma experiência que, por meio da memória coletiva, promoveu o reavivamento da sua identidade sociocultural, construiu-se esse processo acreditando na argumentação de Freire (2000, p.32) ao afirmar que “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

O educador que ilumina substancialmente este trabalho guarda na memória a sombra de uma mangueira, mais uma inspiração para um percurso investigativo que aconteceu à sombra de jatobazeiro.

4 COMUNIDADE: UM TERRITÓRIO EDUCATIVO

*Eu nasci ouvindo os cantos
das aves de minha serra
e vendo os belos encantos
que a mata bonita encerra
foi ali que eu fui crescendo
fui vendo e fui aprendendo
no livro da natureza
onde Deus é mais visível
o coração mais sensível
e a vida tem mais pureza.
Sem poder fazer escolhas
de livro artificial
estudei nas lindas folhas
do meu livro natural
e, assim, longe da cidade
lendo nessa faculdade
que tem todos os sinais
com esses estudos meus
aprendi amar a Deus
na vida dos animais.*

Patativa do Assaré

Para Fernandes (2012, p. 27) o conceito de território permite a compreensão do espaço como articulado pelas dimensões produtivas, culturais, educacionais, políticas e sociais. O autor afirma que “vinculado ao conceito de território, temos a noção de territorialidade - como se constrói o território e como funciona - que pode ser entendida como o que se encontra no território, estando sujeito à sua gestão e, ao mesmo tempo, com o processo de conscientização da população, de fazer parte de um território, de integrar-se em um Estado.

Assim como nas palavras do poeta que declama amor por seu território, nas palavras de Patativa do Assaré, que encabeça este capítulo, pode-se dizer que a Vila Compra Fiado é um lugar, ora verdejante, ora dourado, cuja ambiência natural educa os moradores desde a mais tenra infância, sua cotidianidade cria pontos de intersecção entre as vivências das várias gerações. Os versos de Patativa revelam um território educativo, bem como a experiência deste trabalho, a ação educativa na comunidade reafirmou-a como um espaço educador, quebrando o paradigma de uma educação exclusivamente institucionalizada, escolar, em que os sujeitos são agrupados por faixas etárias e que conduz, em sua maioria, uma relação pouco dialógica.

Entende-se por comunidade um grupo de pessoas que frequenta ou divide o mesmo espaço, seja ele um território físico ou um ambiente virtual. Na comunidade, seus integrantes possuem modos de vida e ideologias semelhantes, são conectados por laços afetivos, por interesses comuns ou pela troca de experiências coletivas. De acordo com Castelles (2003, p. 106): "Comunidades são redes de laços interpessoais que proporcionam sociabilidade, apoio, informação, um senso de integração e identidade social". Dentre os diferentes tipos de comunidade, a família se caracteriza como a primeira instituição social, que inicialmente constrói a mentalidade do indivíduo e de substancial importância para o preparo da vida em sociedade.

Pode-se destacar a comunidade escolar, um espaço que proporciona o convívio com a diversidade e a construção de novos laços de amizades, assim como a ampliação das responsabilidades e o respeito às diferenças. Existem outros tipos de comunidade, como as religiosas, que são compostas por pessoas que partilham de crenças de matriz comum e cujos pontos de vista sobre os valores morais - e, não raro, também sociopolíticos - convergem com a doutrina religiosa. As comunidades de moradia são compostas por pessoas que residem nos arredores, em uma rua, vila ou vizinhança, e partilham do mesmo espaço geográfico, problemas estruturais e as potências de usufruto que os permeiam.

Já as comunidades tradicionais são povos que cultivam costumes e tradições específicas, cujo modo de viver e sustento estão, geralmente, ligados ao lugar onde vivem e à natureza. Grupos quilombolas, indígenas, pescadores e quebradoras de coco são exemplos de comunidades tradicionais brasileiras. O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) destaca a auto identificação dessas populações como tal, para serem definidas. Fica evidente uma marca da diferença entre comunidade e mera instituição de socialização, esta pode ser vista como um mecanismo da Sociedade que atua espontaneamente sobre o indivíduo, e aquela, como um grupo de forte conexão identitária e cultural, de aspecto mais íntimo. Zygmunt Bauman, no texto *Comunidade - A busca por segurança no mundo atual* - reitera o caráter "confortável e aconchegante" que é "lincado" ao conceito etimológico de comunidade, pela segurança que está filiado a um conjunto de pessoas com que se pode contar, transparece ao indivíduo.

No caso da Vila Compra Fiado, as vivências da ruralidade, a proximidade fraterna que a população tem - por se tratar de uma grande família estendida, agregados e amigos - o conceito de Bauman é diretamente aplicado. A experiência da organização da festa junina,

durante a realização desta pesquisa, é um exemplo em que toda a comunidade agregou-se, montando uma rede de apoio orquestrada pelo sentimento de pertença. De modo congênere, se alguma pessoa sofre um problema de saúde, não falta quem ofereça apoio até o completo restabelecimento, “afinal, é pra isso que tem a família”, argumento fortemente presente no código cultural do território.

A respeito de um trabalho acadêmico realizado em/com comunidades, Coelho (2020, p. 79), a partir dos argumentos de Barbosa (2009, p. 22) afirma que:

Na contemporaneidade, faz-se cada vez mais necessário o desenvolvimento de pesquisas que avaliem os melhores procedimentos para atingir os objetivos educacionais de hoje, visto que estes concentram-se, principalmente, na flexibilidade entre pensar e agir, na capacidade de caminhar em direção a uma melhor qualidade de vida no planeta e no aprender a aprender.

A inserção da pesquisadora deste trabalho no território de pesquisa, considerando sua própria história enquanto moradora, é um aspecto que favoreceu substancialmente a abertura de diálogos sobre o trabalho a ser realizado, visto que, a confiança recíproca já estava estabelecida no cotidiano.

Coelho (2020, p. 81) argumenta que “mediados pelas palavras, os sujeitos constroem saberes a partir do encontro com os saberes do outro, a palavra é o principal mediador nos processos de construção desses saberes, na perspectiva de uma educação que preconiza o diálogo e a participação. A própria prática educativa da investigadora, que até então só havia atuado no espaço institucional, ganhou novas dimensões do ponto de vista dialógico e democrático, pode ser ampliada de sentidos. A esse respeito, a autora citada anteriormente afirma ainda:

Em espaços de ações educativas com comunidades é necessária a conscientização da necessidade de alcance dessa práxis democrática, por meio de uma atuação capaz de relativizar contextos e sujeitos. Portanto, reconhece-se a importância da palavra que promove diálogo e participação cidadã, dessa forma, favorecendo a compreensão do que configura o educador como um mediador. (COELHO, 2020, p.81)

Nos espaços comunitários, em especial da zona rural, como é o caso da Vila Compra Fiado, todos aprendem entre si e com o seu entorno. A perspectiva do trabalho realizado dialoga diretamente com o conceito de Cidade Educadora¹⁰, identificado como aquele espaço coletivo

¹⁰ A cidade educadora deverá oferecer a todos os seus habitantes uma formação sobre os valores e as práticas da cidadania democrática: o respeito, a tolerância, a participação, a responsabilidade e o interesse pela coisa pública, seus programas, seus bens e serviços. Fonte: <http://portal.mec.gov.br>

que desenvolve intencionalmente, e de forma coordenada, uma política de formação e integração de todos os seus habitantes, de forma a estabelecer relação direta entre as políticas relativas à Educação formal e não formal, à Saúde, ao Lazer, ao Meio Ambiente e outros.

A partir da compreensão da importância dessa relação, este trabalho buscou reunir educação e intersetorialidade, à medida em que articulou sujeitos de setores diversos, com seus diferentes saberes e com vistas a enfrentar as questões socioculturais, mais especificamente o desejo de favorecer o reavivamento cultural da comunidade.

Observa-se, portanto, o quanto foi significativo um olhar atento às singularidades, principalmente no que se refere à educação no campo, e mais singularmente ainda para os modos de viver no território, seja pelas crianças e/ou por adultos.

Bernardo, o pequeno morador de 3 anos, constrói brincadeiras, lembranças e histórias nos mesmos lugares que seu bisavô, Pingo, de 81 anos, ao acompanhar o ancestral, aprende sobre os animais, os manejos da terra, os valores comunitários e vários outros saberes. O espaço cronológico que distancia o modo de vida dos dois é permeado pelos troncos dos mesmos pés de jatobá, pelos contos da tradição oral que revelam as mesmas várzeas, pelo mesmo canto dos pássaros que toda manhã entoam sua sinfonia.

A relação intergeracional aqui presente ensina tanto a Bernardo quanto a seu Pingo e colabora para expandir as vivências partilhadas no seio da comunidade, bem como, ela própria. Para ampliar o sentido desse estudo realizado a partir da partilha de histórias orais foi essencial estabelecer um debate mais centrado no conceito de Comunidade, voltar o olhar para o próprio território, e reafirmar sua capacidade de educar.

A experiência com as histórias orais, em suas mais diversas tipologias, sejam as histórias de vida ou os textos literários, lidos em voz alta, além das histórias de tradição oral contadas na roda, encontrou um terreno fértil no território, visto que, a ambiência narrativa sempre fez parte da vivência comunitária. Apresentar a partilha oral de histórias às crianças, por exemplo, configurou-se, além de um recurso de reavivamento cultural, também uma oportunidade de estabelecer um diálogo intergeracional com os antigos contadores, um contato afetivo com os contadores de histórias de tradição. Sobre a importância desses mais velhos nos contextos comunitários Coelho (2020, p. 104) destaca:

[...]os narradores naturais presentes nas comunidades são os sujeitos da atuação educativa dialógica e participativa, portanto, deve-se atuar na perspectiva de perceber as histórias de tradição oral como um elemento fomentador do diálogo, da participação e da interação, compreendendo a escolha de atuar com essas narrativas.

Segundo Pinto & Antunes (2009, p.39) a perspectiva de uma ação educativa em contextos comunitários seria ampliar as “potencialidades dessas comunidades, de modo a tornar

os agentes sociais participantes ativos da construção contínua do progresso cultural, do desenvolvimento sustentável das pessoas e das comunidades”. A partir da argumentação das autoras, é possível reconhecer o percurso desta investigação como uma experiência educativa, que atuou com o elemento mais potente no território: as histórias orais.

Ao partilhar as próprias narrativas, percebe-se que os moradores realmente tornaram-se participantes ativos, identificaram a ambiência narrativa como esse elemento cultural contínuo, capaz de salvaguardar suas histórias, em resposta, percebeu-se um forte movimento de reavivamento sociocultural.

Na perspectiva educacional referendada pelo aconchego e entrelaçamento de rede a que Bauman (2003) se refere à troca de saberes tradicionais, modernos, empíricos e científicos na comunidade. Bernardo e Seu Pingo são representantes dessa educação comunitária dialógica, como eles, muitos moradores têm essa oportunidade marcante de aprender pela experiência, substancialmente por meio da transmissão oral, na perspectiva da territorialidade da educação.

A realização deste trabalho contou com a potência do seu território, foi possível reafirmar o ensinamento do poeta com o nome de passarinho do sertão: percebe-se que a comunidade segue vendo e aprendendo no livro de sua própria natureza.

5 CAMINHOS METODOLÓGICOS E RESULTADOS DA PESQUISA

O ensinar e o aprender implicam uma relação entre o sujeito que se propõe a trabalhar e socializar *saberes* e alguém que está *aberto a ouvir e aprender* novos saberes para aprofundar conhecimentos já existentes. (OLIVEIRA, 2013, p. 53)

No começo do ano de 2021, quando a autora iniciou sua trajetória na turma de Mestrado em Educação Profissional da Universidade Regional do Cariri-URCA, surgiu a ideia de montar uma roda de conversa, à sombra dos jatobazeiros, tendo como público as pessoas da Vila Compra Fiado. Os objetivos traçados para o encontro foram: compartilhar com os moradores o desejo de ter a comunidade como lócus para a realização da pesquisa de mestrado; ouvir os anseios dos moradores a respeito do contexto cultural atual, e elencar ações capazes de contribuir com a resolução das demandas apresentadas.

O encontro iniciou-se com a seguinte pergunta: o que este local representa para cada um de vocês? As respostas dadas deram margem para uma importante discussão a respeito da necessidade de restabelecer os laços comunitários considerados como sendo esquecidos. Nesse contato inicial, foi notório o enfoque dado às memórias coletivas, além do apreço profundo pelos pés de jatobá - que outrora era o epicentro das comemorações de cunho cultural, e encontravam-se quase abandonados -, muitos dos participantes revelaram atribuírem um valor imenso a esse espaço comunitário. Esse primeiro contato com a população apontou a direção que o estudo/pesquisa deveria tomar, confirmando a percepção da riqueza de um trabalho envolvendo a memória de cada uma dessas pessoas.

Dessa forma, os conhecimentos adquiridos por meio do percurso acadêmico alimentaram as ideias debatidas junto aos moradores da Vila, e apresentaram referências teóricas que, ao longo do processo, foram contribuindo com as escolhas sequenciais das ações a serem realizadas. Portanto, ouvir, organizar e tratar as narrativas orais, configurou-se, naquele momento, um excelente caminho para o bom êxito das ações que dariam vida ao projeto de pesquisa.

O presente trabalho adotou como principal recurso metodológico a pesquisa-ação. Segundo Thiollent (2008, p. 16), esse tipo de pesquisa apresenta como característica marcante:

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

E, mais adiante, o autor complementa que “a pesquisa-ação é realizada em um espaço de interlocução onde os atores implicados participam na resolução dos problemas, com conhecimentos diferenciados, propondo soluções e aprendendo na ação” (THIOLLENT, 2002, p. 4). Para Thiollent (2008), a pesquisa-ação não se limita apenas à reflexão teórica, perpassando para uma abordagem mais prática e interventiva. Assim, para o autor, toda e qualquer pesquisa que busca uma proposição prática e útil pode ser classificada como uma pesquisa-ação ou, pelo menos, pode originar uma futura intervenção prática a partir das análises e dos questionamentos elencados.

Entretanto, dentro do âmbito desta pesquisa, o aspecto mais relevante da categorização citada por Thiollent (2008) é, justamente, a participação coletiva, tornando o espaço pesquisado um espaço de interlocução. Além do que, outro traço característico da pesquisa-ação, segundo o mesmo autor, é a participação ativa do pesquisador no contexto pesquisado. Tendo em vista que a pesquisadora deste trabalho faz parte da comunidade da Vila Compra Fiado, justifica-se mais uma vez a escolha da metodologia apontada.

Como toda e qualquer pesquisa, esta também se valeu de alguns instrumentos de coleta e análise de dados. Vale ressaltar que foram utilizados instrumentos diversos por conta da própria natureza “multicultural” da pesquisa, uma vez que a mesma abarca memórias, costumes, crenças, tradições e outros aspectos da comunidade. Dessa forma, a coleta de dados foi realizada através de rodas de histórias, mídias e aplicativos digitais criados a partir do Projeto “Memórias do Compra Fiado” (Whats App, Instagram), notas de campo e conversas informais. Todos os passos da pesquisa foram devidamente anotados no caderno de campo/diário de bordo, pois o registro das ações e das reverberações por elas causadas no lócus pesquisado se faz de suma importância para a correta observação de quem pesquisa.

A seguir, organizou-se um quadro resumo descrevendo as ações realizadas para implementar os objetivos da pesquisa (ver quadro 01 abaixo). O quadro busca sistematizar, de forma didático-textual, a metodologia realizada pela pesquisadora, levando em conta as características de uma pesquisa-ação.

Quadro 1: Descritivo das atividades realizadas

DATA	PÚBLICO	ATIVIDADE	OBJETIVO
16.02.2021	Moradores da comunidade	Roda de conversa	*Ouvir os anseios dos moradores da comunidade a respeito do contexto cultural atual e elencar ações que pudessem contribuir com a resolução das demandas apresentadas.
10.03.2021	Moradores da comunidade	Roda de conversa	*Discussão sobre os documentos que comprovaram o pertencimento das terras ao Padre Cícero Romão Batista.
22.03.2021 a 05.04.2021	Moradores da comunidade	Campanha de arrecadação de fundos .	*Compra da Casinha de madeira. *Adoção do Projeto Casinha de Livros
14.05.2021	Moradores da comunidade e representantes da Secretaria de Desenvolvimento Econômico Planejamento e Gestão de Brejo Santo-CE (SEDESPLAN)	Roda de conversa	*Abertura da Associação de Moradores e Admiradores da Comunidade Compra Fiado.
16.05.2021	Moradores da comunidade	Roda de conversa	Formação da Diretoria Executiva da Associação dos Moradores e Admiradores da Comunidade Compra Fiado.
01.06.2021 a 30.06.2021	Moradores e ex-moradores da comunidade	Grupo de whatsapp	Coletar imagens e áudios com as memórias das antigas festas juninas realizadas na comunidade.

27.06.2021	Moradores da comunidade	*Inauguração do Projeto Casinha de Livros da comunidade.	*Tornar o livro acessível a todos os moradores da comunidade.
23.07.2021	Moradores da comunidade	*Encontro comunitário	*Oficialização da associação comunitária.
13.08.2021	Moradores da comunidade e Grupo Narradores Cariri	*Roda de Histórias	*Escuta e partilhas de histórias orais.
21.08.2021	Moradores da comunidade e convidados	*Palestra com o escritor Leonardo Fleming contando sua história de vida.	*Estimular as pessoas da comunidade a acreditarem em suas potencialidades.
24.10.2021	Crianças do Centro de Educação Infantil Vovó Ducarmo	*Festa em comemoração ao dia da criança com contação de histórias e brincadeiras diversas.	*Comemorar o dia das crianças.
01.11.2021	Moradores da comunidade e visitantes	*Roda de leitura e contação de histórias	*Receber doações de livros realizadas por Tiago Silva “O Mochileiro pela Educação”
04.01.2022	Moradores da comunidade	*Início da construção de um minimemorial comunitário	*Ter um local para abrigar os objetos antigos doados pelos moradores da comunidade.
12.01.2021	Moradores da comunidade e funcionários da prefeitura municipal	*Revitalização do espaço comunitário “Os Pés de Jatobá”	*Deixar o espaço mais aconchegante, iluminado e proteger as árvores que estavam ameaçadas pelo cupim e pela erosão do solo.
22.01.2022	Moradores da comunidade e convidados	*Lançamento de livros *Roda de histórias *Apresentação cultural	*Lançar a trilogia de livros do escritor Artur Andrade, parceiro/colaborador do Projeto Memórias do Compra Fado.

03.03.2022	Representantes do Centro Cultural do Banco do Nordeste	*Reunião para programar uma visita do Projeto Rumo aos Museus	*Mapear contadores de histórias da tradição oral da comunidade. *Firmar parceria *Apresentar histórias recolhidas na comunidade
13.04.2022	Alunos da turma do 6º e 7º anos da Escola de Ensino Fundamental Maria Benvinda Quental, moradores da comunidade e um escritor convidado	*Roda de histórias Leitura do livro “Bel, o menino de coração selvagem” do escritor Wagner David Rocha. Leitura e entrega de cordéis para o público.	*Aproximar o leitor do escritor e promover o gosto pela leitura.
23.04.2022	Moradores da comunidade e visitantes.	*Visita do Projeto Rumo aos Museus do Centro Cultural do Banco do Nordeste.	*Levar os visitantes a um mergulho nas histórias da comunidade através dos moradores mais velhos do lugar.
25.06.2022	Moradores da Vila Compra Fiado e visitantes.	*Festa junina com apresentação cultural e festa dançante.	*Reavivar a tradição das tradicionais festas de São João da comunidade.
20.09.2022	Jovens e crianças	*Organização dos livros do projeto “Casinha de Livros” na Unidade Básica de Saúde da comunidade.	*Adesivar/identificar os livros com o nome do projeto.
22.10.2022	Moradores da comunidade e visitantes.	*Lançamento do livro “A Família Mágica” do escritor Alan Silva.	*Valorizar os artistas do lugar.

É importante ressaltar que as atividades descritas no quadro acima são apresentadas no aplicativo Instagram do Projeto Memórias do Compra Fiado¹¹, onde constam fotos e vídeos de acordo com as datas de realização. Além das ações realizadas através do Projeto citado, ainda é possível acompanhar, no mesmo aplicativo, algumas atividades do cotidiano das famílias, registradas pelos próprios residentes na comunidade. De acordo com Thiollent (2008, p. 15):

Na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Sem dúvida, a pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja de tipo participativo.

É importante salientar que as ações não seguiram uma sequência rígida. A autora e os participantes seguiram seu calendário pessoal, sem necessária articulação direta ou urgente com as atividades desenvolvidas na pesquisa. Todas as propostas foram realizadas de maneira espontânea, partindo dos anseios coletivos e das necessidades, inclusive estruturais, demandadas à medida que os projetos envolvidos se expandiram. A esse respeito Thiollent (2008, p. 47) afirma:

O planejamento de uma pesquisa-ação é muito flexível. Contrariamente a outros tipos de pesquisa, não se segue uma série de fases rigidamente ordenadas. Há sempre um vaivém entre várias preocupações a serem adaptadas em função das circunstâncias e da dinâmica interna do grupo de pesquisadores no seu relacionamento com a situação investigada.

Conforme foi citado anteriormente, de acordo com o andamento da pesquisa, a autora registrou as impressões, anseios e a receptividade das atividades, por meio de registros como textos escritos, fotografias, áudios e vídeos, para que posteriormente fosse realizada a análise dos resultados obtidos

Para a pesquisa aqui apresentada foi de fundamental importância realizar momentos de reflexão e partilha de conhecimentos, de modo a permitir que os sujeitos envolvidos pudessem conhecer a história do próprio território, suas raízes culturais e ancestrais como meio para fortalecer a identidade cultural e o sentimento de pertença, conhecendo mais profundamente suas origens. As rodas de histórias realizadas com a comunidade permitiram que, entre uma leitura literária e uma partilha de história vivida, as pessoas se sentissem estimuladas a realizar a partilha de memórias, narrativas as quais, em sua maioria, surgiram permeadas pelas paisagens, costumes e crenças comunitárias.

¹¹ Acesse o Instagram do projeto: @memoriasdocomprafiado

Durante o percurso das ações prático-metodológicas desta pesquisa foram realizadas a escuta, a recolha e a partilha das memórias e das narrativas orais de moradoras e moradores da comunidade, tendo como objetivos a partilha e a salvaguarda desse patrimônio, principalmente por meio dos textos produzidos a partir das histórias recolhidas, presentes neste trabalho como produto desta dissertação de mestrado.

Como já citado anteriormente, buscou-se com esta pesquisa fazer com que as histórias salvaguardadas se tornassem recurso para o fortalecimento da identidade dos moradores do território, bem como, pudessem contribuir com outros trabalhos no tocante às histórias orais e ao processo de fortalecimento cultural de outras experiências educativas.

A oralidade é parte vital e orgânica da cultura popular, cultura essa que favorece e se apresenta como base para o enriquecimento social, de memórias, afetividade e identidade. Para o indivíduo que está em constante processo de construção enquanto ser social, as histórias de pessoas próximas podem se tornar um aporte para a promoção do fortalecimento da identidade cultural.

Ouvir sobre construção de saberes é outro fator relevante. O ser humano aprende a falar escutando os pais, e outras pessoas do seu círculo de convivência: cuidadores, professores e outros educadores sociais. As crianças ouvem as pessoas que estão à sua volta. Ouvindo histórias o indivíduo aprende sobre o mundo, sobre si e constrói um vasto campo de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, como o gosto pela leitura, por exemplo. As pessoas que aprendem, desde cedo, a saborear as palavras embaladas pela voz de um narrador do seu cotidiano despertam mais facilmente o gosto pela leitura. Por esse motivo, acredita-se que registrar por escrito as histórias recolhidas e apresentá-las aos moradores da comunidade, tornou-se de suma importância para favorecer todo um campo de subjetividade, identidade e vínculo cultural, além de, também, promover a habilidade da leitura.

Um dos principais objetivos desta pesquisa foi descobrir as possibilidades de contribuir com o reavivamento sociocultural na Vila Compra Fiado, com base no entendimento referente aos conceitos de história oral temática e leitura literária, assim como, compreender as contribuições das narrativas orais para o processo de fortalecimento da identidade cultural das pessoas da comunidade. Por esse motivo, as rodas de histórias tiveram um papel preponderante no decorrer do percurso. “A leitura deve ser a mediadora entre leitor e o mundo para que a partir dela ele possa redimensionar valores e vislumbrar novos horizontes para si e para a sociedade” (RESENDE, 1985, p. 52). Acredita-se que, considerando a experiência com a comunidade, esse redimensionamento se efetivará a partir do sentido de identidade que pode ser enriquecido por

meio das memórias partilhadas através das histórias orais temáticas registradas no produto final deste trabalho.

A partir dos conceituais que fundamentam este trabalho, bem como, das atividades planejadas para a pesquisa, percebeu-se que muitos dos conhecimentos sobre a construção de saberes e de formação em determinado território não podem ser plenamente encontrados em publicações ou outros suportes textuais. Os conhecimentos presentes na cotidianidade do território, e descobertos a partir da narrativa das pessoas que contribuíram para o crescimento e o desenvolvimento do trabalho, completam, substancialmente, o escopo desta pesquisa; desta feita, essa descoberta ampliou de sentidos a realização da mesma. Acredita-se que poderá contribuir enquanto caminho para favorecer o pertencimento cultural dos moradores. Assim espera-se que seu registro possa tornar-se uma fonte bibliográfica para outros trabalhos e/ou continuidade neste campo de investigação.

Em relação às narrativas recolhidas, abre-se um destaque para as histórias de autoria de Maria Sonia de Sousa, Silvaneide Rosa da Silva e um texto da própria autora da pesquisa: Veridiane Rosa da Silva. As histórias escolhidas são as que mais possuem literariedade, ou seja, apresentaram uma sequência lógico-temporal e demais elementos narrativos (personagens, enredo, clímax, desfecho) que favoreceram o processo de transcrição e sua posterior transformação em obra literária.

As narrativas foram partilhadas oralmente, e posteriormente gravadas em uma das rodas de histórias realizadas no decorrer da pesquisa. Assim como estas, muitas outras igualmente interessantes foram ouvidas, as quais, futuramente, merecem passar pelo processo de transcrição. As histórias que carregam as memórias da infância tornaram-se foco da pesquisa, o impacto na audiência e sua recorrência nas partilhas, foram os critérios de seleção para os textos que compõem o corpus do produto desta dissertação.

Vale ressaltar que os textos que deram vida ao produto desta pesquisa posteriormente serão transcodificados para a forma de livros literários, e serão publicados pela autora desta pesquisa. Como uma forma de retribuição e continuidade da partilha, exemplares da publicação serão doados ao Projeto Casinha de Livros, tornando acessíveis a todos os moradores da comunidade as histórias garimpadas durante todo o processo.

5.1 A pesquisa-ação e a história oral temática

Segundo Thiollent (2008, p. 18), a pesquisa inserida no universo da pesquisa-ação considera especificamente dois tipos de objetivos: o prático e o de conhecimento. O primeiro procura simplificar da melhor maneira possível o problema considerado como central na pesquisa, buscando soluções e propostas de ações correspondentes às "soluções" que possam contribuir com o agente (ou ator) na sua atividade transformadora. Já o segundo, esforça-se no sentido de achar ou descobrir informações importantes que irão contribuir com o conhecimento de determinadas situações, como reivindicações, por exemplo.

Ainda de acordo com Thiollent (2008, p. 22) “a pesquisa-ação não é constituída apenas pela ação ou pela participação. Com ela é necessário produzir conhecimentos, adquirir experiência, contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas”. A partir desse entendimento, foram priorizados os diálogos estabelecidos entre os membros da comunidade e a pesquisadora, bem como a transcodificação do trabalho realizado por meio da escuta das histórias orais temáticas.

As partilhas de histórias, tanto as narradas de memória como as lidas em voz alta, aconteceram especialmente no espaço comunitário, favorecendo o convívio intergeracional, sempre a partir de um tema em comum, proposto para discussão e estímulo do diálogo entre os grupos. A partir disso, observou-se que quando é oportunizado conhecer melhor o seu lugar de origem e é despertada a consciência da importância de si, principalmente quando inserido em processo de formação social no próprio espaço, o indivíduo é capaz de atuar e agir de forma mais conscienciosa (ver figura 07).

Figura 7: Roda de histórias



Fonte: Kaique Santos

A história oral sempre pertence ao tempo presente, mesmo que seja uma narrativa da infância. A memória é reverberada pelas experiências de tudo o que o indivíduo viveu até o presente. Assim, a narrativa que aconteceu há décadas, na infância ou em qualquer outro momento da vida, sofre influências de uma espécie de filtro da memória ou do filtro das experiências de vida. Essa é a razão pela qual a história oral é também reconhecida como história viva. Ela proporciona excelentes oportunidades de trocas de aprendizagens entre crianças, jovens e adultos, contribuindo de forma significativa com o processo de fortalecimento da identidade das novas gerações.

O trabalho com história oral é extremamente relevante, especialmente quando as iniciativas de recolher as histórias acontecem a partir dos indivíduos que também fazem parte dela. Sobre a potência de um trabalho com identidade, Freire (2011, p. 47) destaca:

Um dos inúmeros aspectos positivos de um trabalho como este é, sem dúvida, fundamentalmente, o reconhecimento do direito que o povo tem de ser sujeito da pesquisa que procura conhecê-lo melhor. E não o objeto da pesquisa que os especialistas fazem em torno dele. Nesta segunda hipótese, os especialistas falam sobre ele; quando muito, falam a ele, mas não com ele, pois só o escutam enquanto ele responde às perguntas que lhe fazem.

Escutar os indivíduos, entendê-los, conhecê-los como pessoas pertencentes a um contexto sociocultural, foram aspectos relevantes para este trabalho. Freire ressalta que apenas

falar com as pessoas é ato raso, insuficiente. Um questionário de múltiplas respostas, de questões abertas, ou outro qualquer, pode não alcançar a dimensão sociológica, cultural, memorial e ontológica do indivíduo.

5.2 O contexto da pesquisa: a comunidade da Vila Compra Fiado e os pés de jatobá

Antes de toda e qualquer atividade dentro de uma pesquisa-ação, faz-se necessário conhecer o lócus onde a mesma vai ser desenvolvida. No caso desta, o caminho não poderia ser diferente, apesar da pesquisadora residir no território, foi necessário lançar um olhar mais profundo para o contexto comunitário e buscar entender quais eram, naquele momento, as questões de interesse e necessidade da maioria dos moradores envolvidos com a pesquisa. A esse respeito, Thiollent (2008, p. 29) argumenta:

Em geral, a ideia de pesquisa-ação encontra um contexto favorável quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais. Querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a "dizer" e a "fazer". Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados.

A partir da argumentação do autor, percebe-se que conhecer a localidade (pessoas, costumes, cultura, dentre outros elementos) foi, e ainda é, parte fundamental de uma pesquisa-ação, tendo em vista que não é possível desempenhar um papel ativo dentro de um espaço comunitário, como é o caso do local da pesquisa aqui apresentada, sem antes conhecê-lo. O autor segue afirmando que, na pesquisa-ação, se faz necessário uma estreita relação entre pesquisador e pessoas envolvidas na situação investigada.

A partir de documentos antigos¹² e de horas de escuta dos discursos dos mais velhos a respeito da gênese do lugar, foi possível recontar essa história. A comunidade passou a ser denominada de Vila Compra Fiado a partir do dia 22 de janeiro de 2021, através da Lei Municipal Nº 1134/2021 (ver anexo D). Parte integrante da zona do município de Brejo Santo, na região Sul do Ceará, socialmente conhecida como Cariri Cearense, a propriedade onde está localizada a atual Vila Compra Fiado pertenceu ao Padre Cícero Romão Batista, de acordo com a escritura

¹² Além das histórias orais temáticas coletadas, a presente pesquisa também conta com um levantamento de documentos referentes à origem da Vila Compra Fiado: 1. Procuração que nomeia o Padre Álvaro Lustosa Teixeira de Freitas como representante/dono das terras do então sítio Compra Fiado, representando a Congregação Salesiana do Norte do Brasil na cidade de Juazeiro do Norte-CE. 2. Certidão da Escritura Pública de Compra e Venda das terras do então sítio Compra Fiado, no Cartório Matias. 3. Livro Original da Escritura Pública da Vila Compra Fiado. 4. Escritura pública de compra e venda - documento transcrito para a forma digital/impresso. Todos os documentos citados encontram-se em cópias digitalizadas no Apêndice desta dissertação.

pública localizada no Cartório de 1º Ofício da cidade de Brejo Santo-CE. Outra informação contida na mesma escritura pública é que a comunidade fez parte do inventário julgado pelo juiz de Direito da Comarca de Juazeiro do Norte - CE, entre os dias 29 de julho e 25 de outubro de 1938. Ainda de acordo com o documento, o senhor Manoel Canuto da Silva e a senhora Ana Canuto da Silva compraram a referida propriedade da Congregação Salesiano do Norte do Brasil, que por sua vez, havia recebido essa parte de terra do Padre Cícero Romão Batista através de doação inventariada. O Padre Olavo Lustosa de Freitas era o diretor da congregação citada e foi o procurador responsável pelos trâmites da venda. Seu Manoel Canuto e a sua mãe, dona Ana Canuto, compraram o terreno no dia seis (6) de setembro de mil novecentos e quarenta e quatro (1944) e, logo em seguida, passaram a residir no local.

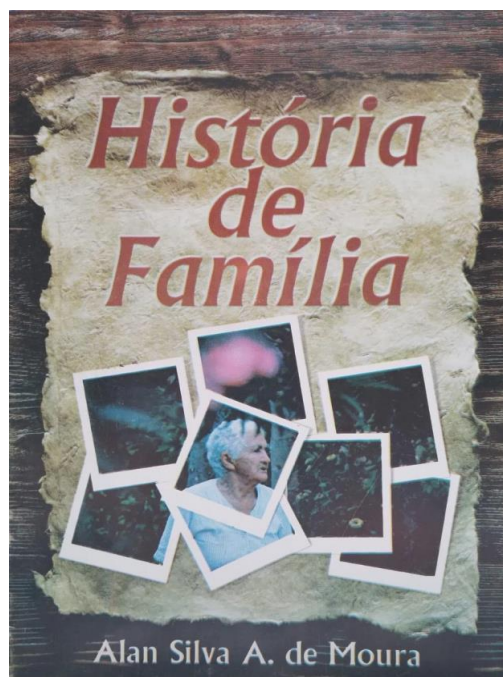
O nome Compra Fiado já consta no documento descrito anteriormente e, de acordo com antigos moradores, o lugar foi assim denominado graças aos antigos vaqueiros da região, que soltavam o gado no local. De acordo com as histórias contadas pelos moradores mais velhos, foram os vaqueiros das fazendas vizinhas que batizaram o lugar de Compra Fiado.

Conta-se que a terra era composta por uma mata fechada de cipós, juremas e outras espécies de plantas espinhosas. Os vaqueiros soltavam o gado livre na mata para se alimentarem e, quando retornavam para levá-los de volta às fazendas dos patrões, acabavam perdendo algumas reses, que se “embrenhavam” na mata e desapareciam. Ao se encontrarem com os companheiros da lida, diziam: “hoje eu comprei fiado”, referindo-se ao prejuízo ocorrido. O ditado foi ficando conhecido entre os vaqueiros que acabaram batizando o lugar pela alcunha de Compra Fiado. Como se pode perceber, a história sobre o nome do lugar foi passando oralmente, de geração a geração, como uma boa narrativa de tradição oral.

No ano de 2016, o estudante Alan Silva Alencar de Moura (filho da autora desta pesquisa) interessou-se pela história do nome Compra Fiado. Nas férias escolares daquele ano, resolveu pesquisar sobre o nome da comunidade. Pegou um caderno de anotações e foi à casa de sua tia avó, a senhora Maria Alexandrina do Nascimento (conhecida como dona Maria Canuto), com o objetivo de realizar uma sessão de entrevistas. Esses momentos de conversa

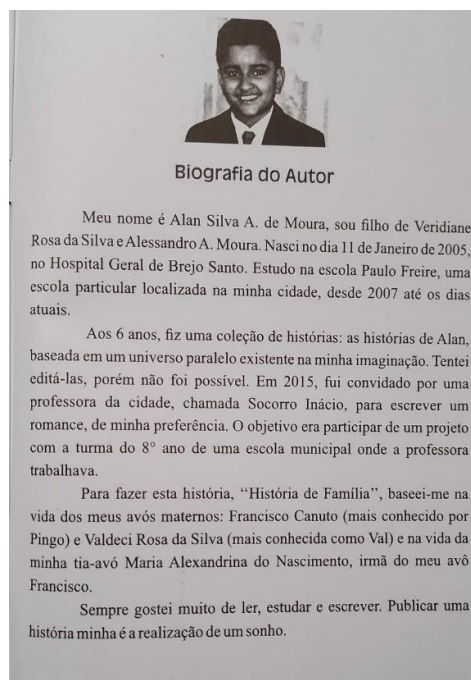
deram origem ao livro “História de Família” (2016), uma publicação independente do jovem escritor, onde não só o nome da comunidade, mas toda a trajetória de construção do território foi relatada (ver figuras 08 e 09).

Figura 8: Capa do livro História de Família



Fonte: arquivo pessoal

Figura 9: Biografia de Alan Silva



Fonte: arquivo pessoal

Vale ressaltar que dona Maria Canuto foi a primeira professora da comunidade, fato extremamente relevante ao contexto da atual pesquisa, por fazer parte da comunidade e ser o seu referência educacional. Além de professora, foi a primeira catequista, aquela que sabia falar “bonito”, era quem celebrava as renovações (tradição comum da religião católica na região Sul do estado do Ceará), dentre outras funções de relevância dentro da comunidade.

O senhor Manoel Canuto chegou à atual Vila Compra Fiado acompanhado da esposa, Marcionília Alexandrina, seus filhos e sua mãe, Ana Canuto. No livro citado, também consta que no local havia apenas um cercado e uma casa de taipa, fato confirmado através de conversa informal com o senhor Raimundo Canuto da Silva (conhecido como Doca Canuto), o filho mais velho do casal. De acordo com o seu relato, a casa de taipa serviu de abrigo para a família inteira e, na época, foi dividida ao meio, de um lado ficou o casal com os filhos, do outro a matriarca da família, Dona Ana Canuto, que na época era viúva e vivia com três dos seus filhos, ainda solteiros.

Atualmente, para representar o que foi relatado e a história contada por Seu Doca Canuto, foi construída uma casa de taipa nas proximidades dos pés de jatobás, uma espécie de

memorial da comunidade. No território o senhor Manoel e Dona Marcionília criaram os filhos que mais tarde casaram, foram construindo suas casas e povoando o lugar. Após alguns anos de trabalho já ali residindo, seu Manoel construiu uma casa de tijolos, fato muito importante para o contexto da época. A casa ainda continua de pé e hoje abriga a família de um dos netos mais velhos de seu Manoel e Dona Marcionília (ver figura 10).

Figura 10: Dona Marcionília e Manoel Canuto



Fonte: arquivo pessoal

Atualmente, a comunidade possui 52 famílias residentes, com uma média de 4 pessoas em cada uma. Com base em dados fornecidos pela agente de saúde local, Nayane Firmino Silva, na comunidade há 28 crianças na faixa etária entre 6 meses e 11 anos de idade. No momento, há 12 idosos, dentre os quais 3 são filhos do senhor Manoel Canuto: dois homens e uma mulher com idades entre 80 e 90 anos. Apenas 6 dessas famílias não são descendentes diretos do senhor Manoel Canuto.

A renda familiar é baseada na agricultura e na pecuária, atualmente com menos força do que em outros tempos, tendo em vista que muitos jovens da comunidade trabalham na iniciativa privada e/ou ocupam cargos públicos na cidade de Brejo Santo. Até o momento, não há escolas na Vila Compra Fiado. As crianças são atendidas por escolas localizadas em

comunidades vizinhas. A associação comunitária vem se mobilizando no intuito de construir uma escola.

A comunidade sempre foi permeada por muitas histórias compartilhadas de geração em geração, através da oralidade. A origem do nome Compra Fiado é uma espécie de fio condutor que conecta várias outras histórias, desde aquelas fictícias, com conteúdos que vão do humor aos temas mais assustadores, até as histórias orais temáticas. Estas últimas, compostas por memórias individuais, mas que ao mesmo tempo se encontram banhadas pela coletividade, deram vida ao produto educacional desta pesquisa. As mesmas funcionam como uma espécie de ponte entre o passado, o presente e futuro, uma conexão que norteia os indivíduos em seu percurso de transformação social tendo consciência de que:

[...] a riqueza da experiência se apresenta no encontro, no compartilhamento e nas interações estabelecidas pelas pessoas “uma experiência não se basta em si mesma” [...] Ela se dá pela dialética no processo do vivido não no acabamento desse vivido. Este é um alerta datado do início das primeiras décadas do século XX, em cujo período Benjamin já se mostrava preocupado com a rapidez que a vida estava tomando, ao mesmo tempo em que observava que, gradativamente, diminuía a ação da experiência e a capacidade interpretativa do homem [...] o tempo começou apenas a passar com uma grande ausência de sentido da vida para as pessoas. (BENJAMIN, 1994 a e b, Apud FIALHO, 2020, p. 120)

Assim, a partir dos argumentos de Walter Benjamin, observa-se que a presente pesquisa foi realizada na perspectiva de, também, fazer sentido para a vida das pessoas da comunidade, sejam elas participantes diretas ou indiretas do escopo do estudo. Em consonância com o caráter qualitativo, o estudo realizado comprometeu-se de forma ética em relação às crenças, valores e relações humanas; visto que considera-se esses elementos como peças-chaves para o estudo, razões pelas quais foram mantidos¹¹ e respeitados. É importante enfatizar que, nesta pesquisa, há uma forte e palpável intenção de promover mudanças reais e positivas na vida das pessoas da comunidade.

Nesse viés, em parceria com o Projeto Memórias do Compra Fiado, esta pesquisa foi realizada como via de fomento para, dentre outras construções, a feitura de sonhos, como defende Freire (2011, p.17):

Uma educação empreendedora só se faz com pessoas sonhadoras, com pessoas que tenham como sonho a transformação dos meios para alcançar o idealizado, que acreditem em seus talentos, que desenvolvam suas competências, que aprimorem habilidades [...].

Destaca-se o espaço comunitário debaixo dos pés de jatobá, considerando que este sempre foi o ponto de encontro das pessoas do lugar, onde eram organizadas as reuniões deliberativas para tomar decisões em comum, em prol do futuro da comunidade. O espaço

sempre foi palco das festas tradicionais, como o São João. Nele permanece o prédio comunitário, que atualmente funciona, inclusive, como Unidade Básica de Saúde e que também tornou-se abrigo do acervo de livros do projeto Casinha de Livros adotado pela comunidade (ver figuras 11 e 12).

Figura 11: Roda de leitura



Fonte: arquivo pessoal

Figura 12: Acervo de livros do projeto



Fonte: arquivo pessoal

À sombra dos jatobazeiros aconteciam os encontros dos jovens, para as conversas nos finais de semana; também era o local de encontro dos amigos do futebol. Atualmente, conta com o ponto de parada do ônibus que conduz os jovens, tanto da Vila, quanto das comunidades vizinhas, em direção à zona urbana. Enfim, a área dos pés de jatobá foi, e segue sendo, o local de excelência para o fortalecimento da memória coletiva da Vila Compra Fiado.

Essas árvores abrigam inúmeras memórias do povo do lugar, que vão das cerimônias religiosas até as grandes festas juninas. É importante ressaltar que houve a colaboração de parceiros(as) internos e externos à comunidade para o reavivamento sociocultural do território (ver figura 13).

Figura 13: Festa junina organizada pela comunidade no dia 25 de junho 2022



Fonte: Alessandro Moura

5.3 O processo de recolha e transcrição das histórias

A pesquisa aqui apresentada incorpora-se às memórias das pessoas da Vila Comprado para contemplar aspectos da vida da comunidade, principalmente narrativas da infância. Para o processo de tratamento dos textos, foram considerados aspectos de literariedade. A salvaguarda de histórias inerentes às rodas de conversa - com os gestos, entonação e peculiaridades da narrativa pessoal - exige um processo de atenta e profunda transformação textual, contemplando as mudanças de gênero, de canal comunicativo e de interlocução. Nesse viés, ALBERTINI (2013, p.282-283) afirma:

Na passagem da entrevista da forma oral para a escrita, a transcrição constitui a primeira versão escrita do depoimento, base de trabalho das etapas posteriores. Trata-se de um primeiro e decisivo esforço de traduzir para a linguagem escrita aquilo que foi gravado. Por sua importância, é necessário que todos os esforços se dirijam para a qualidade do trabalho produzido, o que significa ser fiel ao que foi gravado [...].

Posteriormente à etapa de transcrição, os esforços devem ser retornados a adicionar, ao texto escrito, floreios análogos aos que somente a história oral pode conter. Gestos são capazes de desenhar no ar as lembranças mais marcantes do contribuinte, picos e vales no seu

tom de voz controlam a distribuição da tensão da linha narrativa, e uma pausa pode conter sucessão de pensamentos internos que um texto escrito jamais poderia conter.

Esse processo tão delicado, chamado de “transcrição” é um dos passos mais importantes da escrita de textos originalmente orais e é o fator que melhor difere a salvaguarda de um relato de uma mera inspiração de uma ideia literária planejada para o meio físico. A esse respeito, Meihy e Holanda (2020, p.133) argumentam:

O conceito de transcrição é uma mutação, “ação transformada, ação recriada” de uma em outra, de algo que, sendo de um estado da natureza, se torna outro. A beleza da palavra composta por “trans” e “criação” sugere uma sabedoria que ativa o sentido íntimo do ato de transcriar. Fala-se de geração, mas não de cópia ou reprodução, nem de paródia ou imitação.

A importância de seguir essa sequência quase ritualística, que permeia a feitura de uma história oral, está em deixar transparecer, através da palavra escrita, a pessoa que ofereceu sua memória - a qual deve ser capaz de enxergar a si própria ali - bem como o meio que a circundou quando da vivência rememorada.

No contexto de produção das três histórias que resultaram do processo de escuta e de partilhas de narrativas através das rodas de histórias e do grupo de WhatsApp do projeto da comunidade, deve-se respeitar a visão de si das informantes: são textos memoriais transcritos e transcriados para, de forma secundária, retratar o contexto histórico e sociocultural da Vila Compra Fiado, em especial de suas infâncias. Desse modo, valoriza-se as lembranças das pessoas que participaram e contribuíram, de forma direta, com a recolha das falas e áudios que deram origem aos textos. Assim, abre-se a potencial partilha do passado com o público leitor (crianças, jovens, adultos e idosos da comunidade), para que estes recriem a localidade de maneira holística, sem o saudosismo utópico do passado, tampouco com a desconexão extremista das próprias raízes. Isso dialoga com o pensamento de Coelho (2020, p.205):

Vale considerar que a criação literária também bebe na fonte das lembranças e das experiências pessoais. As passagens engraçadas, as singularidades das pessoas, as recordações e saudades de um tempo, de um lugar, de alguém, podem se tornar uma história, um romance, um conto, um poema, um texto em prosa ou verso e, o melhor, podem dar continuidade à memória cultural de indivíduos e sociedades.

O processo de análise dos dados considerou a relevância do tema, a discussão sobre os resultados esperados que reúne os conceitos de memórias, histórias orais, e leitura literária como fontes essenciais de preservação da cultura de um território. A proposta caminhou na direção de construir meios viáveis para o reavivamento de atividades socioculturais em uma comunidade onde as atividades coletivas sempre foram fortemente enraizadas, desde os seus

primórdios.

5.4 A pesquisa e suas contribuições para a comunidade

A partir de o que foi trabalhado nesta pesquisa, espera-se que o contato entre os envolvidos, a narração das suas próprias histórias, e escuta das histórias do outro, cada um sinta-se valorizado. Com base nas narrativas recolhidas, principalmente nas rodas de histórias, foram evidenciados temas como: intergeracionalidade, integração sujeito/comunidade, identidade/comunidade e coletividade, uma vez que as atividades propostas priorizaram a inclusão e a participação de todos, e foram inspiradas na proposta do Círculo de Cultura. No prefácio do livro *Pedagogia do Oprimido*, o professor Ernani Fiori enfatiza o poder do encontro e do diálogo na metodologia do Círculo de Cultura defendida pela educação freireana:

O círculo de cultura – no método Paulo Freire – revive a vida em profundidade crítica. A consciência emerge do mundo vivido, objetiva-o, problematiza-o, compreendendo-o como projeto humano. Em diálogo circular, intersubjetivando-se mais e mais, vai assumindo, criticamente, o dinamismo de sua subjetividade criadora. (FREIRE, 2018, p. 24)

O primeiro encontro realizado em fevereiro de 2021 iniciou-se com a seguinte pergunta: o que esse espaço representa para você? Cada um dos presentes teve a oportunidade de falar e, conseqüentemente, contar um pouco das histórias/memórias vividas no território. Como ressalta Paulo Freire “com a palavra, o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana” (FREIRE, 2018, p.17). O mesmo autor afirma:

“Estar no mundo sem fazer história, sem poder por ela ser feito, sem fazer cultura, sem ‘tratar’ sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem ponto de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombra em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível”. (FREIRE, 2007, p.58)

A partir do questionamento do primeiro encontro foi possível ouvir relatos como os que giraram em torno das memórias de reuniões das tardes de domingo para o futebol, das lembranças dos sábados à noite, em que os jovens se encontravam como se estivessem numa pracinha para conversar e descontraír. Outras pessoas contaram sobre os encontros dos grupos de jovens, as reuniões do sindicato dos trabalhadores rurais e com os representantes da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará - EMATERCE. Outros relataram, ainda, memórias das festas juninas, das celebrações de Natal e de final de ano, das festas de

casamentos, e tantas outras histórias que aconteceram sob a sombra daquelas árvores frondosas. SCHMIDT, (1993, p.289) argumenta que:

A lembrança, para Halbwachs, é reconhecimento e reconstrução. É reconhecimento, na medida em que porta o “sentimento do já visto”. É reconstrução principalmente em dois sentidos: por um lado, porque não é uma repetição linear de acontecimentos e vivências do passado, mas sim um resgate destes acontecimentos e vivências no contexto de um quadro de preocupações e interesses atuais; por outro, porque é diferenciada, destacada da massa de acontecimentos e vivências invocáveis e localizada num tempo, num espaço e num conjunto de relações sociais. Tanto o reconhecimento quanto a reconstrução dependem da existência de um grupo de referência, tendo em vista que as lembranças retomam relações sociais, e não simplesmente ideias ou sentimentos isolados, e que são construídas a partir de um fundamento comum de dados e noções compartilhadas.

O ato de rememorar o passado contribui com a retomada das relações sociais a partir de um grupo de referências, exatamente o que aconteceu com os moradores do Compra Fiado. Falar sobre as memórias marcantes, especialmente aquelas sob os pés de jatobá, trouxe para os participantes da pesquisa o desejo de estar mais próximos, de fortalecer ainda mais os laços já existentes, de retomada dos encontros, e fortalecer a a coletividade. Neste primeiro encontro chegou-se à conclusão de que seria muito importante revitalizar o espaço embaixo dos pés de jatobás, por tudo o que representa para a comunidade, desde sempre (ver figura 14, 15 e 16).

Figura 14: Os pés de jatobá em 2021- primeiro encontro com a comunidade



Fonte: acervo pessoal

Figura 15: Os pés de jatobá nos anos 1980



Fonte: grupo de Whats App Memórias do Compra Fiado

Figura 16: Os pés de jatobá nos anos 1980 - Missa da Primeira Eucaristia das crianças da época



Fonte: grupo de Whats App Memórias do Compra Fiado

Com o propósito de retomar as vivências que estavam adormecidas há algum tempo, guardadas apenas na memória das pessoas mais velhas, decidiu-se que aquele espaço deveria ser revitalizado. O local estava sem iluminação elétrica há um bom tempo, sem contar que, por conta das chuvas, o “calçadão” tinha sido totalmente desgastado, as raízes haviam sido descobertas e o cupim “carcomia” o troncos centenários.

Por conseguinte, alguns moradores se reuniram para revitalizar local: foi feita uma terraplanagem e reivindicada a iluminação junto à Prefeitura Municipal de Brejo Santo-CE. Desde que essa transformação foi feita, os pés de jatobá voltaram a ser ponto de encontro para amigos e parentes, o local tornou a ser palco para as mais diversas atividades coletivas, pelas

quais era reconhecido há décadas. Através das falas dos moradores mais jovens, é notório o desejo de manter o local “vivo” e, principalmente, sem ponto de internet, para que possa haver interação interpessoal verdadeira, apreciação do “aqui e agora”, em real estado de presença. Esse foi, sem dúvidas, um importante resultado obtido através da experiência com a pesquisa (ver figura 17).

Figura 17: Os pés de jatobá em 2022 - após o início das atividades do comunitário



Fonte: acervo pessoal

Por meio das rodas de histórias realizadas em parceria com o Projeto Memórias do Compra Fiado, foi possível observar na Vila uma população rural, do sertão nordestino, repleta de amor pela literatura, sentimento que aflorou diante do mais singelo dos estímulos: o acesso. Indo em direção contrária a qualquer princípio determinista. Da criança de idade mais tenra ao idoso mais experiente, a leitura tem sido suscitada na comunidade, graças aos momentos de debate sobre a correlação entre a forma de arte e a vivência pessoal (leitura literária e leitura de mundo, respectivamente), associada à disponibilidade de livros em um ponto da Vila. Cita-se Barros et al (2010) para reafirmar sobre a importância de dar acesso literário aos moradores:

A leitura tem também reconhecidos impactos sobre o desempenho na escola e no trabalho. De fato, é difícil imaginar uma atividade humana sobre a qual a leitura não tenha influência. Por exemplo, um estudo a respeito do impacto da disponibilidade de bibliotecas sobre a taxa de aprovação escolar mostra que a taxa de aprovação das escolas com uma biblioteca comunitária próxima é três pontos percentuais maior que a taxa de aprovação verificada em escolas sem uma biblioteca próxima.

Já que o acesso ideal a bibliotecas é uma meta difícil de ser alcançada no contexto brasileiro, a presença do Projeto Casinha de Livros na Vila Compra Fiado quebra o paradigma

social da inacessibilidade seletiva da leitura, e dá aos seus moradores uma gama maior de possibilidades de contato com a arte literária.

Ler expande as capacidades cognitivas e socioeconômicas do indivíduo, oferecendo uma certa lucidez dos abismos que segregam a sociedade que o permeiam, bem como a possibilidade de suplantar essas desigualdades, pela via que lhe for mais adequada. Assim sendo, as crianças que descendem de filhos de trabalhadores, tidos muitas vezes como massa muitas vezes objetificada, poderão acessar a leitura de uma forma que vai além dos parâmetros limitadores da sala de aula; de forma que a leitura se una ao seu contexto pessoal. Essa perspectiva possui caráter sumariamente transformador. Nesse sentido, Silva (1948, p. 47) ressalta que:

Os signos impressos, registrando as diferentes experiências humanas apenas medeiam as relações que devem existir entre os homens – relações estas que dinamizam o mundo cultural. Sendo um tipo específico de comunicação, a leitura é uma forma de encontro entre o homem e a realidade sociocultural.

Nessa perspectiva, o Centro de Educação Infantil e as Escolas de Ensino Fundamental que atendem os estudantes da Vila Compra Fiado serão, junto ao Projeto Casinha de Livros, importantes dispositivos para fazer as histórias recolhidas chegarem ao maior número de pessoas possíveis, atingindo inicialmente os alunos e seus núcleos familiares. Dessa forma, contribuirão com a integração sociocultural e o senso de comunidade entre as pessoas, alinhadas através da partilha de suas histórias coletivas e pelo aumento exponencial do apreço pela leitura. O processo de fortalecimento da identidade cultural dessas pessoas, a partir das crianças e dos jovens, estimula o desenvolvimento das noções de si e do todo, abre um leque de possibilidades de acesso à educação e à arte pela via literária (ver figura 18).

Figura 18: Alunos do Centro de Educação Infantil Vovó Ducarmo



Fonte: professor Kassyá Basílio

5.5 Produto educacional

A fim de salvaguardar as histórias coletadas, pensou-se na produção de um livro em formatos físico e digital (e-book), em que as memórias e as histórias vividas por alguns moradores da Vila Compra Fiado ficarão disponíveis à posteridade. Em seguida, será organizada uma roda de histórias para a qual todos os moradores serão convidados a participar. Nesse momento, serão entregues os livros ao Projeto Casinha de Livros e as histórias serão partilhadas em voz alta. Os livros, produto deste trabalho, serão apresentados como fonte eficaz de fruição, mas também de conhecimento, além de um recurso capaz de ampliar o sentido de pertencimento ao lugar de origem. De acordo com Silva (2011, p.48):

Leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento e mais essencial ainda à própria vida do Ser Humano. (O patrimônio simbólico do homem contém uma herança cultural registrada pela escrita. Estar com e no mundo pressupõe, então, atos de criação e recriação direcionados a essa herança. A leitura, por ser uma via de acesso a essa herança, é uma das formas do Homem se situar com o mundo de forma a dinamizá-lo.

Para o Centro de Educação Infantil e escolas de Ensino Fundamental que atendem estudantes da comunidade, serão compartilhados exemplares de livros físicos, de forma que as professoras e alunos tenham livre acesso aos textos. Será um espaço de divulgação/aproximação entre os estudantes e as histórias recolhidas. É importante ressaltar que, todas as pessoas da comunidade, também terão acesso aos livros.

Será realizado um trabalho com leitura, partilha oral das histórias, rodas de conversas com os narradores da comunidade, promovendo, assim, uma ação conjunta, onde todos aprendem e ensinam ao mesmo tempo. Essas atividades serão realizadas especialmente debaixo dos pés de jatobá. Apesar desta pesquisa não ser direcionada exclusivamente a estudantes (e sim, à comunidade como um todo), a sugestão é que o Centro de Educação Infantil e as escolas de Ensino Fundamental mais próximas à Vila Compra Fiado possam, também, implementar algumas ações, proporcionando, através delas, inúmeras outras ações na perspectiva da intergeracionalidade. Trazer a possibilidade de dar voz, senso de responsabilidade, e promover a cidadania das pessoas que fazem parte do território, é trazer e ampliar a ideia de que a "minha ação envolve os demais que estão em volta", é proporcionar o fortalecimento da identidade cultural, a valorização das suas raízes e do seu lugar de origem.

A pesquisa gerou resultados que permitiram o envolvimento de muitos agentes da comunidade, fomentando um processo de desenvolvimento cultural e de formação cidadã no

lócus pesquisado. Mesmo aquele(a) que não domina a habilidade da escrita, pode contribuir com o incentivo à leitura e o apreço pelas histórias, através das narrativas orais, que continuarão sendo parte das rodas de histórias. A autora se propõe continuar realizando esses momentos que reúnem narrativas, afeto e vínculo. Será uma excelente oportunidade para validar a mestria daqueles que contribuíram e continuam contribuindo com o desenvolvimento e a construção da história da Vila Compra Fiado.

As memórias/histórias retratam os fatos ocorridos, elas irão possibilitar às gerações mais jovens, no futuro, conhecer um pouco das paisagens, costumes, crenças e outros elementos culturais presentes nas lembranças e no imaginário dos moradores mais antigos da comunidade. Cada história poderá servir como um fio condutor ligando os moradores da comunidade aos seus antepassados. Desse modo, poder proporcionar a quem a aprecia, um passeio através do tempo, ressaltando seu caráter literário e possibilitando que estas histórias fiquem para a posteridade.

Além de oferecer à comunidade a possibilidade de mergulhar nas imagens e paisagens do território, ainda favorecerá uma aproximação com os seus antepassados. Motivo que justifica o interesse dos envolvidos na pesquisa em disponibilizar livros no Centro de Educação Infantil. Enfatiza-se, mais uma vez, que as atividades do Projeto Memórias do Compra Fiado converteram-se numa forma de realizar ações concernentes a esta pesquisa e favorecer aporte/acesso cultural à comunidade.

Como produto definitivo, final desta dissertação de mestrado, optou-se pela transcrição e posterior publicação em livro de três histórias catalogadas durante a pesquisa. A primeira história traz aspectos como paisagens, costumes, brincadeiras e um pouco da estrutura familiar da época. Dentro da perspectiva de apresentar uma visão mais amplificada sobre o papel desempenhado pela mulher rural é abordada sua função como força braçal na roça, ao lado do marido, para lavrar a terra prestes a receber as primeiras chuvas de veraneio. Inclusive, é a ausência da mãe em casa - e subsequente dever das crianças mais velhas de cuidar dos demais - que dá margem para a tensão narrativa desenvolvida no texto. O relato recolhido é uma memória de Sonia Sousa, 45 anos, colaboradora do Projeto Memórias do Compra e prima da autora da pesquisa. Sonia é graduada em Letras Inglês pela Universidade Federal do Ceará – UFC e em Pedagogia pela Faculdade Juazeiro do Norte – FJN. Ela é especialista em ensino da língua Inglesa e professora da área (ver figura 19).

Figura 18: Sonia Sousa



Fonte: Sonia Sousa

A segunda narrativa, um relato de memória intitulado “No sertão, a criança pesca com a mão” foi recolhida numa roda de histórias na casa de seus pais após um almoço de domingo. Silvaneide é cabeleireira por formação e atua como auxiliar de nutrição numa escola de ensino profissionalizante em Brejo Santo. A perspectiva que é mostrada através de sua narrativa traz a força transformadora de uma mulher que, com o seu afeto diante das tarefas cotidianas, torna o ato mais simples (uma pescaria em família) na mais saborosa das lembranças, e o pai como aquele que, através das narrativas, ensina os segredos da vida aos seus filhos (ver figura 20).

Figura 19: Silvaneide Rosa



Fonte: Silvaneide Rosa

A terceira, proveniente das memórias da própria autora da pesquisa (ver figura 21), traz a mulher, ainda criança, que sonha mesmo diante das adversidades, faz destes sonhos/devaneios aparentemente tão distantes da sua força motriz, uma inspiração. Aprendendo com seu pai como realizar os afazeres do plantio, ela encontra solo fértil não só para as manivas de macaxeira, mas também para as metas que rodopiavam, desde então em sua cabeça - dentre as quais, inclusive, figurava a ampliação do acesso aos livros. Veridiane é professora, psicopedagoga, atualmente trabalha como formadora da equipe multidisciplinar da Secretaria de Educação Básica de Brejo Santo, além de fazer parte da coordenação do Projeto Memórias do Compra Fiado. Sempre foi apaixonada por histórias, especialmente as que ondulam até os seus ouvidos pela via da oralidade, na forma de causos, músicas e conversas sob uma árvore ou da luz das estrelas, nos terreiros do seu lugar, o Compra Fiado. Foi o encontro da sua formação acadêmica com sua relação visceral com as histórias relatadas oralmente, que essa e outras histórias surgiram. As três histórias que representam o produto definitivo desta dissertação estão transcritas na íntegra nos Apêndices A, B e C deste texto.

Figura 20: Veridiane Rosa



Fonte: Verdiane Rosa

Diante de exposto, é possível afirmar que a recolha de histórias orais temáticas na comunidade da Vila Compra Fiado, foi uma experiência fortalecida pela escuta e partilha de

leituras literárias à sombra dos pés de jatobá, e que de fato promoveu o reavivamento da identidade sociocultural entre pessoas de diversas faixas etárias.

A partir das narrativas de moradoras e moradores a respeito da experiência, aqui já compartilhados, percebeu-se que o trabalho de pesquisa também foi capaz de democratizar o acesso à leitura literária, fortalecer o sentimento de pertencimento, e promover aprendizagens coletivas através da intergeracionalidade.

Além de responder as questões que deram origem à esta pesquisa, as mais significativas constatações deste trabalho, foi o reconhecimento de que os pés de jatobá são um espaço de memória, e a comunidade enquanto território educativo.

6 AS PESSOAS POR TRÁS DAS NARRATIVAS

*Se for como eu pensei, a subjetividade coletiva será compreendida.
Artur Andrade*

A partir das narrativas recolhidas nas rodas de histórias e considerados os dados desta pesquisa, foi possível identificar e confrontar diferentes categorias discursivas, as quais permitiram interpretação e construções de sentidos. A seguir, apresentam-se os dados recolhidos por meio dos áudios compartilhados no grupo de Whatsapp, das rodas de conversas e dos comentários realizados no Instagram do Projeto Memórias do Compra Fiado, analisados e identificados a partir dos objetivos desta investigação. Aspectos analisados:

1. O reavivamento sociocultural de uma comunidade promovido por um projeto com narrativas.
2. O favorecimento da ampliação do sentimento de pertença em um contexto comunitário por meio da partilha de histórias orais temáticas.
3. O contributo das rodas de histórias no desenvolvimento do apreço pela leitura literária por parte dos moradores do lugar.

A análise dos dados buscou apresentar a experiência de uma educação participativa, a partir da partilha de narrativas orais temáticas e de textos literários com os moradores de uma comunidade rural. O plano de atividades desenvolvidas durante a realização do estudo, apresentou uma abordagem que buscou promover a salvaguarda de histórias orais temáticas e o reavivamento sociocultural de um território.

Apresentam-se abaixo a questão principal que conduziu a investigação, bem como as sub-questões geradas a partir desta. São elas:

1 - Um projeto com narrativas pode promover o reavivamento sociocultural de uma comunidade?

1 - a) A partilha de histórias orais temáticas se apresenta como favorável à ampliação do sentimento de pertença em um contexto comunitário?

1 - b) As rodas de histórias podem contribuir para que as pessoas da comunidade desenvolvam apreço pela leitura literária?

Tendo se proposto a promover o reavivamento cultural e o fortalecimento da identidade cultural coletiva junto aos membros da comunidade da Vila Compra Fiado, a atual

pesquisa usou de diversas estratégias para alcançar seus objetivos. Uma vez que foi usado o discurso e as histórias que os envolvidos com a pesquisa tinham a partilhar, também foi preciso analisar a mudança ocorrida no mesmo, associado ao ideal de coletividade e pertencimento ao longo do amadurecimento da pesquisa. “Para que haja interpretação é necessário haver atribuição de sentidos, ou seja, um estabelecimento de relações entre o texto, o co-texto e o contexto imediato” (MARIANI, 1999, p.216).

Notou-se, em primeiro lugar, a retomada da valorização e do subsequente cuidado com as majestosas árvores que desde sempre foram o símbolo da comunidade. Graças a um aumento da consciência dos indivíduos como membros de um lugar marcado pelas memórias construídas debaixo dali, foi feito um esforço conjunto para tornar os pés de jatobá um ponto de encontro mais uma vez. A demanda de tempo que isso gerou, tempo investido também de forma coletiva, teve um forte impacto estrutural no lugar e da sensação de união da comunidade, que pode ser notada na fala de inúmeros moradores, pessoas estas que estão por trás das narrativas recolhidas por esta pesquisa.

É o caso de França, 55 anos, que ao ser questionada, em uma roda de conversa sobre qual era o principal ponto de memória da comunidade e o porquê, ela sorriu e referiu-se aos pés de jatobá da seguinte maneira: “Eu sei que todos têm uma lembrança boa de coisas que viveram por aqui pra contar.” Nesse episódio, em 9 de Março de 2021, foi realizada uma reunião com os moradores para debater sobre memória coletivas. A pergunta geradora do debate foi “Qual o lugar de maior construção de memória coletiva de nossa comunidade? As árvores, os pés de jatobás apareceram como o maior marco para a maioria deles. Devido ao estado de negligência em que estavam as plantas naquele momento, foi realizado o trabalho de retomada do lugar.

Diante dos resultados positivos dessa revitalização do espaço, e do cuidado dispensado a eles, Tico (outro morador da Vila, 61 anos, filho de Judite Alexandrina - uma das primeiras moradoras da comunidade e ainda viva) falou de forma enfática, no encontro seguinte, realizado no mês de Maio: “O povo daqui sempre gostou de fazer as coisas juntos, mas estavam esquecendo da importância disso. [...] Por isso que eu acho muito importante que o povo voltou a cuidar daqui dos pés de jatobá”. Nessa perspectiva, ORLANDI (2005, p.26), ressalta que:

A Análise do Discurso visa compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto.

Sendo assim, considerando o que é dito por Orlandi na citação acima e tomando por base os dois testemunhos de França e Tico, coletados em momentos completamente espontâneos, fica claro o primeiro efeito direto do reavivamento aqui proposto: a volta física e emocional da comunidade ao seu ponto de encontro. Embora os pés de jatobá tenham sido, sempre, essenciais para os moradores da Vila Compra Fiado, seu abandono, advindo do desligamento cultural e coletivo dessas pessoas já dava provas claras de afetar inclusive a integridade biológica das árvores. Após a tomada dos caminhos tratados nessa pesquisa, que permearam conversas, partilha de história, acesso à leitura literária e demais ações, hoje as árvores já foram revitalizadas e prosperam junto ao ideal de coletividade na vila.

Não somente pela pura melhoria do ponto de encontro, mas pelo reavivamento das tradições nele construídas, sobretudo as famosas Festas Juninas da Vila, foi possível notar o brilho no olhar e nas palavras de quem viu o retorno dessa celebração tão especial. Quando, em Junho de 2022, foi organizado o Forró da Vila Compra Fiado, à maneira que era costume nos anos 90 - com sanfoneiro, quadrilha e demais tradições - Roberto, conhecido como Roberto Bacana, 49 anos, famoso contador de anedotas e causos do lugar, disse o seguinte: “Eu pensei que aqui nunca mais fosse ter nada, acredita?” A incredulidade de um dos contadores de história mais conhecidos do lugar foi acompanhada da sua euforia ao longo de toda a festa, de maneira semelhante a cada uma das pessoas que cresceram dançando ao som de Luiz Gonzaga e outros clássicos da música junina do sertão. Isso evidencia, de múltiplas formas, o valor que uma, à primeira vista, “mera” tradição é essencial para a identidade das pessoas e no caso da Vila Compra Fiado, poder celebrar esse momento imerso na coletividade, com os amigos e extensa família, foi mais do que único para tais pessoas.

Ainda a respeito da festa junina, um dos líderes e patriarcas da vila, Seu Doca Canuto, 87 anos, não só reconheceu a importância de reviver essas festas coletivas mas a importância histórica delas na construção do lugar: “Vi essa comunidade crescer e participava de todas as festas, estava preocupado porque tudo isso ia se acabar”. Para Orlandi (2005, p. 25): “[...] na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história. Sendo assim, em uma região que é marcada pelo catolicismo, pelo som da sanfona e do “chap-chap” da chinela no chão batido, poder ver a comunidade que lhe criou e que foi criada por ele próprio pode ser tida como uma alegria de vida.

A partir da reiteração dos pés de jatobá em diversos níveis - que contam com a reforma realizada e os diversos eventos que foram proporcionados ali desde então - também foi possível notar mudanças na perspectiva identitária da população. Ao verem o seu lugar, com novas lentes,

incluindo uma perspectiva de si mais abrangente, os moradores da comunidade, especialmente os jovens adultos - entre 20 e 30 anos - passaram a se reencontrar com mais assiduidade para conversar. Por mais trivial que isso possa ser, estar em comunhão de palavras, risadas e histórias tem sido essencial para a manutenção da identidade coletiva dessas pessoas, além de ainda favorecer o cuidado direto com o ponto de encontro dos jatobazeiros. Enquanto se engajam em atividades conjuntas ou partilham momentos de pura descontração, a visão desses indivíduos enquanto membros da Vila é reconstruída positivamente. Isso é presente, por exemplo, nas palavras do estudante Wirys Alves, de 21 anos: “Tenho participado mais das atividades realizadas aqui na comunidade, isso tem modificado a minha visão de jovem sobre o meu lugar.”

Falar sobre as histórias que há tanto permeiam a comunidade também tem sido um dos efeitos diretos da pesquisa aqui apresentada, já que ver os processos de transformação da memória em conto colabora com melhoria da autoestima dos envolvidos. Por isso, quem se vê representado na memória compartilhada, seja diretamente, como grande herói, seja por tampouco lembrar do dia do ocorrido, enche o peito e se orgulha por ser parte do fenômeno de que todos estão desfrutando.

Alan Silva, de 17 anos, estudante, traz o seu relato de novembro de 2022 que : “As rodas de história têm me mostrado características de algumas pessoas que eu desconhecia antes.[...] Agora eu consigo enxergar o valor cultural e histórico do lugar que gerou grande parte da minha identidade”. Na mesma perspectiva, nas palavras de Felipe, de 30 anos, “o registro dessas memórias é uma forma de historiografia, que permite a perenidade das práticas reverberadas por meio da oralidade, o que é de suma importância para o legado da nossa comunidade.”

Ao promover essa visão amplificada de si e dos demais moradores, tornar as memórias que correm na oralidade do lugar relatos perenizados, o trabalho aqui realizado supera o caráter artístico da história, ou seja, as histórias não são simples alegorias e sim representam a comunidade e seus moradores propriamente ditos, adentrando na parte antropológica do termo. História, ciência que estuda eventos passados com referência a um povo, país, período ou indivíduo específico, de acordo com a definição do Oxford Languages. Falar das lutas que permeiam a linha do tempo das memórias da Vila Compra Fiado é, então, assim como dito pelo morador Felipe, uma forma de historiografia, que permite o seu povo conhecer a si próprio, tanto aspectos cotidianos quanto os mais destacados. Isso é reconhecido, inclusive, por Naldo da Silva, 57 anos, diretor da Associação de Moradores e líder da antiga Associação de Jovens do Compra Fiado, que já representou a comunidade em manifestações sindicais em Brasília em meados dos anos 90. Para ele, “O bom mesmo foi esse povo mais novo conhecer as histórias que a gente já

viveu, as nossas lutas.”

Logo, ao conhecer, graças à via artístico-literária, a história das pessoas e do lugar responsável por sua construção identitária, os indivíduos engajados com a pesquisa puderam melhorar, com as próprias mãos, as condições do seu meio e passaram a reivindicar com um suporte de consciência mais amplo seus direitos enquanto comunidade. Esse aspecto foi reconhecido por Mariana da Silva, 21 anos: “Um povo que conhece a própria história possui uma capacidade maior de reconhecer o verdadeiro valor das coisas, e de esmiuçar as melhorias necessárias para que se faça realidade um futuro melhor.” Por isso, é cabível reconhecer o papel de constante transformação que essa pesquisa e os projetos a ela aliados proporcionam, em conjunto com os moradores da Vila Compra Fiado, em aspectos culturais, identitários e até micropolíticos.

Paulo Freire diz que Educar é um ato político, então, uma educação que pensa no coletivo e no que o encontro intergeracional tem a proporcionar também deve ser política, historiográfica e culturalmente engajada. Por tais aspectos, embora uns dos focos analisados tenha sido promover o acesso à leitura literária, seus resultados foram muito além dos esperados. Tomando como base as seguintes falas de crianças da comunidade, ficou evidente que sim, a leitura foi incentivada nessa faixa etária, assim como planejado nos primórdios das atividades da pesquisa. Lalessa, 11 anos, afirmou: “Eu gosto muito de participar das rodas de histórias, de pegar livros na Casinha, de quando vem visitas para a comunidade e traz livros novos.” E Viviane Silva, 13 anos, também pontuou: “Gosto de juntar as minhas primas e ir trocar os livros na Casinha de Livros, é bom porque a gente comenta sobre as histórias e acaba que a outra pessoa fica com vontade de ler o livro que a gente leu.”

Logo, a implantação da Casinha na comunidade e subsequentes atividades impactaram os hábitos de leitura da população - mas também, por causa da constante retomada de tópicos como as próprias histórias ali correntes e o senso de coletividade fomentado - ela foi um aparato essencial para o reavivamento cultural. É crível que, primeiro, por estar localizada sob os pés de jatobá, o cuidado com os volumes que as pessoas da Vila tiveram foi revertido também para o lugar, trazendo a atenção para o estado de descaso que, no começo do projeto, ali estava. Depois, o fluxo mais constante de estudantes, parentes, crianças e população geral, buscando desfrutar dos livros da Casinha, foi um impulso inicial para a volta aos pés jatobá como ponto de encontro. Tais fatores, em conjunto com o trabalho de fortalecimento da identidade coletiva, lentamente foi capaz de promover aquele lugar histórico e tão rico em memórias de volta ao seu status de importância para a comunidade e novas lembranças foram sendo ali construídas. Tais com as

figuras 22 e 23 apresentadas logo abaixo.

Figura 21: Roda de histórias com visitantes



Fonte: Lino Fly

Figura 22: Festa das crianças (ano 2021) organizada pela comunidade



Fonte: arquivo pessoal

As festas, os eventos, as contações, sempre decoradas pelo pano de fundo das muitas pessoas folheando um livro e outro, passaram a ser o cenário geral. O ato da literacia familiar, propiciado pela democratização da literatura que a casinha trouxe, também foi outro fator que aumentou o senso de união, a partir dos núcleos familiares e família estendida, como é claro nas

falas de Viviane e de Lalessa supracitadas. Portanto, o que começou - e obteve êxitos - enquanto salvaguarda de histórias orais e concomitante fomento à leitura literária das crianças (ver figura 24) , atingiu todas as faixas etárias do Compra Fiado e até de vilas circunvizinhas, tomando os contornos atuais, mais diretamente associado ao reavivamento cultural. A moradora e participante direta dos projetos, Rosineide, disse a esse respeito: *“A Casinha de Livros tem sido muito importante para as crianças daqui, elas estão pegando gosto pela leitura, aí os pais tem que ler para os filhos, os jovens e os adultos também pegam livros pra ler, todos estão ganhando com isso.”*

Figura 23: Moradores da comunidade lendo embaixo dos pés de jatobá



Fonte: Nayane Silva

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Sendo como eu pensei, compartilhar saberes é um excelente investimento.
Artur Andrade*

Por se tratar de algo inédito, específico, e possibilitar a participação direta de um grande número de pessoas nas ações realizadas na comunidade, a pesquisa aqui apresentada possui uma grande relevância pedagógica e, principalmente, sociocultural para os moradores da Vila Compra Fiado. Ao disponibilizá-la à comunidade, a mesma poderá usufruir de mais uma fonte de conhecimento e, por que não dizer, os indivíduos terão a oportunidade de se (re) conhecerem melhor através das narrativas orais do seu povo. Essa será, igualmente, uma oportunidade de conhecer uma comunidade pelo viés da Educação Comunitária, da óptica da ludicidade e do resgate cultural, fortalecendo assim o sentimento de pertencimento e o desejo das pessoas de se engajarem ainda mais na luta pela transformação social do seu povo. Assim como é dito por Paulo Freire (2018), tentar a conscientização dos indivíduos, ao mesmo tempo que concebe estes indivíduos como fonte de pesquisa, também é papel do pesquisador que optou pela mudança.

Em relação à leitura, principalmente à literária literária, é de conhecimento comum que boa parte da população brasileira não tem acesso a livros. Sendo assim, outro fator positivo advindo da atual pesquisa trata-se da reverberação que, conjuntamente à Casinha de Livros, e as rodas de conversa, tiveram sobre a população da Vila Compra Fiado. Todavia, a promoção de uma educação engajada com o âmbito sociocultural é um direito inalienável e a presente pesquisa se propôs a articular diferentes projetos junto à população desta vila tão única, para, no seu próprio decorrer, analisar os impactos da democratização literária sobre as vivências desses indivíduos.

Fato é que, dentre as várias habilidades humanas, a de se comunicar, e de se eternizar por meio de palavras, é uma das mais fundamentais, e já transformou o curso da história de inúmeras civilizações. O intuito aqui foi, justamente, despertar nas pessoas da comunidade esse ímpeto milenar inerente ao ser humano e, junto a elas, desfrutar da variedade de resultados que a leitura, e o registro das histórias orais de vida viriam a afetar, sobretudo, a vida das crianças e o fortalecimento do sentir o pertencimento cultural dos moradores.

Igualmente, foi importante comprovar, mediante documentos oficiais, que as terras onde se localizam a Vila Compra Fiado pertenceram ao Padre Cícero Romão Batista, conforme descrito no primeiro parágrafo do item 4.2 desta pesquisa. Para os moradores da comunidade, a comprovação veio como uma forma de validar a tradição oral mantida através dos tempos. Como as pessoas do lugar são fervorosamente católicas, saber que oficialmente moram em um lugar

que pertenceu a um padre considerado santo, e que a narrativa contada pelos mais velhos ao longo dos tempos poderia ser confirmada através de um documento oficial, fortaleceu o sentimento de pertença.

Os dados obtidos através das rodas de histórias compartilhadas entre os moradores da comunidade se entrelaçam com as ideias dos autores que embasam a pesquisa, especialmente o teórico basilar, Paulo Freire. As ideias freireanas estão presentes nas rodas de conversas, por exemplo, lembrando os famosos Círculos de Cultura realizados pelo educador e a sua equipe.

Sendo assim, espera-se que esta pesquisa tenha sido um breve, mas substancioso início do reavivamento cultural da Comunidade da Vila Compra Fiado. Tudo o que foi aqui pensado direcionou-se para este foco principal. Chega-se ao fim desta pesquisa com a certeza que sim, o ser humano vive/convive/aprende na partilha social. As histórias orais temáticas são, ao mesmo tempo, objetos e instrumentos de ampliação do sentimento de pertença em um contexto comunitário. Para que haja o fortalecimento da pertença cultural é preciso haver, antes, o fortalecimento da própria comunidade, de seus valores, de suas pessoas, de suas histórias, crenças e lugares no mundo.

Como resultado, identifica-se claramente, na maior parte dos moradores da Vila, a mudança na perspectiva de si como pertencente a um meio sociocultural, sobretudo os mais engajados com o projeto, bem como verifica-se a melhoria das condições estruturais do lugar, especialmente ao redor dos Pés de Jatobá. E, por fim, nada melhor e mais adequado/propício do que incluir a leitura literária dentro desse universo de reavivamento cultural e pertença comunitária, pois o registro literário das histórias orais dos narradores do lugar vem a ser outro instrumento fortíssimo para deixar como legado às próximas gerações as trajetórias de vida das pessoas da Vila Compra Fiado.

8 REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione, 1995.

ABREU, Geiza de. **Tudo azul**. Memórias de uma caneta esferográfica. Fortaleza: SEDUC, 2013.

ANDRADE, Artur. **Se Como Eu Pensei - Shemot** - Coletânea de Pensamentos. Belo Horizonte: Dialética Literária, 2021.

ANTUNES, Ricardo; PINTO, Geraldo Augusto. **A Fábrica da educação: da especialização taylorista à flexibilização toyotista**. São Paulo, Ed. Cortez, 2017.

ASSARÉ, Patativa do. **Antologia poética** /organização e prefácio de Gilmar de Carvalho. – 8. ed. – Fortaleza : Edições Demócrito Rocha, 2010.

BARROS, Ricardo Paes de. COUTINHO, Diana. MENDONÇA, Rosane. **Pensando a Política de Promoção da Leitura: um Arcabouço Analítico**. Brasília: Secretaria de Assuntos Estratégicos, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BORDENAVE, Juan E. Díaz (1994). **O que é participação?** - Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil?** 6.ed. São Paulo : Brasiliense, 1994.

COELHO, Nelly. Novaes. **Literatura Infantil:** teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000).

COELHO, Tâmara Maria Bezerra Costa. **Sete histórias à sombra do cajueiro: tradição oral e participação de jovens na mediação intercultural comunitária.** Dissertação (Mestrado em Educação) — Área de Especialização em Educação Intercultural, Universidade de Lisboa, Instituto de Educação, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/49328>. Acesso em 07 de set. 2020.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. São Paulo: Três, 1984

DALVI, Maria Amélia. **Literatura na escola:** Propostas didático-metodológicas. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (orgs.). *Leitura de literatura na escola.* São Paulo: Parábola, 2013.

DRAGO, R. Rodrigues, P. da S. Contribuições de Vygotsky para o desenvolvimento da criança no processo educativo: algumas reflexões. Revista FACEVV, Vila Velha, n. 3, jul./dez. 2009.

FERNANDES, J. G. (2015). A literatura oral na Amazônia paraense: estrutura, forma e modelos culturais. In Medeiros, F. H. & Moraes, T. M.(2015) *Contaçon De Histórias: Tradição, poética e interfaces* (pp. 96-112). São Paulo: Edições Sesc São Paulo.

FERREIRA, Artur de Andrade Afonso. **Sendo Como Eu Pensei:** VAICRÁ. São Paulo: Dialética Literária, 2021.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **A literatura nas séries iniciais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Educação e mudança: 43ª Edição**. Paz e Terra. Rio de Janeiro/São Paulo: Cortez, 2021.

_____. **Pedagogia do Oprimido: 77ª Edição**. Paz e Terra. Rio de Janeiro/São Paulo: Cortez, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à lojavirtual prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo, Humanitas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (org). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria Limitada, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

KLEIMAN, Angela. **Leitura, ensino e pesquisa**. Campinas/SP: Pontes, 1989.

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. In: Educação. Porto Alegre, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set.

LAJOLO, Marisa. **Meus alunos não gostam de ler**. Brasília: Campinas/Cefiel/IEL/Unicamp, 2005.

_____. **O texto não é pretexto.** In: ZILBERMAN, Regina (org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta.** 1ª ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2015.

MARIANI, Bethania. (2000). ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise do discurso - princípios e procedimentos. *Revista Anpoll.* 1. 10.18309/anp.v1i8.357

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Fundamentos e Recursos Básicos.** 5. ed. São Paulo: Centauro Editora, 2005, p.110.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias.** São Paulo: Editor WMF Martins Fontes, 2009.

MEIHY, José Carlos; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Editora Contexto, 2020.

MEIHY, José Carlos; SEAWRIGHT, Leandro. **História oral aplicada.** São Paulo: Editora Contexto, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001

MOREIRA, M. A. **Teorias de Aprendizagem.** São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1999.

MOURA, Alessandro Alencar de. **Leitura literária no 9º ano do ensino fundamental: caminhos para o letramento.** Cajazeiras: UFCG, 2015.

NEGREIROS, Gil e BOAS, Gislaine Vilas. **A oralidade na escola: um percurso a ser trilhado,** 2017.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Sequência didática interativa no processo de formação de professores.** Ed: Vozes. 2013

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura.** São Paulo: Cortez, 2012.

REZENDE, Neide Luzia de. O ensino de literatura e a leitura literária. In: DALVI, Maria Amélia;

REGO, Teresa C. Configurações sociais e singularidades: o impacto da escola na constituição dos sujeitos. In: OLIVEIRA, M. K. de; SOUZA, D. T. R.; REGO, T. C. (Orgs.). *Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea.* São Paulo: Moderna, 2002.

REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita; (orgs.). **Leitura de literatura na escola.** São Paulo: Parábola, 2013.

SARAMAGO, José. **As Pequenas Memórias.** Editorial Caminho, SA, Lisboa *de* 2006.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. et al. **Gêneros orais e escritos na escola.** Trad. e org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SHAFFER, D. R. KIPP, K. *Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência.* São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SCHMIDT, M. Luisa Sandoval e MAHFOUD, Miguel. **Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência.** Instituto de Psicologia - USP, 1993. 4(½), p. 285-298.

MOURA, Alan Silva A. **História de Família**. Brejo Santo - CE – 2016

SILVA, Ezequiel Theodoro. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez, 2011.

SINDEAUXS, Rebeca Baia. **A importância da literatura na escola: reflexões sobre a arte de narrar e o olhar pela “janela” de quem educa/ Rebeca Baia Sindeaux.**– Crato-CE, 2019 139p.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

TERRA, Ernani. **Leitura do texto literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2008.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

9 WEBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. Disponível em: [BENJAMIN, Walter. "O narrador](#). Acesso em: 23.11.2022.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. PNA Política Nacional de Alfabetização/Secretaria de Alfabetização. – Brasília: MEC, SEALF, 2019. http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf

Disponível em: <https://educacaoeterritorio.org.br/conceito-territorios-educativos> Acesso em: 22.09.2022

Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/nera/revistas/06/Fernandes.pdf> Acesso em: 15 nov. 2022

Estudo detalha situação do analfabetismo no País. Disponível em: http://inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AOV9zFY7Bv/content/estudo-detalha-situacao-do-analfabetismo-no-pais/21206. Acesso em: 22.06.2022

Griots, os guardiões das palavras. Disponível em <https://www.mawon.org/post/griots-os-guardi%C3%B5es-das-palavras>, 2020. Acesso em: 14/07/2021.

https://issuu.com/ongavante/docs/caderno_de_orienta_o_-_assim_se_faz_literatura/s/105375_11 http://coral.ufsm.br/lec/02_01/CintiaLC6.htm Acesso em: 10.08.2022

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica. Acesso em: 03/10/2022.

<https://www.epsiv.fiocruz.br/noticias/reportagem/brasil-retrocede-na-maioria-das-metas-de-sa-ude-educacao-e-trabalho-da-onu-para> Acesso em: 15.10.2022

MATTOS, C. G. L. de; CASTRO, P. A. de. Etnografia e Educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Autores. 298 p. ISBN 978-85-7879-190-2. Disponível: <http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>
Acesso em: 15.10.2021

M.W. Consultoria pra Migrações, 2019. Disponível em: <http://www.mawon.com.br/home>.
Acesso em: 08.06.2021.

PARRA, Evelio Cabrejo. **Entrevista para a Revista Nova Escola**. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/creche-pre-escola/entrevista-evelio-cabrejo-parra-736818.shtml>. Acesso em: 28.08.2022.

Populações Tradicionais

<https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/acoes-e-programas/acoes-socioambientais-e-consolidacao-territorial-em-ucs/populacoes-tradicionais>

10 APÊNDICES

APÊNDICE A: O que há por trás de um rodopio?

Há muito, muito tempo, em um tempo não tão distante do agora, morávamos eu e minha família numa comunidade rural que, curiosamente, até hoje, atende pelo nome de Compra Fiado. Eu, a segunda filha do casal, seguida de mais quatro irmãos com idades muito próximas, parecíamos até uma escadinha! Morávamos numa casa antiga, alta, com cômodos grandes, que para nós, tão pequenos, eram do tamanho do mundo, ainda mais que contava com um alpendre bem na frente. A casa ficava de frente para a estrada que levava à cidade, logo depois dela, um pomar... goiabeira, bananeira, coqueiro, limoeiro, laranjeira, e claro, mangueira.

E do lado direito? Pés de jatobás, altos, sombreiros, eram o ponto de encontro do lugar. E por trás da casa? Um pé de caju, que quando botava, arqueava de fatura. Parece que eu eu tô vendo a cacimba, sou capaz de puxar da memória o balde subindo pela corda, enchendo a calha e a água caindo sobre nossas cabeça, dá quase para ouvir a algazarra, porque se tem uma mistura animada, é menino e água. Embaixo da frondosa sombra do pé de jatobá menor, ficava a conhecida pedra de lavar roupa, as mãos femininas no bater da roupa ritmava os dias. Ainda por cima, no meio dessa beleza toda, do lado esquerdo, morava a mais traquina das primas, Ângela.

No Compra Fiado, a vida era sustentada pelo que a terra dava. Quando a chuva chegava, o corre-corre era grande, preparar o terreno, cuidar do plantio e manter o roçado limpo, até a colheita findar com sua roupa verde de festa. As mulheres, além dos afazeres da casa, davam uma mãozinha ao marido na lida. Eu, pequena, ainda não ia pra roça, mas era comum que todos se envolvessem com a terra.

Numa certa tarde, que a princípio parecia uma tarde como outra qualquer, mamãe havia servido o almoço e enquanto mexia uma panela e outra, recomendava:

- Não saiam de casa e cuidem dos mais novos.

Eu e minha irmã mais velha, Sandra, já sabíamos de cor e salteado, tintim por tintim, tudo o que era necessário para nos manter em segurança. Não abrir a porta para nenhum desconhecido, se alguém chamasse? Nos fazer de surda. Também não podíamos brincar nos terreiros, certamente porque o tirador de “figo” de criança poderia aparecer do nada, nos enfiar num saco de estopa e nos carregar para sempre. Oh medo grande!

Era uma verdadeira tortura ter que passar a tarde inteira trancafiadas em casa, se era no terreiro que as melhores coisas aconteciam: pular amarelinha, pular-corda, manteiga derretida, se balançar nos galhos das árvores. Olhe, o meu tio tanto anunciou que o galho arqueado da mangueira iria quebrar, que um belo dia ele quebrou mesmo, oh boca! Tudo acontecia no terreiro!

Nessa bendita tarde, não sobrou nada pra fazer. Foi quando brotou uma idéia na minha cabeça, de minha irmã e de Ângela: como a sala do santo era um cômodo mais espaçoso, achamos que era o lugar ideal para armar uma rede e brincar de se balançar. A ideia foi uma de nós sentar e as outras duas balançarem, para ser justo, cada uma de nós tinha a sua vez de balançar e de ser balançada. Repetimos a rodada algumas vezes e desarmamos a rede, mas as duas não se deram por satisfeitas e me desafiaram a ir só mais uma vez:

- Ei, minha gente, vamos mais uma vez!
- Eu não, mulher! Já tá bom, já tá bom.
- Deixa de ser besta, cuida, vamo!
- Vai, mulher, deixa de ser besta, tu vai primeiro!

Minha irmã bateu o pé e me convenceu a entrar de novo na bendita rede.

Eu entrei, e elas, uma em cada punho, me jogaram de um lado para o outro. Ainda consigo sentir o frio gostoso na barriga, que subia cada volta que a rede dava. Mais e mais, mais alto e mais rápido. Eu pra lá e pra cá, comecei a sentir meu corpo se descolando da rede, na mistura de coragem e medo, quase me acabei de rir. De repente... Plaft! Pois não é que eu descolei mesmo da rede? Mergulhei direto em busca do chão, de cabeça!!! Quando me levantei, constatei que o prejuízo tinha sido grande: os dois dentes da frente. Logo os da frente!

Ah! E agora? Pior do que os dentes era quando voltassem da roça. As meninas trataram logo de pensar numa desculpa para amenizar a possibilidade da gente esquentar os couros quando papai e mamãe voltassem da roça. Não tinha escapatória.

Enquanto isso, eu continuava sofrendo com a porteira aberta justo na minha boca, sofrida com o sorriso imperfeito que eu acabara de adquirir. Foi quando, por mistério, Sandra lembrou da sandália de salto alto e imediatamente criou uma narrativa inusitada para aquela situação. Quando mamãe chegou já corri para contar:

- Olhe, mamãe, enquanto a gente brincava de aprender a andar de salto, eu rodopiei, o pé entortou, o chão sumiu, as pernas se enganchavam uma na outra, foi aí que eu bati a

cabeça na parede. Não sei se foi sorte ou bondade de minha mãe, mas o certo é que nossos pais acreditaram e ninguém apanhou naquele dia. Por muitos anos, a versão real dessa história ficou guardada a sete chaves, no fundo de nossas memórias. Só quando, já adultas, esse segredo foi revelado, e agora, depois dessa noite, ele acaba de ser espalhado.

APÊNDICE B: No sertão, a criança pesca com a mão

Das memórias da minha infância, as que trago com mais felicidade são aquelas da época das chuvas. O cheiro da terra molhada, a animação do povo para o plantio das roças, e as cheias que faziam o rio perto de minha casa transbordar, banhando as terras. Era uma imensidão de água que me fazia lembrar o mar que eu trazia na imaginação.

No sertão, a criança pesca com a mão. A enxurrada de peixes que acabava se espalhando nas enchentes em busca de águas mais rasas, ajudava a pescaria da meninada. Era muito peixe, e eu adorava pescar! Papai costumava armar o galão nas partes mais profundas, enquanto eu e os meus irmãos íamos para as mais rasas, as beiradas, onde nossas mãos ágeis assanhavam o mato coberto d'água. Com os peixes presos no mato, aquelas margens se tornavam local precioso para os que se atreviam. Vixe! Era bom demais. O resultado geralmente era um delicioso almoço, e peixe assado, o prato principal, acompanhado de um angu de milho moído, mexido cuidadosamente por mamãe, uma mulher que sempre fazia as coisas mais simples se tornarem as mais saborosas do mundo.

Numa dessas manhãs, acordei cedinho, era um daqueles dias de “casamento de viúva”, havia sol e chuva. Como de costume, papai passou a contar histórias do seu tempo de criança. Eu gostava daqueles momentos, a gente aprendia sobre a natureza, como cuidar da terra, e que dela era tirado o nosso sustento. As experiências dos mais velhos nos ensinavam quando a chuva estava perto de chegar ou quando ela ia se demorar.

O sol já estava pendendo para o meio do céu quando, de repente, ouvi gritos estridentes que vinham do outro lado do riacho. Eram os meus primos que pescavam na boca do bueiro, por onde as águas passavam atravessando a estrada de terra. Parei um instante para entender melhor o que se passava, tentando descobrir o porquê de tamanha animação. Logo notei que se devia ao fato da grande quantidade de peixes que desciam pela correnteza. Pensei: vou me posicionar um pouco abaixo, assim, os peixes que escaparem deles, por conta

do barulho, ficarão presos entre os juncos. Vai ser fácil para eu pescar uma quantidade muito maior, se ficasse longe daquela gritaria dos primos.

Eu mal entrei na água e já senti os peixes batendo nas minhas pernas. Vocês acreditam? Procurei uma posição mais cômoda para ficar dentro d'água que, apesar de turva, me permitiu ver os peixes passando. Os juncos ajudavam a diminuir o ritmo do nadar dos peixes, já eu, cuidei para que a alegria diante da possibilidade de fazer a minha melhor pescaria, não me atrapalhasse a concentração. Um piscar de olhos, e vieram em minha direção duas belas traíras, baixei-me e pus as duas mãos na água.

Pois não é que eu consegui físgar as duas? Na pressa para pescar, acabei esquecendo que traíras possuem dentes bem afiados, abocanham com rapidez, e que é preciso muito cuidado.

Ergui as mãos da água, e saí gritando por socorro. Uma traíra abocanhou meu dedão da mão direita, e o sangue foi escorrendo pelos braços. Quanto mais eu sacudia a mão, mais ela fincava os dentes no meu dedo! Mas não pensem que eu deixei a outra escapar. Fui gritando com a dor e, mesmo assim, consegui sair da água com as duas traíras. Meus irmãos ouviram os gritos, e correram para ajudar.

Com muito sacrifício, um deles conseguiu desgarrar os dentes da traíra fincados no meu polegar. Vocês nem conseguem imaginar o tanto que aquilo estava doendo, e o pior era a minha mão banhada de sangue. Quando a situação se acalmou, ganhei o direito de ir para casa, a fim de cuidar do ferimento. Fui carregando as duas traíras penduradas por um gancho de cipó feito por papai.

Em casa, mamãe lavou o meu dedo com um pouco da aguardente, em seguida, cuidou de limpar a pesca, salgou, e colocou ao sol para secar. À tardinha, ela acendeu o fogão à lenha, e tratou de deixar os peixes bem crocantes. Apesar da dor no dedão, valeu à pena. Foi um jantar e tanto! Fiquei muito orgulhosa das duas traíras que essa pescaria resultou, uma foi físgada e a outra me físgou.

APÊNDICE C: O sonho de voar

Há muito e muito tempo, em um tempo em que as horas passavam devagar, um pai ensinava a ciência do manejo da terra aos filhos e filhas. Dentre estes, havia a mais nova de todos, uma menina curiosa, de olhos vibrantes e cabelos cheios de cachos.

Um certo dia, quando aprendiam os segredos de como plantar macaxeira, de repente, ela escutou um intenso barulho vindo do céu. Assustou-se, mas logo percebeu que se tratava de um avião que cruzava o sertão, voando um pouco abaixo das nuvens.

Seus olhos miraram naquela máquina voadora, que da terra parecia minúscula. Imediatamente sua cabeça foi sendo povoada por uma enxurrada de perguntas: Como algo tão pequeno pode levar tantas pessoas? Como é que ele se mantém no ar? Como deve ser estar numa máquina dessas?

Foi nesse instante que nasceu o sonho de viajar de avião. Com os pés fincados em terra firme, ela desejou voar.

Para uma criança que já era conhecida como “a menina que vivia com a cabeça nas nuvens” (justo porque costumava sonhar alto), aquele desejo de voar era mais um dos sonhos que colecionava: viajar pelo mundo, conhecer o mar, ver de perto as cidades com arranha-céus e conhecer pessoas diferentes. Tudo o que via em preto e branco na TV compartilhada na comunidade ganhava cores em seus desejos de ver de perto o vasto mundo. Sim, havia apenas uma TV para toda a comunidade...

A menina amava o seu lugar, amava intensamente, até porque sabia que na sua comunidade aconteciam as melhores festas de São João, as melhores rodas de histórias, as melhores partidas de futebol e as mais divertidas brincadeiras do mundo. Seu desejo era ir para o mundo, desde que sempre pudesse voltar.

O tempo foi passando e a menina que lia o mundo nos livros e descobria sua vastidão pela TV, foi alimentando o sonho de um dia embarcar em um avião e experimentar o prazer de voar. Ela tornou-se adulta, casou e teve dois filhos. O seu amor pelas histórias continuava crescendo e multiplicava-se quando lia em voz alta para os filhos. Qual foi sua alegria quando o filho mais velho, aos treze anos, publicou um livro. Ao ser convidado para um evento literário bem longe de sua terra, sem saber, o menino tornou realidade o sonho de infância de sua mãe.

Numa noite cheia de estrelas, a mulher foi subindo devagar as escadas de acesso à aeronave, encantada com tudo o que via, enquanto lembrava que, até aquele dia, nunca havia visto um avião de perto. No momento da decolagem, quem estava sentada na poltrona era a menina curiosa, de olhos vibrantes e cabelos cheios de cachos. Aquela mulher voltou à infância, o passado surgiu como um filme em sua cabeça.

A família inteira entrou naquele avião e, juntos, chegaram a uma cidade cheia de arranha-céus, grande e colorida, igualzinha àquela que “a menina que vivia com a cabeça nas

nuvens” imaginava. Ao avistar a cidade do alto, as luzes pareciam estrelas, como se o céu estivesse abaixo dos seus pés... Essas coisas que só quem entende são as pessoas-crianças que andam com a cabeça nas nuvens.

Imediatamente ela lembrou daquela manhã ensolarada e do sonho plantado em seu coração, tal qual as macaxeiras que ela arrancava do seio da terra. Sentiu até o cheiro e o toque da terra revolvida pelo arado puxado pelo velho Tónico, o burro da família. Durante a sonhada viagem, entre as nuvens, ela lembrou emocionada do trabalho duro de seu pai na lavoura. Naquele instante, teve certeza de que os sonhos regados pelo trabalho podem tornar-se realidade, assim como acontece nas histórias. Tudo é possível, até mesmo voar.

APÊNDICE D: Ficha de Autorização 01



GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

Autorização

Eu, abaixo assinado e qualificado, concedo para livre utilização os direitos sobre a minha imagem, assim como o som da minha voz, palavras e frases de discursos por mim proferidos, para Veridiane Rosa da Silva, autorizando consequentemente e universalmente sua utilização no produto: Histórias que nascem embaixo dos pés de jatobá; como um dos instrumentos de recolha de dados para a pesquisa de sua dissertação de mestrado pela Universidade Universidade Regional do Cariri - URCA; que poderá ser partilhado por qualquer veículo, processo, ou meio de comunicação, existentes ou que venham a ser criados.

A presente autorização é concedida em caráter irrevogável, irretroatável e de forma gratuita, ficando o proprietário do estabelecimento, seus sucessores, sócios, cessionários e editores isentos do pagamento de quaisquer ônus a minha pessoa a qualquer tempo e sob qualquer pretexto pela utilização das imagens.

Brejo Santo, 16 de janeiro 2023.

Maria Sonia de Sousa
Assinatura

Nome: Maria Sonia de Sousa
Endereço: Vila Compra Fiado
Cidade: Brejo Santo-CE **CEP:** 63.260-000
Celular: (88) 99713-5124
Identidade (RG): 2007191719-0 **Órgão Expedidor:** SSP Ceará
CPF: 902.527.993-72

APÊNDICE E: Ficha de autorização 02



GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

Autorização

Eu, abaixo assinado e qualificado, concedo para livre utilização os direitos sobre a minha imagem, assim como o som da minha voz, palavras e frases de discursos por mim proferidos, para Veridiane Rosa da Silva, autorizando conseqüentemente e universalmente sua utilização no produto: Histórias que nascem embaixo dos pés de jatobá, como um dos instrumentos de recolha de dados para a pesquisa de sua dissertação de mestrado pela Universidade Universidade Regional do Cariri - URCA; que poderá ser partilhado por qualquer veículo, processo, ou meio de comunicação, existentes ou que venham a ser criados.

A presente autorização é concedida em caráter irrevogável, irretroatável e de forma gratuita, ficando o proprietário do estabelecimento, seus sucessores, sócios, cessionários e editores isentos do pagamento de quaisquer ônus a minha pessoa a qualquer tempo e sob qualquer pretexto pela utilização das imagens.

Brejo Santo, 16 de janeiro de 2023.

Assinatura

Nome: Silvaneide Rosa da Silva

Endereço: Vila Compra Fiado Nº: S/N

Cidade: Brejo Santo-CE **CEP:** 63.260-000

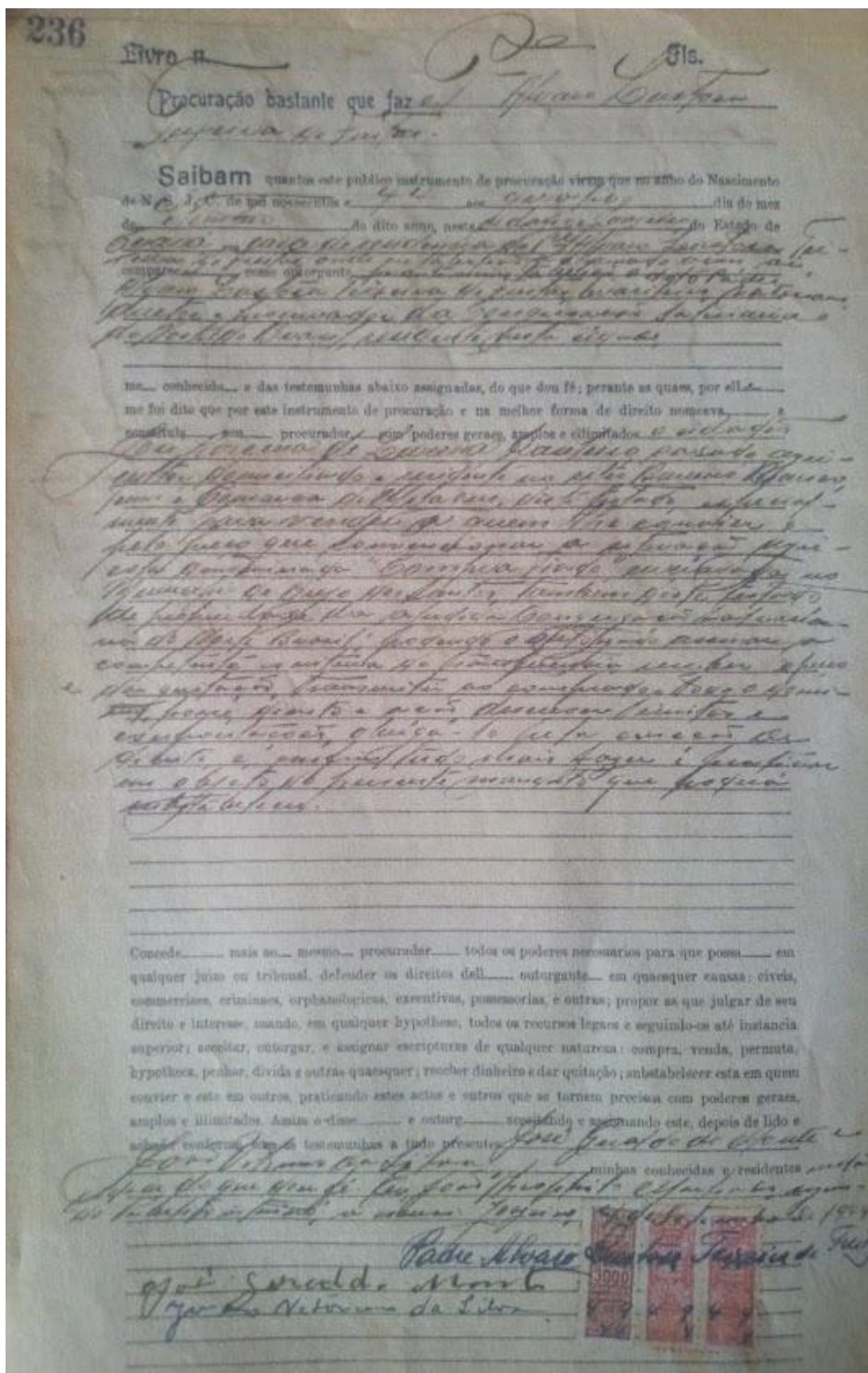
Celular: (88) 98180-5116

Identidade (RG): 20074642259-0 **Órgão Expedidor:** SSP Ceará

CPF: 786.363.023-15


11 ANEXOS

ANEXO A - Procuração que nomeia o Padre Álvaro Lustosa Teixeira de Freitas como representante da Congregação Salesiana do Norte do Brasil na cidade de Juazeiro do Norte-CE



Fonte: Cartório Machado 2º Officio de Juazeiro do Norte - CE

ANEXO B - Registro de Imóveis – Indicação para localização das páginas da Certidão da
Escritura Pública de Compra Venda



CARTÓRIO MATIAS 2º Ofício
CNPJ/MF 05455266000142
Brejo Santo - CE - 2 OFÍCIO
MARIA BRASIL SAMPAIO
Tabeliã e Registradora
MARIA AUXILIADORA BRASIL S. CARDOSO
ENGRÁCIA LEITE BRASIL S. DE LUCENA
JUAREZ LEITE SAMPAIO NETO
Substitutos

Notas, RGI, Título e Documentos, Pessoas Jurídicas, Protstos de Títulos

Praça Dionísio Rocha de Lucena, 162, Centro - Brejo Santo-Ceará - Fone: 88 3531-0144 / Fax: 35310144 E-MAIL

CERTIDÃO

CERTIFICO que no Livro 3-G de Registro de Imóveis, deste Cartório, às folhas 163, sob o número de ordem 7.254, em data de 02/07/1969, consta o registro do seguinte teor: UMA PARTE DE TERRA seca no SÍTIO COMPRA FIADO ou BARREIRO BRANCO, deste município de Brejo Santo-CE, com cento e cinquenta (15) braças de largura, mais ou menos, seiscentas (600) ditas de comprimento, limitando-se da maneira seguinte: ao lado do nascente, com terras de José Pereira, ao lado do poente, com terras de Pedro Belarmino, ao lado do norte, com terras de Manoel Inácio de Lucena, ao lado do sul, com terras de Francisco Farias de Oliveira. **ADQUIRENTE: MANOEL CANUTO DA SILVAS e ANA CANUTO DA SILVA**, falecida, o primeiro residente neste município. **TRANSMITENTE: A CONGREGAÇÃO SALESIANA DO NORTE DO BRASIL**, na cidade de Juazeiro do Norte, representada por seu Diretor e Procurador, PADRE OLAVO LUSTOSA TEIXEIRA DE FREITAS, da cidade de Juazeiro do Norte, deste Estado. **TÍTULO: Compra e Venda. FORMA DO TÍTULO: Escritura do 1º Cartório desta Comarca, datada de 06 de setembro de 1944. Livro 38, fls. 157/159v. VALOR DO CONTRATO: NCr\$ 3,00 (três cruzeiros novos). CONDIÇÕES: Não há. AVERBAÇÃO: Feita a escritura do presente imóvel de delimitação de área, sendo o imóvel matriculado no Livro 02, (fichas)1, Matrícula 118, registrado sob o número R.01/118, nesta data. Pelo que cancelamos o presente registro. Brejo Santo-CE, 16/08/1976. CERTIFICO ainda que os atos constantes da presente certidão são os únicos assentamentos da transcrição a que se refere, do que forneço a presente certidão, nos termos do art. 34 do Provimento 08/2014 da CGJ/CE, para que surta seus jurídicos e legais efeitos, com validade de 30 (trinta) dias, conforme Art. 1º, do Provimento nº 02/2003 do CGJ/CE, e Art. 1º, § IV, do Decreto nº 93.240 de 09/09/1986.**

Eu, enra, Oficiala Substituta do Registro de Imóveis, subscrevo e assino em público e raso com sinal que uso. Em testemunho da verdade. Dou fé.

Brejo Santo, 17 de junho de 2021.

enra
ENGRÁCIA LEITE BRASIL S. DE LUCENA
Oficiala Substituta do Registro de Imóveis

05.455.266/0001-42

CARTÓRIO MATIAS

Pça Dionísio Rocha de Lucena,162

Centro - CEP 83.260-000

Brejo Santo - CE

CUSTAS E EMOLUMENTOS INCIDENTES

Nº de Assentamento: 202006700001	2,66
Total Emolum.: 53,34 Total FADEP:	2,66
Total FERRAJU:	2,66
Total Selos:	6,14 Total IES:
	2,66
Valor Total=»	72,12
Base de Cálculo / Abs com Valor Declarado	
Ben/Negócio: 1: 0,00	

Detalhamento da cobrança / Listagem dos códigos da tabela de emolumentos envolvidos
Código: 0019 / 00126 /

PODER JUDICIÁRIO
Estado do Ceará

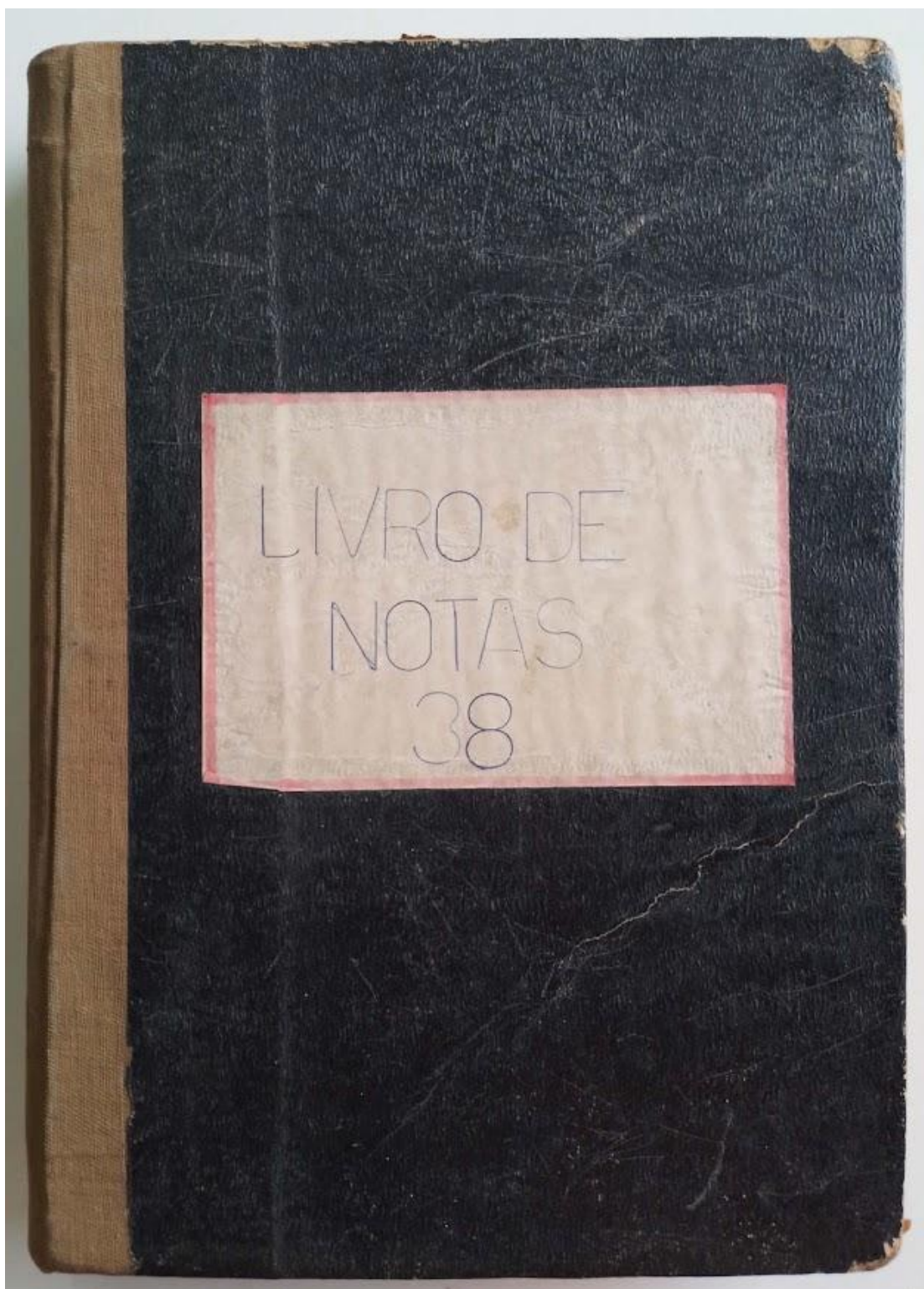
Selo Tipo 4
Certidão de Variz Trial.
Nº
AAH916399-J8J9

SELO DIGITAL DE AUTENTICIDADE

Correta a validade do Selo Digital em seu dispositivo que não seja portátil

Fonte: Cartório Matias 2º Ofício de Brejo Santo – CE

ANEXO C - Livro onde consta a escritura original das terras da comunidade



Fonte: Cartório Nicodemos Feitosa 1º Ofício – Poder Judiciário – Comarca de Brejo Santo - CE

157

Kilby

85 Escritura pública de compra e venda que foram, como outorgante vendedora a Congregação Sabriana do Norte do Brasil, na cidade de Jossim, deste Estado, representada por seu Diretor e procurador, pasche Alvaro Latoro Teixeira de Freitas, e como outorgados compradores Manoel Camelo da Silva e Ana Camelo da Silva, tudo como abaixo se declara, etc. Traibam quanto este publico instrumento de escritura de compra e venda vierem que aos seis (6) dias do mez de Setembro do ano de mil novecentos e quarenta e quatro (1944), nesta cidade de Brejo Santo, Paranaíba, Minas Gerais, parante mim, Tabelião, compareceram partes, entre si, justos e contratados, a saber: - de uma parte, como outorgante vendedora a Congregação Sabriana do Norte do Brasil, na fidade de Jossim, deste Estado, representada por seu Diretor e procurador na mesma cidade, pasche Alvaro Latoro Teixeira de Freitas, representada neste ato por seu bastante procurador, José Oliveira de Lucena, brasileiro, casado, agricultor domiciliado e residente no sítio Banheiro Branco, do bairro de Itapagras, deste Estado; e de outra parte, como outorgados compradores Manoel Camelo da Silva, solteiro, igual-
 mente domiciliado e residente no sítio Banheiro Branco, deste Estado e Ana Camelo da Silva, viúva, domiciliada, também domiciliado e residente no dito sítio, ambos brasileiros, pessoas conhecidas como os progenitores de que trata dos autos de nomeação no fim nomeados e assinados, estes últimos conhecidos, do que dou fé, e logo perante as mesmas

ANEXO E - Verso da página 157

testemunhos pela referido outorgante vendedor a,
por seu procurador, me foi dito que a escritura a
justi título e legitimo possuidora de uma parte
de terras reca no lugar denominado "Compa-
nheiro", ou Bancos Brancos, desta cidade, com cen-
te e cinquenta (150) braças de largura, mais ou menos,
e seiscentos (600) ditos de comprimento, hincantando-
se da maneira seguinte: ao lado do fozente com
terras de José Beira; ao lado do Paule, com terras
de Pedro Belarmino; ao lado do Nôti, com terras de
Mauel Inocente de Lucena; e ao lado do sul, com terras
de Francisco Farias de Almeida, havida a dita expro-
piação por disposições testamentaria no inventa-
rio do padre Lucas Romão Batista, julgado pelo
doutor juiz de Peixos da Comarca de Juazeiro por um
terço datada de vinte e nove (29) de julho e a vinte e cin-
co (25) de outubro de mil novecentos e trinta e oito
(1938), conforme certidão de pagamento fornecida
pelo 2º (segundo) senhor do título da dita cidade
de Juazeiro datada de trinta (30) de junho de mil
novecentos e trinta e nove (1939), registrada no
cartório do Registro de Imóveis desta cidade, da-
tada, digo, cidade, em data de dezesseis (16) de
agosto deste ano, sob número seiscentos e oitenta
(600), e, referida propriedade, de forma como os
testemunhos, digo, e como a pursue livre como se acha
de todos e quais que nos vende, como de fato vendido
tem-na de hoje por dante referido, digo, diante por
o preço e quantia total de três mil em reais (R\$ 3.000,00)
quantia esta que se recebeu dos mãos do mesmo
em moeda corrente do país, do que lhe dá ple-
na e qual quitação, comprometo-me a
fazer esta escritura firme e valida e a respon-

Fonte: Cartório Nicodemos Feitosa 1º Ofício – Poder Judiciário – Comarca de Brejo Santo - CE

ANEXO F - Escritura Pública da Vila Compra Fiado Página 158

158

F. Silva

der pela aviação de direitos. Transmitta a pessoa do dito comprador toda posse, jus, domínio, direitos e servidas ativas que existia em dita propriedade, produtos dela tomas posse, jus do queira. Delos compradores foi-me dito que aceitavam esta escritura tal como se declara, a qual possui por me terem sido apresentados e apresentados, certidões de quitações e o talão do imposto de transmissão de propriedade, tudo do ten seguinte: "Livro N.º 9. Fls. 236. Número traslado Estado Unidos do Brasil. Estado do Ceará. Comarca de Juazeiro. Cartório Machado. 2.º Tabelião. Rua Matias N.º 288. Translado de procuração bastante que foi o padre Alvaro Lustosa Teixeira de Freitas. Foi-lhe quanto o presente instrumento de procuração virem, que no dia do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, de mil novecentos e quarenta e quatro (1944) aos 4 (quatro) dias do mes de Setembro do dito ano, nesta cidade de Juazeiro, Estado do Ceará, em casa de residência do Padre Alvaro Lustosa Teixeira de Freitas, onde eu Tabelião a chamados vim, ai, perante mim compareceu como autorante o dito padre Alvaro Lustosa Teixeira de Freitas, brasileiro, solteiro, diácono e procurador da Congregação Sagrada do Norte do Brasil, residente nesta cidade, meu confesso e reconhecido pelo proprio de mim, Tabelião, e dos duas testemunhos adiante assinados perante os quais por este me foi dito que por este publico instrumento e instrumento de direitos usamos e constitui-se em bastante procurador o citado João Arieno de Lencina, brasileiro

Fonte: Cartório Nicodemos Feitosa 1º Ofício – Poder Judiciário – Comarca de Brejo Santo - CE

ANEXO G - Escritura original, verso da página 158

leiro, casado, agricultor, domiciliado e residente no sítio
Barão Branco, freguesia e paróquia de Belagor, neste Estado,
e quem concede poderes, gerais, amplos e ilimitados,
especialmente, para receber a quem elle souber e
pelo preço que convenier a situação agrícola
denominada Fazenda Fritos, situada no mu-
nicípio de Brejo dos Santos, também neste Esta-
do de propriedade da aludida Congregação
Salesiana do Norte do Brasil, podendo
e outorgado assinar a competente escri-
ta de transferência, descrever limites e con-
frontações, receber o preço e dar quitação,
transmitir ad quemder todos direitos,
pore, direitos e ações e obriga-lo pelo e
vagas de direitos, cumpri tudo o mais fa-
zer e praticar em objeto do presente aman-
dato que podera estabelecer. E, de co-
mo assim disse, do que dou fe, lavrei es-
te instrumento que sendo lido aceita
e assinou com os testemunhos que são:
José Geraldo do Monte e José Vilmar da
Silva, pessoas idoneas e residentes nesta
cidade, do que dou fe. Em José Rogério
Machado, segundo Tabelião interino a
novi. Juazeiro, 4 de Setembro de 1944.
(aa) Padre Abreu Ladeira Taxeira de
Fritos, José Geraldo do Monte, José Vi-
lmar da Silva (Sobre a p. 4091, sobre
fretas, inclusive a taxa de porte.)
Esta conforma o original. Dou fe, da-
to supra. Em Brejo dos Santos, do termo
de Juazeiro, 4 de Setembro de 1944.
O segundo Tabelião interino (assou)

Fonte: Cartório Nicodemos Feitosa 1º Ofício – Poder Judiciário – Comarca de Brejo Santo - CE


159

Fleury

Tarpilo Machado (sobre tres emendas e quarenta e cinco em reais federais, incluindo a taxa de Educação e Saúde) "Em cumprimento do despacho supra do Sr. Coletor, certifico que a situação agrícola denominada "Fazenda Triado" do terreno de Brejo do Santo, da propriedade da Congregação Salesiana do Norte do Brasil redado em Juízo neste Estado, nada deve a Fazenda Municipal neste município. E para constar em Registo da Fazenda, expedio da Coletoria Fabril de Milagres, do Ilhéus, a presente certidão aos seis dias do mês de Setembro de mil novecentos e quarenta e quatro. Coletoria dos Reais, Fazendas de Milagres, 6 de Setembro de 1944. (a) Virgílio Feitosa, Coletor Federal. Certidão. Certifico que revendo o arquivo desta Prefeitura de Brejo do Santo verifico que a parte de terras do sítio Codrão Triado, deste bem, pertencente à Congregação Salesiana nada deve a Fazenda Municipal. Secretaria da Prefeitura Municipal de Brejo Santo, 16 de Setembro de 1944. (a) José Teodoro Campois. Recebido. Certidão. Certifico que revendo o arquivo desta exalvia verifico que os mesmos que a parte de terras do sítio Codrão Triado, pertencente à Congregação Salesiana do Norte do Brasil acham-se quitados com a Fazenda Estadual. Coletoria Estadual de Brejo

ANEXO I - Verso da página 159

Saubs, 6 de Setembro de 1944. (a) Manoel
M. Junior. Escrivão. "Escritório dos Re-
gistros da Fazenda do Ceará. Exat-
oria Estadual em Brejo Santo, N.º 704.
Exercício de 1944. Luiza de Matos, ma-
rca inter-vivos. N.º n.º Total: Cr\$ 300,00
Do livro caixa fica debitado o Sr. Cole-
tor mensal de Brejo Santo pelo quantum
de mensais anteriores, recebido do Sr.
Manoel Camelo de Silva e Ana C. da
Silva, de 10/90 sobre tres mil cruzados
para quarenta e tres comprados ao pa-
rte de Alvaro Luiza de Matos de Brejo Santo
uma parte de terras sea constante de 150 bra-
cos de frente por 600 de fundos na rua Comun-
teado, Foz de Iguaçu. Protocolo do Poder Judiciário
de Brejo Santo em 6 de Setembro de 1944. Observado
(a) Manoel M. Junior. Escrivão (a) Manoel M. Junior. "Era o
que se continha em dita procuração, autôgrafos e selos de
imposto. Por se. Depois de feita a ato, eu, Tobias, li a prante-
rida que, respectivamente, aceitavam, outorgavam e orçavam com os
testemunhos, a todos presentes. Diante de mim e foi Luiz Tavares, assi-
nante e logo des outorgadas por serem analfabetos Ana Tavares,
Francina e Antonia Cipriano de Moura. Eu, Manoel Junior, escrevi
os respectivos e em um out. parte a todo portanto em anexo e
copio em a tempo de...
V. p. Jose
Ana Tavares
Vicente Felipe
Jose Luis Tavares



Fonte: Cartório Nicodemus Feitosa 1º Ofício – Poder Judiciário – Comarca de Brejo Santo - CE

ANEXO J - Escritura pública de compra e venda - documento transcrito para a forma digital/impresso

CARTÓRIO NICODEMOS FEITOSA 1º OFÍCIO
PODER JUDICIÁRIO - COMARCA DE BREJO SANTO - CEARÁ
Ed. Pekim Sala/A - Térreo - Rua José Matias Sampaio, n. 39
63. 260-000 - Brejo Santo - Ceará E-mail – cartorionicodemosfeitosa@hotmail.com - Telefax (0xx88) 3531-1550

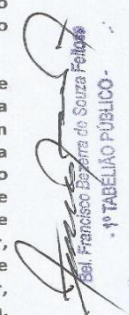
O Bel. Francisco Bezerra de Souza Feitosa, 1º Tabelião Público, Oficial do Registro Civil, Títulos e Documentos, Pessoas Jurídicas, Oficial de Protesto e Distribuidor de Títulos Extra – Judiciais da Comarca de Brejo Santo, Estado do Ceará, na forma da lei, etc.

CERTIDÃO

CERTIFICO, a requerimento verbal da parte interessada, para fazer prova perante quem de direito, que revendo o Livro-38, de Escritura Pública do 1º Cartório a meu cargo, do mesmo, as fls. 157/159v, consta a Escritura no seguinte teor:

Escritura Pública de Compra e Venda que fazem, como Outorgante Vendedora a Congregação Salesiana do Norte do Brasil na cidade de Juazeiro, deste Estado, representada por seu Diretor e Procurador, Padre Alvaro Lustosa Teixeira de Freitas; e como Outorgados Compradores: Manoel Canuto da Silva e Ana Canuto da Silva, tudo como abaixo se declara, etc.

Saibam quantos este Público Instrumento de Escritura de Compra e Venda virem que aos seis (06) dias do mês de setembro do ano de mil novecentos e quarenta e quatro (1.944), nesta cidade de Brejo Santo, Comarca de Missão Velha, Estado do Ceará, em meu cartório, perante mim, Tabelião, compareceram partes, entres si; justas e contratadas, a saber: - de uma parte como Outorgante Vendedora A Congregação Salesiana do Norte do Norte do Brasil na cidade de Juazeiro, deste Estado, representada por seu Diretor e Procurador na mesma cidade, Padre Alvaro Lustosa Teixeira de Freitas, representado neste ato por seu bastante procurador José Avicena de Lucena, brasileiro, casado, agricultor, domiciliado e residente no sítio Barreiro Branco, do termo de Milagres, deste Estado; e de outra parte, como Outorgados Compradores, Manoel Canuto da Silva, solteiro, agricultor, domiciliado e residente no sítio Barreiro Branco, deste termo e Ana Canuto da Silva, viúva, doméstica, também domiciliada e residente no dito sítio, ambas brasileiras, pessoas conhecidas como as próprias de que trato das duas testemunhas no fim nomeadas e assinadas, estas minhas conhecidas, do que dou fé; e logo perante as mesmas testemunhas pela referida Outorgante Vendedora, por seu procurador, me foi dito que é senhora a justo título e legítima possuidora de uma parte de terra seca no lugar denominado "Compra Fiado" ou Barreiro Branco, deste termo, com cento e cinquenta (150) braças de largura mais ou menos e seiscentas (600) ditas de comprimento, limitando-se da maneira seguinte: ao lado do Nascente, com terras de José Pereira; ao lado do Poente, com terras de Pedro Belarmino; ao lado Norte, com terras de Manoel Inácio de Lucena e ao lado Sul, com terras de Francisco Farias de Oliveira, havida a dita Congregação por disposição testamentária no inventário do Padre Cicero Romão Batista, julgado pelo Doutor Juiz de Direito da Comarca de Juazeiro por sentença, datada de vinte em nove (29) de julho e vinte e cinco (25) de outubro de mil novecentos e trinta e oito (1938), conforme certidão de pagamento fornecida pelo 2º (segundo) Escrivão do Cível da dita cidade de Juazeiro, datada de trinta (30) de junho de mil novecentos e trinta e nove (1939), registrada no Cartório do Registro de Imóveis, desta cidade em data de dezanove (19) de agosto deste ano, sob numero seiscentas e setenta (670), e,

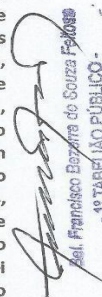

Bel. Francisco Bezerra de Souza Feitosa
1º TABELIÃO PÚBLICO -

Fonte: Cartório Nicodemus Feitosa 1º Ofício – Poder Judiciário – Comarca de Brejo Santo - CE

ANEXO L - Segunda página da Escritura Pública de compra e venda das terras da Vila Compra Fiado

Documento transcrito para a forma digital

referida propriedade, da forma como a possui livre como se acha de todo e quaisquer ônus, vende, como de fato vendido tem-na de hoje por diante, pelo preço e quantia certa de três mil cruzeiros (CR\$ 3.000), quantia esta que já recebeu das mãos dos mesmos em moeda corrente do Paiz, do que lhe dão plena e geral quitação, comprometendo-se a fazer esta venda firma e valiosa e a responder pelo evicção de direito. Transmite as pessoas dos ditos compradores toda posse, jus, domínio, direito e servidão ativa que exercia em dita propriedade, podendo dela tomar posse, quando queira. Pelos compradores foi me dito que aceitavam esta Escritura tal como se declara, a qual passei por me terem sido apresentada a Procuração, certidões de quitações e o talão do imposto de transmissão de propriedade, tudo do teor seguinte: "Livro nº 09, fls. 236. Primeiro traslado Estados Unidos do Brasil, Estado do Ceará. Comarca de Juazeiro. Cartório Machado 2º Tabellionato. Rua da Matriz, nº 288. Traslado de Procuração bastante que faz o Padre Alvaro Lustosa Teixeira de Freitas. Saibam quantos o presente instrumento de procuração virem que no ano de nascimento de nosso senhor Jesus Cristo, de mil novecentos e quarenta e quatro (1.944) aos 04 (quatro) dias do mês de setembro do dito ano, nesta cidade de Juazeiro, Estado do Ceará, em casa de residência do Padre Alvaro Lustosa Teixeira de Freitas, onde eu Tabellião a chamado vim, ai, perante mim compareceu como o Outorgante o dito Padre Alvaro Lustosa Teixeira de Freitas, brasileiro, salesiano, diretor e procurador da Congregação Salesiana do Norte do Brasil, residente nesta cidade, meu conhecido e reconhecido pelo próprio de mim, Tabellião e das duas testemunhas adiante assinadas perante as quais por ele me foi dito que faz este público instrumento e nos termos de Direitos nomeia e constitue seu bastante Procurador o cidadão José Avicena de Lucena, brasileiro, casado, agricultor, domiciliado e residente no sítio Barreiro Branco, termo e Comarca de Milagres, neste Estado, a quem concede poderes gerais, amplos e ilimitados, especialmente, para vender, a quem lhe convier e pelo preço que convencionar a situação agrícola denominada Compra Fiado, encravada no município de Brejo dos Santos, também deste Estado, de propriedade da aludida Congregação Salesiana do Norte do Brasil; podendo o Outorgado assinar a competente escritura de transferência, descrever limites e confrontações, receber o preço e dar quitação, transmitir aos compradores todo domínio, posse, direito e ação e obriga-lo pela evicção de direito, enfim, tudo o mais fazer e praticar em objeto do presente mandato que poderá substabelecer. E, de como assim disse, do que dou fé; lavrei este instrumento que sendo-lhe lido aceita e assina com as testemunhas que são José Geraldo do Monte e João Vitorino da Silva, pessoas idôneas e residentes nesta cidade, do que dou fé. Eu, João Teofilo Machado, segundo Tabellião interino a escrevi. Juazeiro, 04 de setembro de 1944 (aa) Padre Alvaro Lustosa Teixeira de Freitas. José Geraldo do Monte. João Vitarino da Silva. (Sobre CR\$ 3,40 em selos federais, inclusive a taxa de saúde). Esta conforme o original. Dou fé. Data supra. Em testemunha da verdade. Juazeiro, 04 de setembro de 1944. Segundo Tabellião interino (a) João Teofilo Machado. (Sobre três cruzeiros e quarenta centavos em selos federais, inclusive a taxa de Educação e saúde) "Em cumprimento do despacho supra do Senhor coletor, certifico que a situação agrícola denominada "Compra Fiado" do termo de Brejo dos Santos, de propriedade da Congregação Salesiana do Norte do Brasil, sediada em Juazeiro, neste Estado, nada deve a Fazenda Nacional, nesta repartição. E, para constar, Eu, Renato Cid Varela, Escrivão da Coletoria Federal de Milagres, datilografarei a presente Certidão aos seis dias do mês de setembro de mil novecentos e quarenta e quatro. Coletoria das Rendas Federais de Milagres, 06 de setembro de 1944. (a) Virgilio Coelho. Coletor Federal". Certidão. Certifico que revendo o arquivo desta Prefeitura do mesmo verifiquei que a parte de terra do sítio Compra Fiado, deste termo pertencente a Congregação Salesiana nada deve a Fazenda Municipal. Secretaria da Prefeitura Municipal de Brejo Santo, 16 de setembro de 1944. (a) José Tavares Sampaio. Secretario. " Certidão. Certifico que revendo o arquivo desta


Sel. Francisco Bezerra de Souza Falcão
- 1º TABELLÃO PÚBLICO -

ANEXO M - Terceira e última página da Escritura Pública de compra e venda das terras da Vila Compra Fiado

Documento transcrito para a forma digital

exatoria verifiquei do mesmo que a parte de terras do sitio Compra Fiado, pertencente a Congregação Salesiana do Norte do Brasil acha-se quites com a Fazenda Estadual. Coletoria Estadual de Brejo Santo, 06 de setembro de 1944. (a) Manoel M. Junior. Escrivão. Secretaria dos Negócios da Fazenda do Ceará. Exatoria Estadual em Brejo Santo nº 704. Exercício de 1944. Imposto de transmissão inter-vivos 1ª via total CR\$ 300,00, no Livro caixa fica debitado o Sr. Coletor Misael F. Pinheiro, pela quantia de 300,00 cruzeiros, recebida do Sr. Manoel Canuto da Silva e Ana Canuto da Silva, de 1% sobre três mil cruzeiros, por quanto diz ter comprado ao Padre Alvero Lustosa Teixeira de Freitas, uma parte de terras seca constante de 150 braças de frente por 600 de fundos no sitio Compra Fiado, conforme guia. Exatoria das Rendas Estaduais de Brejo Santo em 6 de setembro de 1944. O Escrivão (a) Manoel M. Junior. Exator. (a) Misael F. Pinheiro. " Era o q se continha em dita procuração, certidões e talões do imposto. Dou fé. Depois de escrita esta. Eu, Tabelião li-a perante todos que, reciprocamente, aceitaram, outorgaram e assinam com as testemunhas a tudo presentes Vicente Felix Pires e José Luiz Tavares, assinando a rogo dos Outorgados por serem analfabetos Ana Tavares Lucena e Antonio Celião de Moura. Eu, Manoel Inácio Torres, Escrevente, o escrevi. Em tempo em dita parte de terra contem um cercado e uma casa de taipa. Eu, João Domingos e Silva, Tabelião Interino, o subscrevi e assino em público e raso. Em testemunho da verdade. (JDS). PP/ José Avicena de Lucena. Ana Tavares Lucena. Vicente Felix Pires e José Luiz Tavares. Nada mais se continha. Trasladado em seguida hoje, do próprio original. Dou fé. Dato e assino.

Brejo Santo/Ce., 30 de junho de 2.021



Bel. Francisco Bezerra de Souza Feitosa
1º Tabelião Público

CARTÓRIO N. FEITOSA
1º Ofício
Bel. Fco. Bezerra S. Feitosa
Títular
Brejo Santo - Ceará

CUSTAS E EMOLUMENTOS INCIDENTES	
Nº de Atendimento: 2021082000012	
Total Escrivão: 2,88	2,88
Total FERMJUI: 2,88	2,88
Total Selos: 2,88	2,88
Valor Total=	78,51
Base de Cálculo / Alto com Valor Declarado	
Bem/Registro: 13,00	

Detalhamento da cobrança / Listagem dos códigos da tabela de emolumentos estaduais
Códigos: 001001 / 001008 / 001009 / 001010 / 002025 /

PODER JUDICIÁRIO Cidadao do Ceará	Selo Tipo 4 Certidão? Via2ª Trail Nº AA1173567-C899
--------------------------------------	--



SELO DIGITAL DE AUTENTICIDADE Consulte a validade do Selo Digital em selo.digital.jca.br/portal

Fonte: Cartório Nicodemos Feitosa 1º Ofício – Poder Judiciário – Comarca de Brejo Santo - CE